



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO / MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL**

RENEL FLEURIMA

**A MIGRAÇÃO INTERNACIONAL E A DIÁSPORA HAITIANA: DESENVOLVIMENTO
SOCIOECONÔMICO NO HAITI NO PERÍODO DE 2005 - 2015**

**MACAPÁ
2019**

RENEL FLEURIMA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação / Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento e Planejamento Socioeconômico.

Orientador: Prof. Dr. Jodival Maurício da Costa

Coorientador: Prof. Dr. Handerson Joseph

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá
Elaborado por Cristina Fernandes – CRB-2/1569

Fleurima, Renel.

A migração internacional e a diáspora haitiana :
desenvolvimento socioeconômico no Haiti no período de 2005 – 2015
/ Renel Fleurima ; Orientador, Jodival Maurício da Costa. – Macapá,
2019.

127 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Amapá,
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional.

1. Migração internacional. 2. Diáspora haitiana. 3.
Desenvolvimento socioeconômico - Haiti. I. Costa, Jodival Maurício
da, orientador. II. Fundação Universidade Federal do Amapá.
III. Título.

304.8 F617m

CDD. 22 ed.

RENEL FLEURIMA

**A MIGRAÇÃO INTERNACIONAL E A DIÁSPORA HAITIANA: DESENVOLVIMENTO
SOCIOECONÔMICO NO HAITI NO PERÍODO DE 2005 - 2015**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação / Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Aprovado em: ____ / _____ / 2019

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jodival Maurício da Costa
Orientador MDR/UNIFAP

Prof. Dr. Handerson Joseph
Coorientador MEF/UNIFAP

Prof. Dr. Antônio Sergio Monteiro Filocreão
Examinador Titular Interno – MDR/UNIFAP

Prof^a. Dr^a. Carmentilla das Chagas Martins
Examinadora Titular Externo – MEF/UNIFAP

Resultado: _____

A Deus, que iluminou meus passos para concretização desta dissertação, que significa a realização de um grande sonho.

Às pessoas que são mais importantes na minha vida,
Minha mãe **Eliana Ambréus** e meu pai **Dieula Fleurima**
(in memoriam).

Dedico este trabalho da dissertação, de maneira especial, à minha família: minha esposa, **Micheline Cadet Fleurima**, pelo amor, pela compreensão, pela honestidade e pelo auxílio durante minha caminhada. Aos nossos filhos, **Jéthro-Asaël Fleurima** e **Jédiaël-Hanan Fleurima**, pelo amor incondicional a nós.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao grande Deus do universo, que me ajudou a realizar este sonho difícil durante a realização deste estudo, porque, sem ele, eu não teria obtido sucesso na sua concretização.

À minha esposa, Micheline Cadet Fleurima, e aos meus filhos, Jéthro-Asaël Fleurima e Jédiaël-Hanan Fleurima, pelo carinho e compreensão nesse momento marcado por grande tristeza e saudade.

Aos meus orientadores, Jodival Maurício da Costa e Handerson Joseph, agradeço a paciência durante todo esse processo e também as orientações e valiosas críticas, pois me ensinaram a ser ainda mais exigente com a construção deste trabalho acadêmico.

Aos professores Antônio Sergio Monteiro Filocreão e Carmentilla das Chagas Martins pelas ricas contribuições no trabalho, e por participar da banca de defesa final.

Aos professores Federico Guillermo Neiburg e Eugenia da Luz Silva Foster, que sempre estiveram disponíveis para esclarecer todas minhas dúvidas e por participar como suplentes na banca de defesa.

Ao corpo de docente do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Desenvolvimento Regional pelo aprendizado.

Às Organizações dos Estados Americanos (OEA), à Capes, ao Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação (PAEC) e ao Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB) por proporcionarem a oportunidade de realizar este estudo.

Às professoras Kátia Cilene do Couto, Luciene Santos Lima Vieira, Margarete Gomes e pelas contribuições desde o início até a final da pesquisa.

A todos os colegas e amigos de Mestrado, especialmente ao Dioleno da Silva, Sílvia Bentes e Danielson Iaparra.

Aos meus amigos Marc Donald Jean-Baptiste, Isma Andrévil, Brigil Brigilien, Paula Amorim, e Ana Claudia Lobo pelo carinho e pelos comentários instrutivos durante o trabalho desta dissertação.

Finalmente, a todos aqueles que contribuíram de alguma forma, para que este trabalho fosse realizado, meu grande reconhecimento.

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema central a migração internacional e o desenvolvimento socioeconômico do Haiti. O estudo seguiu a lógica do percurso histórico e recente dos migrantes internacionais haitianos, desde sua vivência de transformação socioeconômica, política e cultural no Haiti, passando pelas motivações de seu deslocamento para outros países, como República Dominicana, Estados Unidos, França, Canadá e Brasil, até sua permanência nesses países. O objetivo geral da pesquisa foi analisar a migração internacional e a diáspora haitiana nas relações de desenvolvimento socioeconômico do Haiti durante uma década. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, tendo como amostras intencionais migrantes haitianos considerados como pessoas destacadas, residentes no bairro São Geraldo e no Centro Comercial de Manaus, ambos na cidade de Manaus-AM. Os procedimentos metodológicos foram organizados em três momentos, sendo: revisão bibliográfica, levantamento documental e pesquisa de campo, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. Os resultados obtidos evidenciaram uma transformação socioeconômica por que passa a família dos migrantes devido às intervenções e à expansão das remessas derivada da diáspora haitiana. Este estudo foi realizado por um pesquisador haitiano, sendo fundamental a reflexão metodológica sobre o seu papel enquanto investigador e, ao mesmo tempo, pertencente ao grupo pesquisado.

Palavras-chave: Migração internacional. Diáspora haitiana. Desenvolvimento socioeconômico.

ABSTRACT

The present research focuses on international migration and socioeconomic development haitian. The study followed the logic of the historical and recent history of Haitian international migrants, from their experience of socioeconomic, political and cultural transformation in Haiti, and the motivations of their displacement to other countries, such as Dominican Republic, United States, France, Canada and Brazil, until its permanence in these countries. The overall objective of the research was to analyze international migration and the haitian diaspora in Haiti's socioeconomic development relations for a decade. This is a research of a qualitative nature, with intentional samples of haitian migrants considered as prominent people residing in the São Geraldo neighborhood and the Manaus of open Market Center, both in the city of Manaus-AM. The methodological procedures were organized in three moments, being: bibliographical review, documentaries survey and field research, carried out through semi-structured interviews. The results obtained evidenced the discovery of a socioeconomic transformation of the family of the migrants due to the interventions and the expansion of the remittances derived from the haitian diaspora. This study was carried out by a haitian researcher, being fundamental the methodological reflection about its role as a researcher and, at the same time, belonging to the researched group.

Key-words: International migration. Haitian diaspora. Socioeconomic development.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|------------|--|----|
| Figura 1 - | Localização dos interlocutores no bairro São Geraldo..... | 17 |
| Figura 2 - | Localização dos departamentos regionais no Haiti..... | 27 |
| Figura 3 - | Dimensão política que leva à migração internacional haitiana..... | 38 |
| Figura 4 - | Aspectos da migração internacional haitiana..... | 74 |
| Figura 5 - | Migrantes haitianos no correio fazendo transferência para Haiti..... | 82 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | | |
|-------------|---|----|
| Gráfico 1 - | Número dos migrantes internacionais haitianos, 2005-2015..... | 28 |
| Gráfico 2 - | Evolução da população haitiana (em milhões de habitantes) | 30 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 - Migração internacional de haitianos para países desenvolvidos e em desenvolvimento..... | 28 |
| Tabela 2 - Evolução do PIB em dólar US por setor - 2005-2013..... | 35 |
| Tabela 3 - Resumo das catástrofes naturais no Haiti durante o período de 2005-2015..... | 45 |
| Tabela 4 - Montante de transferências em dólares americanos por migrantes haitianos de 2005 a 2015..... | 77 |
| Tabela 5 - Envio de remessas aos familiares que permanecem no Haiti..... | 86 |
| Tabela 6 - Valor das remessas dos migrantes haitianos localizados no bairro São Geraldo e no Centro Comercial de Manaus..... | 87 |
| Tabela 7 - Forma de envio das remessas pelos migrantes haitianos entrevistados do bairro São Geraldo e do Centro Comercial de Manaus..... | 91 |
| Tabela 8 - Regularidade de envio das remessas mensais dos migrantes haitianos entrevistados no bairro São Geraldo e no Centro Comercial de Manaus... | 91 |
| Tabela 9 - Finalidade do envio de remessas ao Haiti..... | 93 |

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

| | |
|----------|---|
| BM | Banco Mundial |
| BRH | Banco da República do Haiti |
| CAM | Agência de câmbio de recursos econômicos nacionais e internacionais |
| CARE | Cooperation for American Relief Everywhere |
| CEPAL | Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe |
| CIRH | Comissão Interina para Reconstrução do Haiti |
| CIPP | Classificação Internacional Padrão de Profissões |
| CNUCED | Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento |
| CRS | Serviço Católico de Socorro |
| COHAN | Cooperation Haitiano-Neerlandaise |
| DAES | Département des affaires économiques et sociales |
| EUA | Estados Unidos da América |
| FDH | Fórum da diáspora haitiana |
| FIDA | Fundo de Investimento para o Desenvolvimento Agrícola |
| FNE | Fundo Nacional para a Educação |
| FOCAL | Fundação Canadense pela América Latina-Haiti |
| FONKOZE | Organização de Microfinanças do Haiti |
| GCUB | Grupo Coimbra de Dirigentes de Universidades Brasileiras |
| GOURD | Moeda haitiana |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IHSI | Institut Haïtien de Statistique et d'Informatique |
| IMF | Instituições de Microfinanças |
| INURED | Institut interuniversitaire de recherche et de développement |
| MARNDR | Ministério de Agricultura, Recurso Natural e Desenvolvimento Rural |
| MEF | Ministério da Economia de Finanças do Haiti |
| MHAVE | Ministério dos Haitianos Vivendo no Exterior |
| MINUSTAH | Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti |
| MPI | Migration Policy Institute |
| OEA | Organização dos Estados Americanos |
| OCDE | Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico |
| OIM | Organização Internacional para as Migrações |

| | |
|--------|---|
| OIT | Organização Internacional do Trabalho |
| OMC | Organização Mundial do Comércio |
| OMF | Organização de Microfinanças |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| ONG | Organização não Governamental |
| PAEC | Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação |
| PARDN | Plano de Ação para a Recuperação e o Desenvolvimento do Haiti |
| PIB | Produto Interno Bruto |
| PNH | Police Nationale d’Haiti |
| PNUD | Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento |
| PPGMDR | Programa de Pós-Graduação/Mestrado em Desenvolvimento Regional |
| PPGEF | Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteiras |
| SCH | Serviço Cristão do Haiti |
| TFMH | Transferências Financeiras de Migrantes Haitianos |
| UNICEF | United Nations International Children’s Emergency Fund |
| UNIFAP | Universidade Federal do Amapá |
| USAID | Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional |
| USD | Dólar dos Estados Unidos da América (moeda) |

| | | |
|--------------|--|------------|
| | INTRODUÇÃO..... | 14 |
| 1 | CARACTERÍSTICAS DOS FLUXOS MIGRATÓRIOS INTERNACIONAIS HAITIANOS..... | 24 |
| 1.1 | PROCESSO MIGRATÓRIO HAITIANO: CAUSAS E EVOLUÇÕES DENTRO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS..... | 24 |
| 1.2 | MIGRAÇÃO HAITIANA E CATÁSTROFES NATURAIS: SEUS DESAFIOS..... | 41 |
| 1.3 | MIGRAÇÃO INTERNACIONAL HAITIANA COMO ESTRATÉGIA DAS FAMÍLIAS..... | 49 |
| 2 | MIGRAÇÃO E DIÁSPORA HAITIANA COMO ACUMULAÇÃO DE CAPITAL HUMANO..... | 53 |
| 2.1 | DIÁSPORA HAITIANA..... | 53 |
| 2.1.1 | Diáspora e os costumes culturais no Haiti..... | 57 |
| 2.2 | DESENVOLVIMENTO DE CAPITAL HUMANO E ÊXODO DE COMPETÊNCIAS..... | 60 |
| 2.3 | REDES MIGRATÓRIAS HAITIANAS..... | 64 |
| 2.4 | IMPACTO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS CIRCULARES E DE RETORNO..... | 67 |
| 2.5 | EFEITOS DAS REMESSAS HAITIANAS..... | 71 |
| 2.5.1 | O impacto das remessas no Haiti..... | 73 |
| 3 | DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO E REMESSAS DOS MIGRANTES..... | 79 |
| 3.1 | CARACTERIZAÇÃO DA REMESSA DO MIGRANTE HAITIANO..... | 80 |
| 3.2 | PRESENÇA DOS MIGRANTES HAITIANOS EM MANAUS – AM..... | 97 |
| 3.3 | EFEITOS DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL HAITIANA NO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO..... | 105 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 115 |
| | REFERÊNCIAS..... | 118 |
| | ANEXO..... | 124 |
| | APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... | 125 |
| | APÊNDICE B: ROTEIRO PARA ENTREVISTA..... | 127 |

INTRODUÇÃO

O terremoto ocorrido no Haiti, em 12 de janeiro de 2010, trouxe sérias consequências humanas, políticas e sociais ao país. Traduz-se como uma tragédia única no destino do Haiti, que atesta a extrema vulnerabilidade de uma sociedade marcada por condições de insegurança multifacetada de sua população. Por causa disso, para boa parte dos haitianos, a opção migratória se mostra como último recurso, em face das precárias condições de vida e da insegurança socioeconômica que afetam uma grande parte da população. Nesse sentido, a migração responde à busca por sobrevivência coletiva e individual na proximidade social e econômica em outro país (AUDEBERT, 2012; MARCELIN, 2017).

Por outro lado, pode-se dizer que a migração internacional haitiana contribuiu consideravelmente para a sociedade no Haiti, especificamente, no período de 2005 a 2015, uma vez que há um forte significado simbólico para o sucesso econômico e social que os migrantes proporcionam como retorno à família que permanece no país de origem.

O autor deste estudo, que é haitiano, economista, mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências de Desenvolvimento, graduado em Ciências Econômicas pela Universidade do Estado do Haiti (UEH), chegou ao Brasil para realizar estudos de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), em nível de mestrado acadêmico. Este se deu por meio do Convênio do Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação (PAEC) da Organização dos Estados Americanos (OEA) e do Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB).

Assim, ser haitiano e pesquisador, refletindo sobre o fenômeno de migração internacional e da diáspora haitiana e especificamente nos países de residência, possibilita o desvelamento de memórias, ausências, emoções, entre outros sentidos. Desse modo, cabe destacar um aspecto fundamental: antes de ser pesquisador, sou haitiano, filho de camponeses, que têm vivido a dura realidade social, política e econômica no Haiti e tenho dentro de mim o sentimento de pertencimento àquele lugar.

Dessa forma, esta dissertação tem um significado também pessoal, em referência ao que foi vivenciado nesses dois territórios diferentes – Haiti e Brasil. Portanto, foi um dos motivos de escrever este trabalho em primeira pessoa, a fim de me apresentar e evidenciar a dimensão do meu sentir-pensante, como salientou Martinelli (1999, p. 25),

Não podemos pensar que chegamos a uma pesquisa como “um saco vazio”. Não! Temos vida, temos história, temos emoção! [...] não podemos pensar

que, para mantermos a objetividade, devemos ocultar a emoção. Não existe vida sem emoção. O sujeito não pode ser oculto, nem o pesquisador, nem o pesquisado, ambos são saturados de história, são plenos de possibilidades.

A primeira motivação é referente à extensão atual da migração haitiana no Brasil verificado durante a realização da pesquisa de campo. Fazem-se necessárias mais reflexões acadêmicas sobre essa temática, por meio de um estudo que tenha como foco as compreensões constituídas pelos haitianos no Brasil a partir das ideias e conceitos trazidos por eles sobre seu país de origem. É fundamental, ainda, entender o processo de ressignificação e de construção das relações sociais vivenciadas por eles na nova terra, em comparação com o país de origem.

A segunda motivação se baseia na exigência acadêmica do mestrado em Desenvolvimento Regional na Universidade Federal do Amapá de realização da dissertação como requisito para a obtenção do título. Espero que ele possa ampliar e diversificar as áreas de estudo em Desenvolvimento Regional no Brasil e no Haiti.

Esta dissertação apresenta a seguinte hipótese: a migração internacional e a diáspora haitiana representam uma peça-chave nas relações de desenvolvimento socioeconômico do Haiti (há alguns destinos históricos da migração internacional e da diáspora haitiana, como Estados Unidos, Canadá, França e, ainda, um novo destino: o Brasil). Investiga-se o desenvolvimento socioeconômico decorrente das remessas dos migrantes para suas famílias no Haiti, mas é um elemento da dinâmica de transformação social dentro dessas famílias recebidas.

Tendo em vista os percursos formativos e as reflexões realizadas em conjunto com os orientadores, foi definido como problema central desta pesquisa: a migração internacional e a diáspora haitiana impactam o desenvolvimento socioeconômico do Haiti por meio das remessas advindas delas?

Buscando refletir sobre esse assunto, definiu-se como objetivo principal deste trabalho: analisar a migração internacional e a diáspora haitiana nas relações de desenvolvimento socioeconômico do Haiti no período de 2005-2015. Como objetivos específicos foram propostos os seguintes:

- Estudar as mudanças dos fluxos migratórios internacionais haitianos cinco anos antes e cinco anos depois do terremoto ocorrido em 2010 no país;

- Mapear o perfil e as redes migratórias dos migrantes internacionais haitianos qualificados profissionalmente, cinco anos antes e cinco anos depois do terremoto ocorrido em 2010 no país;

- Investigar os aspectos da migração internacional dos haitianos no processo de desenvolvimento socioeconômico do Haiti advindo das remessas.

Os procedimentos metodológicos utilizados foram organizados em três momentos, sendo: revisão bibliográfica, levantamento documental e pesquisa de campo. Optou-se por realizar uma revisão bibliográfica tendo em vista que outros autores abordaram essa questão. Algumas pesquisas relacionadas à temática migração internacional e diáspora haitiana foram selecionadas e estudadas. São artigos, monografias, teses, dissertações, relatórios de pesquisa, livros, periódicos, entre outros, produzidos por autores brasileiros e por autores e intelectuais haitianos.

Segundo Gil (2008), embora, em quase todos os estudos, seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo.

Além da busca por dados de pesquisa em documentos relacionados ao tema de estudo, outros dados foram aplicados à pesquisa e integram produções escritas, arquivos locais, jornais locais. Também foram utilizados relatórios, documentos básicos, obras específicas sobre a migração e o desenvolvimento socioeconômico, bem como foi realizada pesquisa em periódicos, outros documentos, ensaios e teses, dissertações, obras de referência, que contêm dados adicionais úteis para a caracterização da população diáspórica haitiana. Além desses, também foram consultados documentos orientadores das agências multilaterais que atuam no Haiti.

A pesquisa de campo foi realizada por meio de duas técnicas, observação participante e entrevistas com roteiro semiestruturado, com a população de haitianos residente no município de Manaus, mais particularmente no Bairro São Geraldo e no Centro Comercial de Manaus, que são locais onde se concentram muitos haitianos, de acordo com o padre haitiano responsável pela Igreja São Geraldo. Ambos os locais são assistidos pela Arquidiocese Metropolitana de São Geraldo.

Na observação participante realizada, foi percebido uma forma de solidariedade interna e laços de fraternidade entre as pessoas, que se socializam na Igreja, nos espaços públicos reservados a elas.

De acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), São Geraldo, bairro do município brasileiro de Manaus, capital do Estado do Amazonas, localiza-se na zona centro-sul da cidade. Sua população era de 7 599 habitantes em 2010 e estimada

para 8 677 em 2015. Com uma densidade geográfica de 7 271, 77 hab./km² e sua área de 104,50. São Geraldo está localizado numa área de 104 hectares e faz fronteiras com os bairros Presidente Vargas, Chapada, Nossa senhora das Graças, Centro e separado de São Raimundo e São Jorge pelo Igarapé do Mindu. Tem como vias principais as avenidas Constantino Nery e Djalma Batista, parte da Rua Pará e João Valério.

Figura 1 - Localização dos interlocutores no Bairro São Geraldo



Fonte: Elaboração própria a partir do Google Maps (2018).

A história do bairro de São Geraldo remonta ao fim do século XIX, quando se deu nas proximidades a instalação da Companhia de Transportes Vila Brandão, que fazia o percurso, por meio de bondes, do Mercado Público Municipal até a Cachoeira Grande, antiga fonte de abastecimento de água do município de Manaus (IBGE, 2015). A companhia foi construída em 1888 e estava situada onde hoje é o bairro de São Jorge.

Cachoeira Grande, naquela época, era interligada ao restante da área urbana por uma estrada, que é hoje a Avenida Constantino Nery e parte da João Coelho. No século XX, eram

comuns as estradas de penedia e a vida ritmada pelos bondes. O lugar estava localizado entre as avenidas Constantino Nery, João Coelho e estrada João Alfredo, hoje Djalma Batista. O bairro ganhou o nome de Bilhares, pelo fato de haver um antigo estabelecimento de jogos de bilhar, que vendia também vinhos e outras bebidas alcoólicas. A mudança de nome do bairro para São Geraldo deu-se apenas na segunda metade do século XX.

Nessa população do bairro de São Geraldo, foi difícil encontrar os dados exatos sobre o número de haitianos que lá estão vivendo. O padre haitiano Jameson Mercure, da Paróquia São Geraldo, forneceu um documento denominado “Centro de Estudos Migratórios” para coletar esses dados, e um dos responsáveis pela Igreja São Geraldo me indicou os “Cadernos de migração e a memória da chegada de migrantes haitianos a Manaus” da cidade para coletá-los.

Quando ocorreu o encontro com o padre Jameson Mercure, responsável pelos migrantes haitianos residentes no bairro São Geraldo e ligados à paróquia de mesmo nome, este informou que a Igreja São Geraldo e a pastoral dos migrantes possuem dados referentes apenas aos haitianos que são atendidos pela instituição no município de Manaus, nos bairros São Geraldo e Centro Comercial de Manaus.

Observou-se que a igreja não tem dados de todos os migrantes haitianos, nem dados exatos sobre aqueles que vivem nesses bairros. Outras instituições, como a Polícia Federal e a Prefeitura Municipal de Manaus, também não possuem essas informações com exatidão. Contudo, segundo o padre e o que consta em outro documento que foi cedido, existia uma comunidade com cerca de 1,8 mil migrantes haitianos no bairro de São Geraldo, em 2014.

Cabe destacar que esta pesquisa é de natureza qualitativa porque tem como objetivo trazer à tona o que os interlocutores pensam a respeito do que está sendo pesquisado, não é só a visão de pesquisador em relação ao problema, mas é também o que os interlocutores têm a me dizer a respeito da mesma (MARTINELLI, 1999). Esse aspecto qualitativo da pesquisa possibilita identificar e evidenciar as compreensões dos migrantes por meio do contato direto com eles.

Trata-se, portanto, de outra ambiência, onde vamos privilegiar instrumentos que superam o questionário, o formulário e que vão incidir mais na narrativa oral, na oralidade. Se quisermos entender modos de vida, temos que conhecer as pessoas. Esse é o motivo pelo qual as pesquisas qualitativas privilegiam o uso de uma abordagem em que o contato do pesquisador com os interlocutores ou entrevistados é muito importante. (MARTINELLI, 1999, p. 22).

Os interlocutores da pesquisa, considerados como pessoas destacadas em referência às atividades que realizam nas comunidades das quais pertencem, foram intencionalmente escolhidos para a realização das entrevistas. A mostra intencional da pesquisa foi constituída por um total de vinte e seis migrantes haitianos escolhidos.

Dos 26 interlocutores, oito foram encontrados no Centro Comercial de Manaus, todos do sexo masculino e 18 no bairro São Geraldo, do sexo feminino. As idades variaram entre 20 a 50 anos. Os interlocutores, considerados pessoas de destaque, foram identificados durante minha pesquisa de campo e cada um deles me informou como encontrar outros; ou seja, foram identificados por meio da observação participante e segundo a referência dos próprios entrevistados.

Os migrantes entrevistados têm características diferentes, como, por exemplo, idade, estado civil, sexo e regiões de nascimento no Haiti. Alguns deles passaram por vários países para chegar ao Brasil. Os países mais citados pelos migrantes haitianos são a Venezuela e a República Dominicana. Alguns moraram nesses países por cerca de 14 anos e, devido a dificuldades econômicas, políticas e sociais, se veem forçados a sair e vir para o Brasil.

Quando indagado sobre os motivos do seu deslocamento do Haiti para a República Dominicana, Marise Ciné¹ respondeu:

Eu morei quase minha vida inteira em Leogane, no departamento a Oeste do Haiti. Durante um bom tempo, 13 anos antes de vir para o Brasil, eu fiz ida e volta entre minha cidade e a República Dominicana para fazer comércio entre as duas cidades, passei tanto tempo no Haiti, quanto na República Dominicana. O objetivo principal de minha saída era melhorar minhas condições econômicas, pois havia casado e tive filho cedo para cuidar. Marise Ciné 40 anos, chegou ao Brasil em 2013, moradora do bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

Joane Joseph que nasceu no Haiti com a esperança de deixar o Haiti depois de concluir estudo de ensino médio, mas ela foi para a República Dominicana, onde passou cinco anos e depois para o Brasil. O encontro com ela ocorreu no Centro de Mercado de Manaus, sendo um dos dois lugares da pesquisa do campo, enquanto ela vendia roupas como meias, camisas e vestidos.

Essa mobilidade constatada no percurso da Joane Joseph antes de migrar para o Brasil é um elemento importante para o entendimento dos aspectos da cultura migratória do ser

¹O nome de Marise Ciné e outros nomes dos interlocutores são fictícios para preservar o anonimato deles por questões éticas na pesquisa.

haitiana discutida ao longo do trabalho. Migrar não é uma novidade para a população haitiana, mas sim uma atividade cotidiana.

Eu vivi em Gonaives até meus 21, 22 anos, deixei para ir à República Dominicana com vista de estudar, mas, quando cheguei lá, não deu certo. A gente foi obrigada a começar a trabalhar [...] morei 5 anos na República Dominicana, depois deixei para ir na Venezuela como meu pai, que já morou lá há 15 anos. Vivi lá durante dez anos, depois vim para o Brasil, eu queria ir para o Canadá. Eu e minha irmã fizemos uma solicitação de visto, que foi recusada. Nós ficamos um tempo, e hoje decidimos viver no Brasil. Joane Joseph 31 anos, chegou ao Brasil em 2015, moradora do bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

As entrevistas com os migrantes haitianos, considerados como pessoas de destaque na comunidade, foram realizadas entre maio e junho de 2018. Os referidos entrevistados foram escolhidos considerando os elementos conceituais que contribuíram para a composição de uma amostra intencional, fundamental para garantir o pressuposto da singularidade do entrevistado nesta pesquisa.

O roteiro foi elaborado em crioulo e francês (línguas nativas) e em língua portuguesa. Todas as entrevistas foram realizadas nas línguas nativas dos interlocutores. No momento das entrevistas, foram entregues duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para assinatura dos interlocutores, caso concordasse em participar do estudo. Uma das vias do termo ficou com o participante e a outra, com o pesquisador, tendo sido, dessa forma, obtida a autorização dos interlocutores para a gravação das entrevistas.

As entrevistas foram transcritas, sistematizadas e traduzidas pelo pesquisador do crioulo e francês para o português conforme a norma culta padrão, preservando-se sempre as informações, os sentidos e as expressões dos relatos. As gravações foram apagadas, assim como as transcrições, após o término da pesquisa.

A técnica de análise de conteúdo foi utilizada para analisar as entrevistas realizadas com esses sujeitos, Setúbal (1999, p. 73) salienta que:

Uma técnica de compreensão, interpretação e explicação das formas de comunicação (escrita, oral ou icônica) tem como objetivos: ultrapassar as evidências imediatas, à medida que busca a certeza da fidedignidade das mensagens socializadas e a validade da sua generalidade; aprofundar, por meio de leituras sistemáticas e sistematizadas, a percepção, a pertinência e a estrutura das mensagens.

Para o autor, “a técnica se apresenta como uma proposta metodológico-dinâmica que se faz permanentemente por meio de uma interação contínua com o analista” (SETÚBAL, 1999, p. 61).

É importante relatar que foi muito difícil obter as entrevistas. Em um primeiro momento, o objetivo foi de entrevistar 20 pessoas em cada bairro. No entanto, cerca de 15 interlocutores escolhidos se recusaram a participar da pesquisa. Alguns alegaram que não sabiam muito sobre a realidade haitiana e que não tinham nada a dizer; outros utilizaram como justificativa a questão da dificuldade com a língua portuguesa. Quando esclareci para eles que as entrevistas seriam realizadas em crioulo ou francês, consegui agendá-las. Entretanto, no dia da entrevista, eles não quiseram mais contribuir com a pesquisa.

Assim, para dar continuidade à pesquisa, foi necessário substituí-los por outros interlocutores, do Centro Comercial de Manaus. Portanto, ao considerar os aspectos especiais da pesquisa, o fato de ser haitiano possibilitou ao pesquisador desenvolver várias estratégias de integração nas comunidades. Estas estratégias evidenciaram o envolvimento do pesquisador nas comunidades haitianas do bairro São Geraldo em Manaus, capital do Estado do Amazonas, e objetivou diminuir as possíveis barreiras entre pesquisador e comunidade, o que representa uma forma de negociação com a comunidade para realizar a pesquisa.

Na primeira entrevista, realizada no bairro São Geraldo, encontrou-se um interlocutor haitiano de nome Saint-Vilord, de 44 anos, homem casado que vive com sua esposa e com dois filhos, mas é dono de restaurante, muito frequentado por haitianos, localizado próximo da igreja de São Geraldo. O mesmo explicava que sua trajetória foi difícil, então estava esperando o visto por dois anos no Haiti, mas não conseguiu, e era forçado a entrar na fronteira do Acre de forma irregular, e seguiu para Manaus, explicando agora que é o dono deste restaurante depois de ter regularizado seu documento.

Então, apontou que seu estabelecimento é frequentado, em maior parte, por migrantes haitianos da localidade. No momento em que estava sendo oferecida uma refeição no restaurante na hora do almoço, optou-se por entrar e conversar com ele, dizendo que gostaria de comer a comida haitiana. Ele respondeu com um sorriso e disse haver vários tipos de refeições, como bananas fritas, arroz com feijão e sopa. Então, visando estreitar laços, após breve conversa, foi solicitada a ele uma refeição, para, também, observar o fluxo no local.

Depois de ter terminado de comer, foi dialogado, com ele, vários assuntos, como a fé cristã, por exemplo, pois ele já havia dito que o bairro era de predominância Católica. Disse que a Igreja Católica fez muito por ele, ao doar o lugar para estabelecer o restaurante e seus amigos, e que não há outra religião os tenha ajudado tanto a realizar seus sonhos no

envolvimento socioeconômico de forma pessoal e de ajudar também a família permanecer no Haiti.

Ele começou a falar sobre outros haitianos que trabalham com comércio de vários tipos, como picolés e vestidos etc., para ganhar dinheiro e ajudar suas famílias. Essa conversa foi outra muito importante para o desenvolvimento da pesquisa, foi a porta de entrada na comunidade. Cada vez que se ia à comunidade, todos os negociantes haitianos já se familiarizavam com o pesquisador, uma vez que o dono do restaurante, com quem se havia conversado, já havia comentado sobre a pesquisa aos outros haitianos que frequentavam seu estabelecimento. É importante ressaltar que os haitianos que frequentam a paróquia do bairro só comem nesse restaurante, apesar de haver muitos outros nessa comunidade onde fica uma boa parte dos migrantes haitianos.

Diante do exposto, é possível perceber que, logo nos primeiros contatos, houve certo sucesso no alcance dos objetivos propostos e da verificação da hipótese enunciada, possibilitando que se estruturasse esta dissertação em três capítulos.

No capítulo 1, intitulado “Características dos fluxos migratórios internacionais haitianos”, procurou-se analisar as origens e as razões históricas da evolução da migração no Haiti, refletindo sobre o processo de deslocamento da população do país como fenômeno social e histórico, com raízes na consolidação do país como uma economia dependente. Este resgate histórico cobrirá as principais fases estruturais da formação econômica e social do Haiti, refletindo sobre a relação entre o desenvolvimento socioeconômico e a mobilidade da população, especialmente a população internacional.

O capítulo 2, intitulado “Migração internacional e diáspora haitiana: desenvolvimento da acumulação de capital humano” buscou mapear os perfis de processos históricos e os efeitos da migração internacional e da diáspora haitiana, definindo mais precisamente em perspectiva histórica a expressão muito conhecida dentro da população “diáspora haitiana”. Analisam-se as principais manifestações desta mobilidade e as transformações que a condicionam através de suas contínuas contribuições políticas, econômicas, sociais e de fortalecimento familiar ao Haiti.

No capítulo 3, intitulado “Migrantes internacionais haitianos: as relações entre remessas e desenvolvimento socioeconômico no Haiti”, investigam-se as principais características da presença haitiana nas relações internacionais, especificamente no Brasil onde a pesquisa do campo foi feita, a partir de Manaus. Por último, são apresentadas as considerações finais do estudo.

Essas seções se fundamentaram nos dados obtidos em pesquisa de campo de natureza qualitativa na cidade de Manaus, sobre as condições do processo de integração de comércio como a força de trabalho haitiano no mercado informal em Manaus, particularmente no bairro São Geraldo e no Centro Comercial de Manaus. Por fim, apresentam uma perspectiva de investigação sobre as remessas de migrantes internacionais haitianos – situados nesse contexto de emprego precário, principalmente no mercado de trabalho informal – capazes de sintetizar a relação entre a redefinição dos fluxos migratórios, a opção pelo Brasil e a manutenção de vínculos familiares por meio do envio dessas remessas (que serão tratadas no decorrer dos capítulos).

1 CARACTERÍSTICAS DOS FLUXOS MIGRATÓRIOS INTERNACIONAIS HAITIANOS

1.1 PROCESSOS MIGRATÓRIOS HAITIANOS: CAUSAS E EVOLUÇÕES DENTRO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A migração é constitutiva do processo dos Estados nacionais (CASTLES; MILLER, 2009). Conflitos, evoluções tecnológicas e crescimento demográfico são fatores que, ao longo da história, impulsionaram a mobilidade das pessoas. Além disso, as migrações também constituíram elemento estrutural de grandes eventos da história como o colonialismo, a industrialização, a formação do mercado de trabalho para o capitalismo e, como dito, a formação dos Estados nacionais.

Também se tornaram cada vez mais importantes, à medida que a globalização avança, pois, com esse fenômeno, as relações entre países aumentam, uma vez que as economias se tornam cada vez mais interdependentes. Por isso, as condições dos mercados de trabalho são modificadas, essas alterações estimulam os movimentos migratórios sobre diversas modalidades. Por outro lado, a disseminação e expansão de meios de comunicação e de transporte de passageiros estimulam a migração, produzindo várias formas de combinação entre capital e trabalho, produto desses novos fluxos de pessoas.

Nesses movimentos, não somente os trabalhadores migraram, empresas também tendem a migrar para outras cidades, onde há instalações e vantagens para terminar o processo de produção iniciado no local de origem, mas essencialmente o que é procurado são regiões inovadoras que exibam os requisitos mínimos de produção e sejam eficientes na conclusão dos bens.

Dizer que as migrações são hoje um fenômeno global não se refere tanto ao volume destes movimentos que foram significativos também em outros momentos da história, mas ao fato que hoje elas interessam a quase todos os locais do Globo. Também significa que as migrações estão submetidas às transformações que os processos globais transnacionais imprimem às relações sociais, econômicas e políticas na contemporaneidade. As migrações estiveram inseridas nos contextos das outras grandes transformações de cada época. (BARALDI, 2014, p. 15).

Em outras palavras, podemos frisar como pesquisador, que com a desigualdade socioeconômica, migrar tornou-se uma necessidade, seja de empresas, capital ou pessoas em busca de melhores condições de vida e de trabalho. São elementos relevantes a desenvolver

uma vocação migratória, uma vez que competir no mercado mundial significa poder penetrar nos mercados estrangeiros. E isso é válido para qualquer um dos elementos anteriormente mencionados. Não é por acaso que o fenômeno migratório é importante do ponto de vista econômico, entre outros. Esta condição é multiplicada pelas contribuições das empresas na criação de emprego ou quando os migrantes estrangeiros são recebidos em outro país ou quando os migrantes enviam suas remessas para as empresas emissoras.

A reflexão proposta conecta com a temática desta pesquisa de dissertação, que considera que o desenvolvimento socioeconômico é definido como uma transformação e melhoria de recursos, maneira pela qual um migrante ou uma sociedade aloca meios limitados para a satisfação de necessidades numerosas e ilimitadas no sentido socioeconômico. E, com referência aos migrantes internacionais haitianos, exige participação ativa. Torna-se, assim, um conceito dinâmico para representar atividades econômicas ou produtivas geradoras de renda, realizadas individualmente ou coletivamente.

É também a melhoria de vida familiar dentro de uma sociedade. Associadas ao desenvolvimento socioeconômico dos migrantes internacionais há ainda as ações para melhorar as condições de produção de suas famílias nos países de origem. Incluem-se os fatores que sustentam esse desenvolvimento nos níveis econômico, político e social.

Neste estudo, o desenvolvimento socioeconômico é medido de acordo com o exercício da atividade econômica e o envio de recursos financeiros (remessas). A contribuição socioeconômica torna-se, assim, um meio para que as famílias dos migrantes em seus países de origem tenham acesso a um maior bem-estar, proporcionando maior integração social.

Segundo Abdelmalek Sayad (1999), é difícil estabelecer vantagens da migração (haitiana) para fins do desenvolvimento, uma vez que fatores não controláveis estão envolvidos e é um processo que, dependendo do tipo de migrante, pode ser considerado com recurso inovador, mas também varia de acordo com os migrantes envolvidos, que criam fontes de emprego nos países aonde chegam ou aqueles que são incorporados na estrutura ocupacional do país de residência.

“Do ponto de vista conceitual, a migração internacional se vincula à ideia de Estados nacionais, materializando-se por meio do cruzamento das fronteiras políticas destes” (CASTLES, 2009, p. 27). Assim, as migrações internacionais só acontecem porque existem as fronteiras. Juridicamente, deveriam constituir a exceção no sistema de Estado-Nação, que se constrói sobre a tríade: governo, povo e território, em que um povo estável (ou estabilizado), localizado em um território definido, é ligado a um governo e a um ordenamento jurídico que

possui jurisdição (poder) sobre aquele território. O migrante é aquele membro de um Estado que se desloca para outro território e, portanto, coloca-se sob a jurisdição desse outro Estado.

Esses movimentos, no entanto, nunca foram exceção, o que revela o caráter excludente do Estado-Nação em sua origem (SAYAD, 1999; BAENINGER, 2013). A diferenciação entre nacionais e não nacionais cada vez menos se justifica diante da internacionalização dos direitos humanos, através da institucionalização e da regulamentação internacional destes, principalmente a partir da segunda metade do século XX.

Migração vem do latim *migratio*, que significa “deslocar-se de um lugar para outro”, envolve Estados nacionais diferentes. A migração é tratada principalmente nesta perspectiva como os conceitos de movimento social (DIAS; SILVEIRA, 2005). A partir do conceito de Estado nacional, migração indica a entrada de pessoas de outros países em seu território, e também, por sua vez, a saída de pessoas deste. Em alguns casos, estrangeiros que deixam o país. “Esta é uma realidade cada vez mais presente no atual cenário de crescente transnacionalismo, em que é comum migrar mais de uma vez durante a vida, estabelecendo-se múltiplos vínculos de pertencimento” (BARALDI, 2014, p.17).

Do início do século XX até os dias atuais, os processos de mobilidade internacional haitiana podem ser resumidos por grandes fluxos em períodos diferentes. Alguns territórios como a República Dominicana, Estados Unidos, Canadá, França, recentemente Brasil e algumas ilhas caribenhas (Bahamas, Martinica, Guadalupe) e Guiana Francesa, têm uma permanência importante nessas diferentes configurações da migração. No entanto, deve notar-se que a migração haitiana foi desencadeada pelas mudanças estruturais provocadas pela ocupação americana (1915-1934) e pelo subsequente recrutamento de trabalhadores agrícolas em seus países vizinhos (República Dominicana), que se tornou um fenômeno generalizado da década de 1950.

Segundo St. Hubert (2012), OIM (2014), os Estados Unidos da América, o principal país de migração haitiana, acolheram entre 1965-1977 cerca de 75 mil migrantes haitianos, 98% deles aterram com o título de migrante, contra 2% que se ajustaram para entrar com outro título (turista em situação irregular). A Figura 2 mostra que a Ilha do Haiti está na Bacia do Caribe e contém dez departamentos.

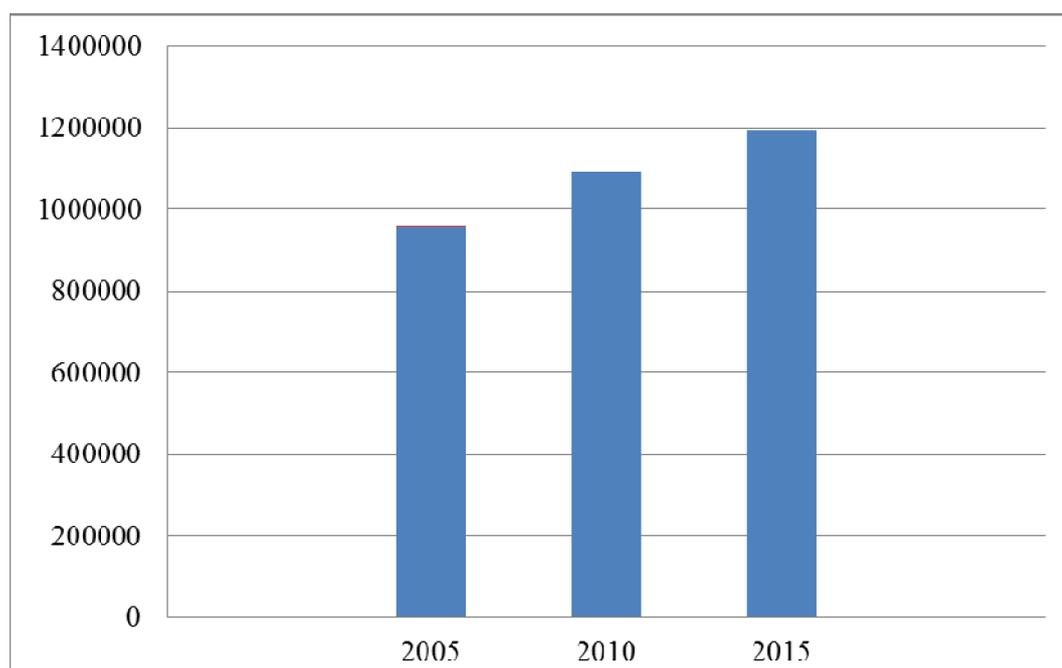
Figura 2 - Localização dos departamentos regionais no Haiti



Fonte: Ministério da Educação Nacional, Juventude e Desporto do Haiti, PARQE (2018).

A questão da migração internacional haitiana também é constituída por um número crescente de pessoas que saem do país: em 2015, cerca de 1,2 milhão de haitianos viviam no exterior, ou quase 11% da população (MARCELIN, 2017). O Gráfico 1 e a Tabela 1 que apresentam uma visão sobre o fluxo dos migrantes haitianos e, também, sua distribuição para países desenvolvidos e países em desenvolvimento.

O Haiti é um país do Caribe em uma área de 27.750 km². Sua população em 2015 foi estimada em 10,5 milhões de habitantes (IHSI, 2015), constituindo os dez departamentos da região Noroeste, Norte, Nordeste, Artibonite, Centro, Oeste, Sudeste, Nippes, Sul e Grande-Anse. Em 2005, o número de migrantes era próximo de 1 milhão (correspondendo a 10,4% da população) (MARCELIN, 2017). É importante destacar que a instabilidade política, a opressão econômica e/ou as catástrofes naturais contribuíram para a configuração de novos fluxos migratórios.

Gráfico 1 - Número dos migrantes internacionais haitianos, 2005-2015

Fonte: DAES (2015), organizado pelo autor (2018)

A maioria dos haitianos está em países desenvolvidos, embora a porcentagem de migrantes haitianos nos países em desenvolvimento tenha aumentado ao longo do tempo, constituindo novos polos do espaço internacional haitiano, como Brasil e Chile, depois da tragédia do terremoto ocorrido em 2010. O número de haitianos estimados, além daqueles que viajam com passaportes e vistos, outros estão em situação indocumentado, além disso, é impossível mensurar um mundo em mobilidade como é o caso dos haitianos.

Tabela 1 - Migração internacional haitiana para países desenvolvidos e em desenvolvimento

| Anos | 2005 | 2010 | 2015 |
|---|----------|-----------|-----------|
| Total | 9 57 722 | 1 092 025 | 1 200 940 |
| Países desenvolvidos | 617 857 | 702 804 | 870 662 |
| Países em desenvolvimento | 339 865 | 389 221 | 330 278 |
| Porcentagem de vida em países desenvolvidos (%) | 64.5 | 64.3 | 72.5 |

Fonte: DAES (2015), organizado pelo autor (2018)

“Cerca de 300 mil haitianos são vítimas do terremoto, mas boa parte deles optara por migrar na América Latina e região do Caribe como Bahamas, Cuba, Curaçao, St. Thomas, República Dominicana, Brasil e Chile” (OCDE; INURED, 2017, p. 15). Porém, estão entre os países de destino onde os haitianos são mais marginalizados causas da irregularidade e situações socioeconômicas.

Os migrantes entrevistados durante o trabalho de campo, questão mais ampla no capítulo três, muitas vezes em situações irregulares e baixas condições socioeconômicas, ficam extremamente vulneráveis nos países onde passam e chegam, uma vez que são frequentemente vítimas de violação dos direitos humanos e trabalhistas. Embora a vulnerabilidade dos migrantes entre os haitianos não seja nova, nos últimos anos, essa situação se tornou cada vez mais complexa. Por exemplo, muitos migrantes haitianos foram atraídos para o Brasil na busca por melhores oportunidades.

No entanto, devido a recentes crises políticas, econômicas e sociais por que passa este país, alguns daqueles que já estavam aqui se mudaram para outros destinos na América do Sul e no Caribe, enquanto outros embarcaram em viagens terrestres perigosas, incluindo a fronteira entre Estados Unidos da América (EUA)-México e outros desafios migratórios (MARCELIN, 2017).

Em 2013, a desnacionalização de pessoas de origem haitiana na República Dominicana colocou mais de 130 mil pessoas em risco de serem apátridas, das quais 76% eram crianças (OCDE e INURED, 2017; UNICEF, 2016). Menos de um mês após a decisão do tribunal dominicano, mais de 50 mil pessoas de origem haitiana foram deportadas da República Dominicana.

Entre junho de 2015 e dezembro de 2016, cerca de 160.452 (cento e sessenta mil quatrocentos e cinquenta e dois) pessoas cruzaram a fronteira entre a República Dominicana e o Haiti, das quais 2.551 (duas mil quinhentos e cinquenta e um) foram identificadas pela Organização Internacional para as Migrações (OIM) como menores não acompanhados. (UNICEF, 2016, p. 3).

Neste trabalho da dissertação sugere que as pessoas mais vulneráveis e em situação irregular não receberam ajuda dos governos dominicanos ou haitianos. A situação especial dos haitianos na República Dominicana e o fato de que esses dois países compartilham uma fronteira, em grande parte porosa, têm empurrado as organizações de direitos dos migrantes no Haiti a se dedicarem ao trabalho de defesa dos direitos humanos e do trabalho.

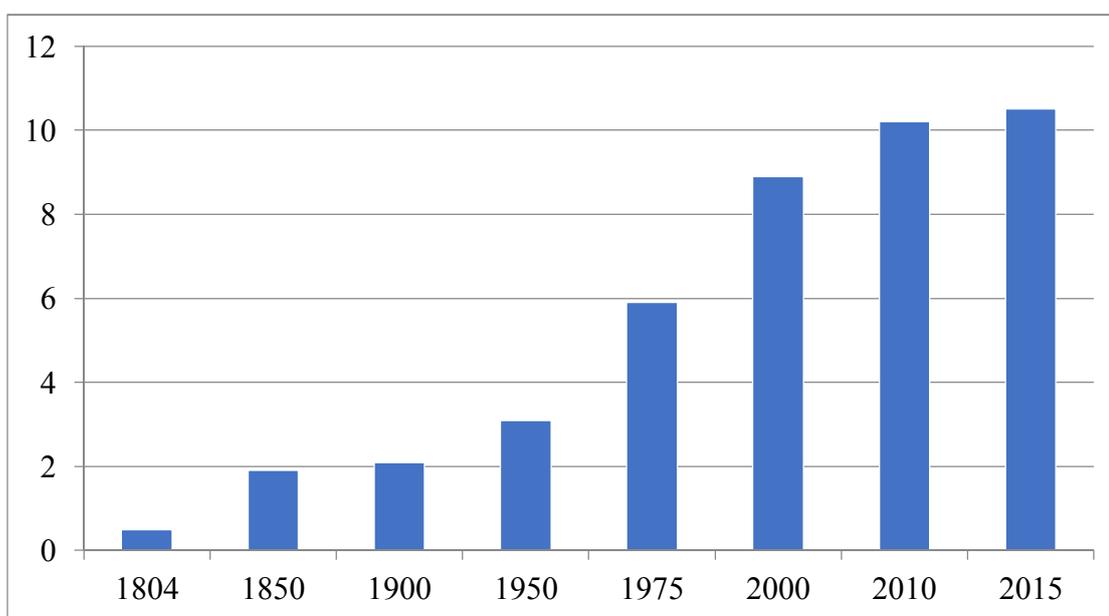
As deportações periódicas em larga escala de haitianos de vários países das Américas ilustram a deterioração dos princípios básicos dos direitos humanos (HANDERSON, 2017;

MARCELIN, 2017), em particular para os migrantes pobres, uma vez que a marginalização econômica na era da globalização os obriga a se moverem.

Desde a Proclamação da Independência em 1804, o povo haitiano teve escassez de recursos produtivos, resultado do militarismo agrário,² que, sobre as ruínas incandescentes do sistema colonial e escravo, com um efetivo de cerca de 500 mil habitantes, era rapidamente alcançado em 1950, quando iniciou o primeiro censo do Haiti: 3.097.220 habitantes.

Em 1971, havia 4.329.991 pessoas no Haiti, com uma taxa de crescimento da população de 1,6%. Em 1982, elevou-se a cerca de 5 milhões, na sequência de uma taxa de crescimento de 1,4%. Em 2003, no último censo, existiam 8.373.750, refletindo uma taxa de crescimento de 2,5% (IHSI, 2015).

Gráfico 2 - Evolução da população haitiana (em milhões de habitantes)



Fonte: IHSI (2015), organizado pelo autor (2018)

²O militarismo agrário significa medidas arbitrárias e coercivas tomadas pelos sucessivos governos haitianos (1801-1843) para gerir a distribuição e uso de terras agrícolas. Esta política decorre da cultura agrária Sonthonax e regulamentos propostos pela Toussaint Louverture após a abolição geral da escravatura em 1793. Estas normas foram estabelecidas pela Ordem de 18 de maio de 1798, a regulamentação policial de 12 de outubro 1800, a Constituição de 13 julho de 1801, o Decreto de 7 de maio 1801 e o Decreto de 24 de novembro de 1801. O principal objetivo dessas políticas, administrativo e jurídico, foi reiniciar oficinas e grandes áreas desertas por ex-escravos e restaurar a prosperidade do espaço insular. O Código Rural de 1826, promulgado por Jean-Pierre Boyer, é uma perfeita ilustração desta política produtiva autoritária. Confrontados com esta posição quase servil, os pequenos agricultores ou camponeses se refugiaram em áreas montanhosas remotas do país (DORVILIER, 2010).

Paralelamente a esse importante ritmo de aumento populacional, houve uma diminuição do crescimento econômico no Haiti. Como exemplo, cita-se o período contemporâneo (1950 até os dias atuais), além da “década gloriosa” (1970-1980), durante a qual a economia haitiana experimentou algum crescimento, principalmente relacionado às atividades de turismo e manufatura, o desenvolvimento econômico não acompanhou esse importante crescimento populacional.

Este fato decorre, especialmente, devido à turbulência política que desencorajou o investimento produtivo e provocou, além disso, a desintegração das indústrias de subcontratação e turismo, a taxa média anual de crescimento do PIB per capita diminuiu em 2,0% do PIB de 1980 a 1990, e 2,7% de 1990 a 2000. Além disso, a contribuição do setor agrícola, que “concentra 49,6% dos ocupados, dos quais 93,3% estão nas áreas rurais, na produção nacional evoluíram negativamente; passou de 30,9% em 1996 para 26,2% em 2000 e 25,4% em 2006” (DORVILIER, 2010).

Essa situação socioeconômica, que é diacronicamente constituída por duas dinâmicas (reprodutiva e produtiva), a saber, o crescimento populacional acelerado e o declínio econômico contribuíram para a desaceleração de uma possível decolagem econômica. Isso mergulhou o país em uma “armadilha do subdesenvolvimento”.

De fato, 56% da população haitiana estão enquadradas abaixo da linha de extrema pobreza, estabelecida em US \$ 1 por pessoa por dia; e 76% delas vivem com menos de US \$ 2 por dia. E nas áreas rurais 63% da população vivem em extrema pobreza; a incidência da pobreza e da extrema pobreza é muito maior. No que diz respeito à pobreza extrema nas áreas rurais, nestas é três vezes maior do que nas cidades. A grande maioria dos 74% pobres do país vive em áreas rurais, onde a agricultura é a principal atividade geradora de renda e os serviços sociais básicos são quase inexistentes (DOURA, 2010; DORVILIER, 2010).

Estes são alguns fatores que explicam o porquê a maioria dos haitianos deixa o país, indo para o exterior. As debilidades estruturais são as principais causas dos problemas sociais e econômicos do país. Sendo, por natureza, uma questão transversal. A governança sobrepõe extensivamente todas as entidades da sociedade que geram obstáculos à operação de cobrança de impostos, que buscam a racionalização da despesa pública e a capacidade do aparelho de Estado para a criação de um serviço de administração e proximidade com a promoção de associações, que assegurem uma gestão compartilhada de questões sociais entre o Estado e sociedade civil.

A economia do Haiti é atravessada por antagonismos profundos que constituem gargalos para o processo sustentável de acumulação de riqueza. Estes antagonismos são

reforçados pela longa recessão ocorrida na década passada, de 2000-2010. Pode-se destacar, como pesquisador haitiano, que a pressão populacional e o baixo nível de preparação da população economicamente ativa prejudicam o desenvolvimento do setor agrícola, alimentando a expansão da economia informal, o que impõe encargos adicionais para o estabelecimento e a manutenção de infraestruturas sociais. Além disso, deve sublinhar-se que a insegurança alimentar e abnegação para atividades rurais ampliaram a produção agrícola de baixo nível.

As demandas de migração nos países desenvolvidos dependem do contexto histórico. Após a Segunda Guerra Mundial, a abertura dos países da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) ao recrutamento de trabalhadores dos países do Sul (subdesenvolvidos) foi relativamente forte. Após o choque do petróleo, em meados da década de 1970, houve uma desaceleração ou mudança de perspectiva. Com a consequente crise do emprego na Europa, foi dado maior ênfase à limitação da migração para uma exigência qualificada.

É nesse novo contexto que organizações internacionais, como o Banco Mundial (BM), o Fundo de Investimento para o Desenvolvimento Agrícola (FIDA), entre outras, levantaram a questão dos vínculos positivos entre migração e desenvolvimento econômico nos países de origem, ao reverterem uma relação predominante no período anterior. Verificou-se que a migração do Sul para os países do Norte era dos fatores desfavoráveis e outros favoráveis com base no êxodo de competências, profissionais altamente qualificados e cientistas. Com esse argumento, foram os países do Sul que financiaram o desenvolvimento do Norte, através do volume inicial de seu capital humano.

A economia haitiana também está em um estado crítico e frágil, no qual não há condições suficientes para atender às necessidades básicas da população. Deve-se notar que o estado haitiano não oferece estratégias de desenvolvimento de longo prazo suficientes, o que explica a forte tendência dos cidadãos para migrar, mais um dilema que o país enfrenta durante sua existência (DOURA, 2010). Deve desempenhar também um papel central na aceleração do desenvolvimento socioeconômico, a fim de explorar todas as possibilidades de melhorar a satisfação das necessidades da população e, conseqüentemente, o apaziguamento social daqueles que ainda não têm a tendência para deslocar para outros países.

Assim, qualquer estratégia deve incluir uma análise aprofundada das condições socioeconômicas existentes; deve-se fazer uma avaliação dos recursos reais disponíveis ou do potencial para o desenvolvimento socioeconômico do país. Além disso, deve-se determinar o grau de dependência do país no mercado mundial para vender seus produtos e também seus

próprios suprimentos de produtos industriais e alimentares essenciais; estipular os recursos para arcar com o desenvolvimento: financiamento externo ou fontes domésticas de financiamento (poupança familiar, empresas, impostos, poupança pública, etc.), reduzindo gradualmente a dependência de fontes externas.

Dessa forma, qualquer projeto econômico³, seja privado ou público, deve ser avaliado como um todo para determinar se contribui para o bem-estar da população (haitiana) e deve ser fundamentalmente focado na acumulação nacional.

Para alcançar um crescimento econômico anual sustentável, é necessário encontrar um equilíbrio justo entre o Estado e o mercado. É por isso que o desenvolvimento do Haiti deve ser concebido no contexto de uma economia de mercado social, isto é: uma economia que combina as vantagens do mercado como um eficiente sistema descentralizado de tomada de decisão, preservando a livre escolha individual com a necessidade de uma correção estatal das falhas do mercado, especialmente na área de distribuição do valor produzido.

Nesse sentido, o Estado haitiano deve intervir em áreas como a provisão de bens públicos, o investimento em recursos humanos (educação, saúde, etc.), construção e manutenção de infraestrutura física, proteção do ambiente e a manutenção da lei e da ordem. Deve também instituir uma política genuína de redistribuição de renda, ajudando os mais desfavorecidos ou criando maior justiça social, assim como empregos.

Desta forma, o desenvolvimento econômico está intimamente relacionado com outros aspectos da vida social. Uma política econômica expressa à união e a conotação dos fatores e objetivos econômicos, sociais e políticos da sociedade. Assim, a escolha de uma política constitui uma das tarefas essenciais da gestão da economia nacional. A política adotada não pode se limitar à determinação da orientação fundamental do desenvolvimento, deve necessariamente prever os meios essenciais para a consecução dos objetivos escolhidos.

³A conjuntura é o estudo de variações de curto prazo nas magnitudes características da economia, segundo aponta Doura Fred, em seu livro *Economie d'Haiti dépendance - crises et développement*. A turbulência econômica geralmente cai em dois períodos: um período de recessão durante o qual a atividade econômica é reduzida e um período de expansão (de inflação) no qual ela tende a piorar. Por conseguinte, é dever de o Estado limitar os problemas econômicos em curto prazo. Para cumprir o seu dever, o Estado deve estabelecer objetivos econômicos e usar todas as medidas (ou instrumentos) de política econômica para alcançá-los. A este respeito, é importante desenvolver os objetivos e instrumentos da política cíclica econômica e as consequências que podem resultar. Todos os agentes econômicos, nomeadamente os agregados familiares como beneficiários de renda e agentes de despesas, empresas e o Estado como investidores, participam da condução da atividade econômica e, sobretudo, mantêm o equilíbrio. Quando isso não é alcançado, o Estado é chamado a intervir; realiza o que se denomina «política econômica», que visa alcançar certos objetivos, utilizando os instrumentos mais adequados. Mas as restrições impostas à política econômica são tais que sua implementação é às vezes delicada. Nesse sentido, faremos uma descrição teórica dos objetivos e instrumentos mais importantes da política econômica do Estado.

No Haiti, ainda existe uma estrutura econômica regressiva, portanto, qualquer plano de desenvolvimento deve promover o crescimento da produtividade agrícola, a industrialização do país e a eliminação de estruturas agrárias desiguais. Esta política deve ser conduzida em uma análise rigorosa das condições socioeconômicas da população haitiana; também se devem avaliar os recursos existentes ou potenciais para o desenvolvimento econômico do país; é preciso determinar a dependência do país no mercado mundial para vender seus produtos industriais e alimentares essenciais; é, também, necessário determinar os recursos para financiar o desenvolvimento integral.

Esta pesquisa tem buscado frisar as condições de uma economia local com uma estrutura deformada e desintegrada, neste caso, sobre o Estado haitiano, que deve ser bem administrado buscando o bem-estar coletivo, tendendo a ser indicado como uma importante fonte de acumulação de capital. Para isso, é preciso mobilizar recursos materiais e humanos para realizar o desenvolvimento econômico e social do país, que deve ser feito no âmbito de medidas macroeconômicas favoráveis ao crescimento, que incentivem o comportamento desejado das entidades públicas e privado.

E o Estado haitiano aplica o desenvolvimento econômico baseado no estabelecimento de centros industriais e agroindustriais e desempenha um papel importante nos ramos da economia nacional, como a produção industrial, o transporte, a agricultura e o investimento, nos setores sociais (educação e saúde). É uma abordagem que permite reestruturar a economia, para desenvolver uma economia mais regular nas cidades e nas áreas rurais, desenvolver o país de forma regional, aproveitando ao máximo os recursos nacionais para satisfação das principais condições da população.

Todavia, apesar das mudanças que ocorreram na estrutura do Haiti, o país mantém o núcleo dinâmico da economia na agricultura, tendo forte concentração populacional de baixa renda nas cidades. A tentativa de modernização aprofundou a base industrial, entretanto a liberalização do comércio exterior, em 1995, sem uma política de consolidação da indústria teve um impacto negativo sobre a economia nacional.

Neste sentido, com a abertura do mercado, houve uma invasão no Haiti de produtos importados, que, até agora, não encontrou formas para controlar esse fenômeno. Ocorreu uma desmobilização na área de produção e o processo de migração de pessoas do meio rural para outros países refletiu na falta de recursos humanos para o trabalho.

Tabela 2 - Evolução do PIB em dólar US por setor 2005-2013

| Anos | 04-05 | 05-06 | 06-07 | 07-08 | 08-09 | 09-10 | 10-11 | 11-12 | 12-13 |
|--------------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Agricultura, florestas e pesca | 3256 | 3311 | 3499 | 3190 | 3300 | 3298 | 3262 | 3220 | 3366 |
| Indústrias extrativas | 14 | 15 | 15 | 16 | 17 | 17 | 20 | 17 | 18 |
| Indústrias, transformadora | 994 | 1017 | 1030 | 1029 | 1075 | 912 | 1074 | 1150 | 1175 |
| Eletricidade, Água | 75 | 58 | 57 | 52 | 67 | 70 | 91 | 69 | 69 |
| Comércio, Restaurantes | 3350 | 3443 | 3641 | 3885 | 3913 | 3601 | 3765 | 3954 | 4147 |
| Construção e obras públicas | 977 | 1005 | 1043 | 1088 | 1123 | 1169 | 1275 | 1345 | 1470 |
| Transporte, Comunicações | 806 | 842 | 879 | 970 | 992 | 963 | 1092 | 1078 | 1117 |
| Outros Serviços Os varejistas | 1542 | 1581 | 1602 | 1629 | 1654 | 1536 | 1577 | 1638 | 1692 |
| Serviços não registrados | 1358 | 1379 | 1443 | 1514 | 1519 | 1540 | 1584 | 1629 | 1672 |
| Ramo fictícia 1 | 523 | 533 | 619 | 715 | -689 | -839 | -810 | -853 | -910 |
| Valor Acrescentado | 11849 | 12118 | 12498 | 12658 | 12971 | 12267 | 12930 | 13246 | 13817 |
| Imposto de produtos | 934 | 961 | 1000 | 1029 | 1071 | 1003 | 1073 | 1161 | 1209 |
| P IB | 12784 | 13079 | 13498 | 13687 | 14042 | 13270 | 14003 | 14407 | 15026 |

Fonte: IHSI, (2015), organizado pelo autor (2018).

De acordo com Neiburg (2010) para garantir a sobrevivência, grande parte da população integra o setor informal, que contém mais de 90% dos postos de trabalho. Com baixo valor agregado, utilizando equipamentos obsoletos, a produtividade desse setor é reduzida. A dificuldade no acesso aos recursos produtivos para reduzir as disparidades entre grupos sociais é um dos principais obstáculos para o desenvolvimento de iniciativas inovadoras na luta contra a pobreza.

A economia do Haiti, com crescimento do PIB de 7% (PNUD, 2013), parece incapaz de gerar um crescimento forte e sustentável, com criação de empregos, o que impacta consideravelmente a decisão dessa camada da população de migrar para outros países. Destarte, a orientação e a natureza dos fluxos de migração haitiana que surgiram no início do século XX não podem ser dissociadas da conjuntura geopolítica internacional em que se desenvolveram.

O desembarque dos navios no Haiti, em 1915, ocorreu em um contexto geral de penetração dos interesses econômicos dos Estados Unidos no Caribe, apoiado por um intervencionismo militar muito frequente na região. “O controle da bacia caribenha foi de fato vital para a defesa dos interesses estratégicos norte-americanos, constituindo um esmalte protetor ou um quintal para Washington, cuja presença cresceu de forma constante durante o século XX” (AUDEBERT, 2012, p. 19).

Com relação à posição geopolítica do Haiti, sua independência representou uma ameaça às potências coloniais da Europa. Elas tinham ainda outras colônias de escravos na região, decidindo então, por todos os meios, isolar⁴ a jovem nação independente e colocar uma ameaça iminente de retorno à escravidão.

No entanto, a migração haitiana deve ser vista no contexto do estabelecimento duradouro de uma relação de dependência econômica, geopolítica e cultural, cuja ocupação militar constituiu o catalisador. Como resultado, o país foi colocado sob a tutela de Washington, e as potências europeias, incluindo o antigo poder colonial francesas, foram praticamente expulsas. A partida das marinhas não questionou essa hegemonia, que, pelo contrário, tendeu a se fortalecer em um país que permaneceu sob o protetorado até 1946. “Os Estados Unidos da América em 1937 tornaram-se o maior parceiro comercial do Haiti, representando metade das compras e vendas do país” (SOUFFRANT, 1974, p. 135).

Mas o caráter estrutural da instabilidade política decorre principalmente das divisões que marcaram a história do país e, em particular, uma estratificação social e também um pré-julgamento da cor. “O exercício do poder, que, desde o ex-combatente Petion até hoje, permaneceu uma constante da política haitiana, teve o efeito de despertar a ganância de muitos políticos que não podiam perceber suas ambições de se juntar à suprema magistratura em vez de pela força” (AUDEBERT, 2012, p. 24).

Esta instabilidade foi reforçada pela desunião nacional devido a profundas divisões sociais e culturais existentes, com diferentes escalas favorecidas, o que culmina com boa parte

⁴Para materializar essa política de isolamento a Haiti, os países colonialistas (França, Espanha, Inglaterra e Estados Unidos, com exceção da Alemanha) isolaram o Haiti em todos os sentidos, cortando relações de comércio, exportação e diplomacia, uma vez que o país representava para eles uma ameaça à independência de suas colônias. Finalmente, em 1825, a França propôs ao presidente Jean Pierre Boyer de reconhecer o Haiti como país independente. Para isso, deveria pagar-lhe 90 milhões de francos em 30 anos. O Haiti finalmente pagou a soma de 21 milhões de francos. Em 2004 (que simbolizava 200 anos de Independência) houve, no Haiti, um movimento político que pedia a restituição dessa soma pela França. Os presidentes franceses sempre negam essa demanda. Em 2015, em visita ao Haiti, François Hollande, presidente francês, declarou, depois de todos esses anos, “nossa dívida para o Haiti é moral e não econômica”. Finalmente, em 1862, os Estados Unidos estabelecem também relações com o Haiti.

da população buscando a migração. A divisão em classes sociais rígidas primeiro revela profundas divergências de interesses.

A elite concentra quase metade da riqueza do país, enquanto parte da população tem como primeira preocupação sua subsistência. A classe média, que compõe a maior parte da população, muitas vezes vive em situação econômica precária. Há diferentes interesses e modos de vida entre as classes trabalhadoras. A grande parte da população haitiana simplesmente sobrevive e, para fazê-lo, deve pensar diariamente novas estratégias, entre elas partir para o exterior.

Tudo isso contribuiu para levar François Duvalier – o Papa Doc – ao poder em 1957. A militarização do poder político, a marginalidade do mundo rural, o sistema de redistribuição da riqueza em benefício do mundo urbano e as tensões de classe e cor foram motivadores da ascensão. O aspecto do regime de François Duvalier, no entanto, residiu no controle político total de todos os aspectos da sociedade, estendeu-se a todo o território nacional e resultou na redução, até o desaparecimento, da liberdade da população.

A expansão da migração internacional haitiana coincidiu com a ascensão de Duvalier ao poder. Este fingiu encarnar a reação contra a hegemonia da ocupação dos Estados Unidos de 1915-1934, e o estabelecimento do poder pessoal absoluto se afirmou rapidamente como seu principal objetivo. Os primeiros alvos foram os membros da elite, que também tiveram que deixar o país e migraram para os Estados Unidos.

“O autoproclamado presidente vitalício de 1964-1971 assustou os intelectuais e a classe média (médicos, advogados, professores) que também logo buscaram o exílio” (SAINT-GÉRARD, 1999, p. 170). A migração internacional haitiana da população menos favorecida economicamente para países vizinhos tinha caráter de clandestinidade. A centralização do poder de Duvalier tendia a reforçar a discriminação tanto do mundo rural quanto do urbano, aniquilando espaços de liberdade.

Jean-Claude Duvalier – o Baby Doc, filho e sucessor de François Duvalier, “atuaram no sentido da liberalização econômica e política, batizada como Jean-Claudisme ou desenvolvimentismo” (ANGLADE, 1982, p. 34) pelo seu iniciador. Esta não questiona fundamentalmente os bloqueios e desigualdades econômicas, bem como os mecanismos de repressão para a maioria dos haitianos, cujas condições de vida continuaram a deteriorar-se.

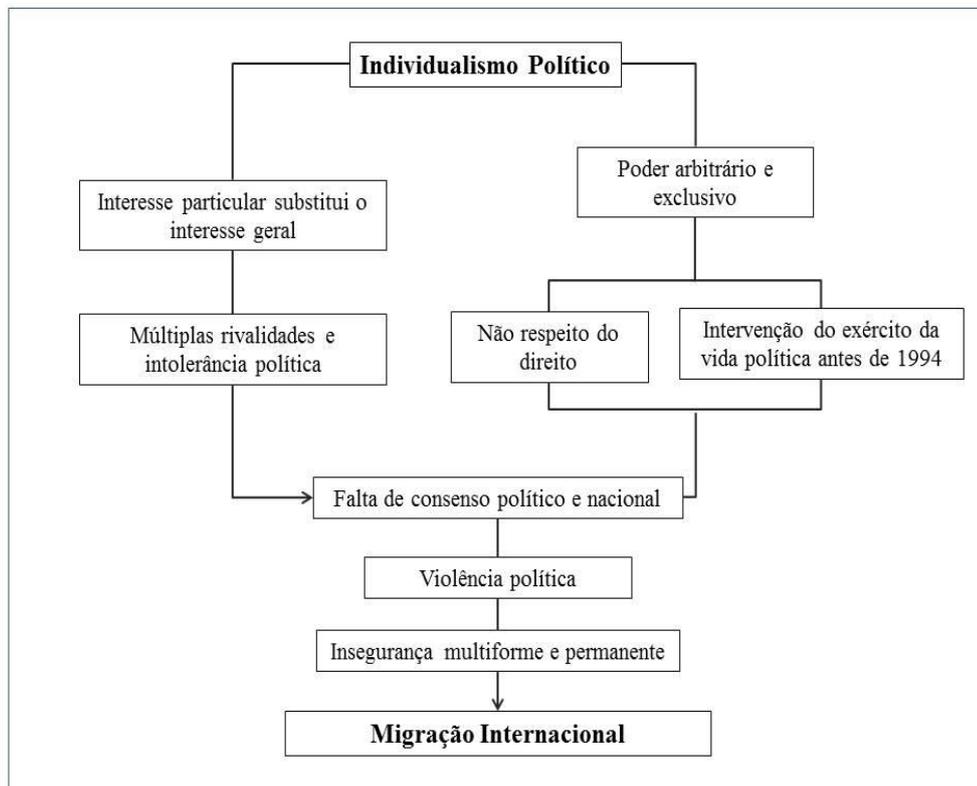
A liberdade de expressão permitida em certos limites por Jean-Claude Duvalier nunca ultrapassou o quadro de Port-au-Prince e, acima de tudo, provou ser de curta duração. De fato, a situação política tornou-se difícil de gerenciar em 1979, quando Baby Doc, mais aberto a

uma liberalização econômica e política do regime, teve que enfrentar o descontentamento dos Duvalieristas tradicionais, que eram os Macoutes e os grandes proprietários.

Assim, ao abandonar o espaço do Haiti, o migrante inicia uma nova amarração: o único modo de protesto possível. Se a migração para os Estados Unidos tendesse a estabilizar ou mesmo a diminuir na primeira metade da década de 1970, por causa da esperança criada pela liberalização ou endurecimento do regime, o aprofundamento da pobreza e o desenvolvimento da fome explicariam o ressurgimento da migração em 1975 (HURBON, 1987).

Os fluxos de migração para os Estados Unidos encontraram, no início dos anos 80, níveis próximos aos conhecidos no final do regime. Duvalier (Papa Doc) experimentou uma aceleração durante a década de 1980. Em 1986, houve uma crise econômica que fragilizou o poder de Baby Doc, que resultou no seu exílio na França. Com extensão do empobrecimento da população, a migração haitiana para os EUA foi duas vezes maior que a registrada durante o primeiro ano dele no poder. Mas, tudo isso tende a reforçar a compreensão sobre a migração haitiana a fim de entender a trajetória e também a dimensão política, econômica etc. deste fenômeno. A Figura 3 busca auxiliar no entendimento desta questão.

Figura 3 - Dimensão política que leva à migração internacional haitiana



Fonte: Organizado pelo autor (2018)

A figura supracitada expõe a parte da fragilidade da situação política dos anos de 1986-1990, que diminuiu consideravelmente as perspectivas de desenvolvimento socioeconômico, causando o êxodo de investidores e também de parte dos migrantes internacionais que retornaram ao país após a queda da família Duvalier e que poderiam ter compartilhado experiência adquirida no exterior.

A esperança de acabar com a instabilidade política nunca foi tão grande entre a população quanto em dezembro de 1990, data das primeiras eleições livres e democráticas conquistadas pelo sacerdote Aristide⁵. Mas, alienando a confiança do Parlamento, das classes dominantes e do exército, por causa da virulência de sua palavra, ele foi vítima de um golpe e foi para o exílio em 30 de setembro de 1991. Mais uma vez, a esperança do povo haitiano estava desapontada e o país voltou a um dos períodos mais dramáticos de sua história.

Os elementos conservadores recuperaram o controle violento da vida política e reprimiram severamente os progressistas. Durante os três anos do golpe, de 3 a 5 mil partidários de Aristide foram assassinados. “Esta situação serviu de catalisador para o relançamento de fluxos migratórios de barco para a Flórida” (AUDEBERT, 2012, p. 33).

Segundo Hurbon (1987), a migração haitiana sempre esteve ligada às opções econômicas, políticas e sociais dos diferentes presidentes do Estado haitiano, evidenciando uma combinação da política e da economia que matou lentamente os camponeses do Haiti. Constata-se que as escolhas econômicas do Estado haitiano foram desfavoráveis para a oferta e contratação de mão de obra no país, principalmente no processo de criação das condições sociais de trabalho não adequadas para a mão de obra qualificada e absolutamente precária para o não qualificado.

As condições econômicas não são estranhas ao início desta nova onda de migração. Um embargo que atingiu fortemente o Haiti na primeira metade da década de 1990 e revelou o vínculo entre eventos políticos e dificuldades econômicas, explicando a migração para o mundo exterior. Ocorre que, para punir o regime militar que derrubou o presidente Aristide e levar ao restabelecimento da democracia, a Organização dos Estados Americanos (OEA), liderada pelos Estados Unidos, impôs o embargo. A motivação dos EUA, segundo Cédric Audebert (2012), era dupla. Queriam:

⁵Jean-Bertrand Aristide é um padre destituído e estadista haitiano. Ele foi várias vezes Presidente da República do Haiti: em 1991, apoiado por uma ampla coalizão de forças de esquerda e centro, ele foi eleito contra o candidato pró-americano Marc Bazin, com 67,7% dos votos, na primeira rodada. Pela primeira vez, a participação, apesar de disputada, excede 60%; 1993-1994, depois de 1994-1996, e, finalmente, de 2001-2004, antes da sua partida para o exílio em 29 de fevereiro de 2004, na sequência de um golpe de Estado.

a) em um contexto pós-guerra fria, estabelecer a democracia em todo o mundo americano para isolar a ditadura cubana; b) retardar o êxodo de pessoas de barco ou, pelo menos, promover de forma sustentável a democracia no Haiti, para que seus cidadãos não tivessem que se beneficiar do *status* de refugiados políticos em seu território.

Finalmente, o presidente Aristide voltou ao poder em 1994. Temendo por sua segurança, recorreu ao terror para eliminar os oponentes ao seu poder. Ele encorajou práticas paramilitares sob a forma de organizações populares de apoio e de defesa com o objetivo de despertar medo na população. Ele procedeu à destruição oficial do exército haitiano para substituí-lo pela Polícia Nacional Haitiana (PNH).

Frente aos excessos criminosos das organizações populares de apoio a Aristide, tem-se a impotência da nova polícia nacional e a impunidade que caracterizou o sistema Judiciário. Assim, os haitianos das camadas de baixa renda continuaram a viver com o sentimento de injustiça do Estado contra eles. Houve um aumento, sem precedentes, de sequestros e assassinatos na década de 2000. Então, a vontade de fazer justiça era permanente na população, uma vez que a polícia nacional e as missões de segurança das Nações Unidas tiveram dificuldade de controlar os grupos armados que aterrorizavam a população.

Assim, o sentimento de insegurança pública, econômica e social tem sido hoje um dos principais fatores de motivação da migração internacional haitiana. A partir de 1986, se a migração antiga era feita numa perspectiva de resposta temporária à violência institucional do Estado, a atual marcada por um contexto de perda de esperança pelo cidadão haitiano de um futuro melhor para seu país.

Em 2004, uma nova crise política se instalou no país e culminou com a saída do Presidente Aristide, pela segunda vez, e a instalação de um Governo Provisório, responsável, entre outras funções, pela promoção de novas eleições. No entanto, pelo fato de o Haiti sempre ser marcado como o país mais pobre das Américas, os cidadãos haitianos continuaram vendo suas chances reais de ascensão sociais localizadas fora do país.

Ao longo desta pesquisa, ficou entendido que a migração internacional haitiana é vista como uma das expressões das questões econômicas, políticas, naturais e sociais do Haiti, já que os determinantes fundamentais da saída dos haitianos são socioeconômicos e políticos. Analisar a migração haitiana sob esta visão significa entender que as relações econômicas e políticas estabelecidas no país são desiguais e compreender as manifestações da elite política no Haiti. Por conta da ausência da análise desse aspecto teórico fundamental, é importante refletir sobre a migração internacional haitiana como expressão de desenvolvimento socioeconômico, o que será apresentado na sequência.

1.2 MIGRAÇÃO HAITIANA E CATÁSTROFES NATURAIS: SEUS DESAFIOS

A ida de haitianos para o exterior e a sua permanência, nos últimos cinco anos, têm sido tema de notícias, estudos e desafiam instâncias governamentais e não governamentais internacionais. Após a ocorrência de um terremoto com proporções catastróficas, em 12 de janeiro de 2010, no Haiti, a configuração da migração haitiana pelo mundo alterou-se e alguns países passaram a ser o destino dessas pessoas. Às 16 horas e 53 minutos, esta catástrofe, de 7,3 graus na escala Richter, arrasou a região Oeste do Haiti. Porto Príncipe, a capital, e seus arredores, áreas mais densamente habitada, foram as mais afetadas.

Devido à constante fraqueza institucional do país, combinada com a guerra de estatísticas e interesses econômicos e políticos por trás delas, não se tem com exatidão conhecimento do balanço real das consequências do terremoto. Apesar disso, tanto o governo quanto as instituições internacionais, como a Organização Internacional dos Migrantes (OIM) vigente no Haiti, trabalham com o número oficial de 300 mil mortos⁶ e 350 mil feridos, entre os quais 5 mil amputados (MARCELINO, 2013; SEGUY, 2014). Quanto ao balanço das perdas materiais, acredita-se que pode demorar anos para se tiver uma avaliação que se aproxime do real.

Há que se considerar que a profundidade de uma catástrofe não está em si mesma, está diretamente ligada às consequências decorrentes dela para uma nação e sua população. É importante lembrar que o impacto da ação da natureza está fortemente determinado por fatores sociais. A dificuldade da República do Haiti em responder ao ocorrido levou muitos haitianos a migrarem para diversos países estrangeiros.

Nesse sentido, pode-se dizer que a migração haitiana é um movimento populacional de travessia de uma fronteira internacional ou nacional, que compreende qualquer deslocamento de pessoas, independentemente da extensão ou das causas (OIM, 2009). Esse processo migratório, por sua vez, ultrapassa o mero atravessamento de fronteiras. É um processo definido pelos aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais e eventuais da terra da qual se

⁶Tradicionalmente, o haitiano sempre cultiva grande respeito para com os seus mortos, pois os defuntos continuam fazendo parte da família. Uma das ocasiões para se averiguar essa observação de grande riqueza antropológica é o dia dos mortos, 2 de novembro. Nessa ocasião, as famílias vão aos cemitérios, levando aos mortos presentes e objetos importantes (perfume, joia... até comida) de que se sabe que o querido gostava quando vivo. Por isso é que, sempre que puder o haitiano não abandona seu morto. Faz de tudo para enterrá-lo. No número oficial de 300 mil mortos, projetado pela Presidência da República, sem qualquer correspondência a um esforço de identificação dos corpos sepultados em valas comuns, só constam os mortos enterrados pelo governo. Não entram nessa contagem os mortos enterrados pelos familiares nem aqueles que foram abandonados debaixo dos escombros. Desde algum tempo, a tendência é falar genericamente de “mais de 220 mil mortos”. Mas um ou outro número não passa de estimativa e de aproximação que podem estar além ou aquém da quantidade real de pessoas que sucumbiram aos escombros (SEGUY, 2014, p. 24).

parte; relaciona-se com o percurso engendrado até a chegada ao destino, nem sempre escolhido, desejado e coerente com aquilo que se esperava encontrar.

As condições do país de residência, nos mais diversos âmbitos, também repercutem na vida dos migrantes haitianos. Esse processo como um todo tem efeitos psicológicos importantes, os quais são geralmente negligenciados, devido à necessidade imediata de atenção a dimensões básicas de sobrevivência, seguida das preocupações legais de acolhimento. Além disso, os deslocamentos de pessoas devido a catástrofes naturais exigem daquelas uma reorganização das fronteiras pessoais, interpessoais, socioeconômicas, culturais e geográficas, o que requer importante capacidade de adaptação.

No entanto, o Plano de Ação para a Recuperação e o Desenvolvimento do Haiti (PARDN), documento oficial do governo que detalhou, em março de 2010, aos seus parceiros internacionais as necessidades a serem atendidas, estimava em 8 bilhões de dólares as perdas e danos resultantes do abalo. Esse número, pouco depois, foi reavaliado para 11.5 bilhões de dólares. “Até hoje, trabalha-se com os seguintes números: 105 mil residências totalmente destruídas e outras 208 mil irreversivelmente danificadas”, 1,3 mil edifícios educacionais, 50 hospitais e centros de saúde desabaram ou estão inutilizáveis (PARDN, 2010, p.7).

De 2005 a 2015, período que envolve esta pesquisa, as catástrofes naturais promoveram abalos estruturais e sociais no Haiti, e este, praticamente, se torna uma República de Organizações Não Governamentais (ONGs⁷). As ONGs chegam a criar uma legitimidade popular sem a autorização do poder público, e suas presenças reduzem as manifestações de atendimento do Estado haitiano.

No entanto, o histórico das ONGs⁸ no Haiti remonta aos anos 1860, como destaca Pierre Etienne Sauveur (1997), considerando o aspecto humanitário da questão. Naquela época, o Estado haitiano assinou o “Concordat de Damien” com a Igreja Católica, viabilizando a atuação das congregações religiosas europeias para ajudar na educação e na saúde particularmente. A partir dos anos 1950, houve a chegada de um novo grupo de ONGs, a *Cooperation for American Relief Everywhere* - CARE, o *Catholic Relief Service* - CRS, o *Service Chrétien d’Haiti* - SCH e a *Cooperation Haitiano-Neerlandaise* - COHAN. Nos anos

⁷A expressão “República das ONGs” tem a ver com o número de ONGs que atuam no país. É um termo amplamente utilizado em jornais locais e internacionais para descrever a situação das ONGs no Haiti.

⁸No dia 3 de julho de 2017, o atual ministro da Planificação Social e da Cooperação Externa, Aviol Fleurant, foi convidado pela câmara dos senadores haitianos a fim de apresentar um relatório sobre o funcionamento das ONGs no Haiti. O ministro confessou aos senadores que a maioria das ONGs funciona sem o controle do Ministério da Planificação e da Cooperação Externa desde 2004, que foi um período de crise político-social no Haiti.

1960, houve ainda outra categoria de ONG ligada à Igreja Protestante que chegou ao Haiti (SEGUY, 2014).

Contudo, é a partir dos anos 1970 que o fenômeno das ONGs começou a ter mais relevância no Haiti por dois motivos: a influência da Igreja Católica, que criou vários projetos de desenvolvimento para atender às populações que o Estado não atendia; e a decisão do governo daquela época de estimular a cooperação internacional para combater a pobreza. A partir dos anos 1980, com o aprofundamento dos níveis de pobreza do país, as ONGs continuaram a aumentar, e o desmonte da ditadura favoreceu essa dinâmica.

Na década de 80, a pobreza atingiu um nível escandaloso, tornando-se um fenômeno de massa. Para resistir, milhares de haitianos migram para os Estados Unidos, usando embarcações improvisadas para escapar do pesadelo de seu país e realizar o sonho de chegar aos Estados Unidos. Naquela época, ocorreram muitas perdas de vidas humanas provocadas pelos naufrágios no mar, o que incentivava a opinião pública nacional e internacional para agir sobre essa situação. Muitas ONGs norte-americanas e europeias vinham para intensificar as suas atividades no Haiti e financiar as ONGs locais. A queda do ditador Jean-Claude Duvalier, em 07 de fevereiro de 1986, permitiu o retorno em massa de exilados haitianos. Entre eles, estavam intelectuais e profissionais, que criaram organizações de defesa dos direitos humanos e centros de pesquisa e formação das instituições envolvidas no campo do desenvolvimento. Isso favoreceu um novo aumento de ONGs no país. (ETIENNE, 1997, p. 163).

O fenômeno das ONGs responde a uma dinâmica internacional de lutar contra a pobreza no Haiti. Assim, quase todas as ONGs do país são de iniciativa estrangeira. As poucas ONGs haitianas se encontram em dependência total dos financiamentos estrangeiros, o que constitui uma fraqueza de autonomia, uma vez que executam projetos de desenvolvimento das ONGs internacionais, conforme aponta Etienne (1997):

Muitas vezes, as ONGs haitianas somente executam os programas das ONGs internacionais e, quando elas desenvolvem seus programas ou qualquer projeto, elas são obrigadas a fazer acordos com as exigências dos doadores. As ONGs haitianas fornecem também às ONGs estrangeiras as informações do que elas necessitam para influenciar a opinião pública em seus respectivos países e, ao mesmo tempo, orientar a política de cooperação internacional conforme as suas opções ideológicas (ETIENNE, 1997, p. 181).

Ao analisar a relação das ONGs com o Estado haitiano, o autor citado acima destacou duas fases importantes, a primeira, caracterizada por uma indiferença da atuação das ONGs pelo Estado, devido ao fato de que o Estado não garante o atendimento à população,

considerando as ONGs como mecanismos eficazes para atender a população, principalmente a do meio rural. As ONGs, também consideradas como organismos apolíticos, evitaram relações com o Estado. A segunda fase se caracterizou pela atitude de desconfiança, de rivalidade e até mesmo de hostilidade entre o Estado Haitiano e as ONGs. Segundo Etienne (1997, p. 184-185), as mudanças nessa relação foram resultado da:

Aplicação das políticas neoliberais de Ronald Reagan, que consistia em passar a maior parte da ajuda bilateral e multilateral dos países do terceiro mundo pelo canal das ONGs. Essa política tinha o objetivo claro de enfraquecer o Poder Público de países subdesenvolvidos e promover o fortalecimento do setor privado. Esta linha política de cooperação internacional permitiu às ONGs que operam no país a ter meios financeiros consideráveis, transformando-as no centro político de influência que pode substituir o Estado. Para destacar a importância deste fator no Haiti, deve-se notar um estudo realizado pela Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento (CNUCED) publicado em 1989. O estudo mostra que metade dos serviços de saúde no Haiti é assegurada pelas ONGs, e, hoje naquela época, elas controlam 70% dos serviços nessa área. O mesmo estudo mostra que as ONGs têm uma preponderância de 60% na oferta do nível do ensino primário; as despesas incorridas por elas na agricultura e os projetos de desenvolvimento comunitário chegam a 66% do orçamento nacional. Tudo isso faz das ONGs um Estado paralelo do Estado.

Com a intenção do Estado de controlar as ONGs, foi publicada a primeira lei relacionada a essa questão, em dezembro de 1982. Na realidade, a referida lei não teve uma efetivação real sobre o funcionamento das ONGs, uma vez que elas continuaram a funcionar sem as determinações do Estado, porque têm legitimidade popular e internacional. Inclusive, nas várias regiões do meio rural, elas trabalham com a população ignorada pelo próprio Estado.

Essa presença importante das ONGs é relevante para sublinhar a ausência do Estado interventivo ou um enfraquecimento do Estado totalmente dominado. Um exemplo claro para demonstrar essa dominação total do internacional sobre o Estado haitiano é que, depois do terremoto de 2010, uma estrutura paralela, denominada Comissão Internacional de Reconstrução do Haiti – CIRH foi montada para orientar o reerguimento do país. Essa comissão foi formada por 24 membros, sendo 12 representantes haitianos e 12 representantes internacionais, com dois co-presidentes, Jean Marx Bellerive, do Haiti e Bill Clinton, dos Estados Unidos. O objetivo dessa comissão era a reconstrução do país durante um período de dois anos.

Apesar da presença de todas essas ONGs que trabalham na luta contra a pobreza, os indicadores de desigualdades sociais e econômicas continuavam a aumentar. As ações deste

Estado dominado, para garantir os direitos da população, entram em uma perspectiva da propaganda política e de clientelismo, sendo referência na relação entre ele e a população.

Aos fenômenos naturais (Tabela 3) e a forma de organização da agricultura e da pecuária têm ocasionado diversos problemas sociopolíticos e ambientais, devido ao alto índice de desmatamento nas grandes fazendas, a concentração das terras e o êxodo rural. Considera-se também “o desmatamento predatório para produção de carvão, o que ocasionou uma erosão de solo muito forte” (PNUD, 2013, p. 42; MARNDR, 2016, p. 13).

Tabela 3 - Resumo das catástrofes naturais no Haiti durante o período de 2005-2015

| | |
|-------------|---|
| 2005 | Furacão <i>Wilma</i> no Oeste e Sul do Haiti. |
| | Tempestade tropical <i>Alpha</i> na Península do Sul. |
| | Inundações causadas por chuvas torrenciais em várias regiões do Noroeste, incluindo os municípios de Port-de-Paix, Bassin-Bleu, Anse-à-Foleur e Saint-Louis du Nord. |
| 2006 | Chuvas que provocaram inundações nos departamentos de Nippes e Noroeste e Grande Anse, causando danos às estruturas rodoviárias. |
| | Inundações devido a chuvas e aguaceiros caindo por mais de uma semana, em grande parte do território do Haiti. |
| 2007 | Chuvas torrenciais causando danos consideráveis em muitas partes do país. A cidade de Ouanaminthe foi particularmente atingida e a ponte que liga o Haiti (Ouanaminthe) à República Dominicana (Dajabón) foi gravemente danificada. |
| | Tempestade tropical <i>No 1</i> foi devastadora no Haiti e República Dominicana: 130 mortos. |
| 2008 | Tempestade Tropical <i>Fay</i> |
| | Furacão <i>Gustav</i> na Península do Sul, matando cerca de 77 pessoas e provocando danos materiais significativos a oito pessoas. Foram afetadas 15 mil famílias pela tempestade, que destruiu 3 mil casas e feriu 11.458 pessoas. |
| | Furacão <i>Hanna</i> derruba os departamentos de Artibonite e Nordeste. |
| | Furacão <i>Ike</i> , classificado na categoria 4, causou fortes chuvas nos departamentos do Norte, Oeste e Noroeste. |
| 2010 | Terremoto de magnitude 7.3. |
| | Segundo terremoto com uma magnitude de 6.1. |
| | Furacão <i>Toma,s</i> agravando as condições de vida dos refugiados do terremoto. |
| | Tempestade <i>Emily</i> no norte do país causando muitas inundações. |
| 2012 | Tempestade <i>Isaac</i> fez sete mortos. |
| | O furacão <i>Sandy</i> fez 54 mortos. |
| | Inundações no norte do Haiti, causando 16 mortes. |
| 2015 | ... |

Fonte: MARNDR organizado pelo autor (2018).

Portanto, como se pode constatar na história do Haiti, as catástrofes naturais, os problemas políticos e sociais são vivenciados pela população há séculos. E, como anteriormente citado, o terremoto que atingiu o Haiti em janeiro de 2010 não destruiu somente cidades, causou também a morte de milhares de pessoas, atingindo a infraestrutura econômica e habitacional, o que agravou ainda mais os problemas sociais do país.

Porém, por conta do horário em que ocorreu e dos locais que sofreram o maior impacto, o terremoto, praticamente, jogou por terra a esperança de dias melhores para o já enfraquecido país, ao ceifar a vida de milhares de jovens, funcionários públicos e profissionais qualificados que, de uma forma ou de outra, buscavam contribuir para a reconstrução do país, que tentava sair de mais uma das inúmeras crises políticas que atingiram aquela nação caribenha.

Cabe destacar que a migração haitiana, dirigida essencialmente para Europa, Estados Unidos, Canadá e América Latina, adquiriu um peso decisivo na economia do país, passando a verificar as remessas advindas dos migrantes, estas passam a significar quase a primeira linha em importância da economia nacional. Do mesmo modo que, no nível social, essa migração tem um crescente peso econômico, político, cultural e ideológico.

Os migrantes internacionais uniram forças para levar o Estado haitiano, a considerar a migração em todos os seus aspectos e a desenvolver políticas adequadas, a fim de vincular as migrações internacionais do Haiti ao desenvolvimento socioeconômico do país. Entre esses atores estão alguns doadores internacionais, para quem a diáspora pode contribuir para o desenvolvimento do Haiti e membros da diáspora que desejam desempenhar um papel maior na reconstrução e desenvolvimento do país. Em março de 2010, a Organização dos Estados Americanos (OEA) recebeu nos Estados Unidos (Washington) o Fórum da Diáspora Haitiana.

Ao observar que a diáspora promoveu diversas oportunidades, apontam-se certas características resultantes do processo: a) Criação de um corpo de funcionários públicos com a participação dos haitianos locais e da diáspora para auxiliar no processo de reconstrução; (b) Existência de um lugar com direito de voto reservado a um representante da diáspora na Comissão Interina para a Reconstrução do Haiti; (c) Colaboração com doadores para formalizar a mobilização da diáspora na recuperação e reconstrução do país; (d) Uso da experiência da diáspora para continuar o processo de reforma constitucional; e) Transferência contínua de conhecimentos e habilidades da diáspora para contribuir para a capacitação (FDH, 2010).

Esta catástrofe natural, no entanto, resultou em meios financeiros e oportunidades concretas para programar certas capacidades profissionais da diáspora. No sentido de ação, o

governo haitiano sugere refletir sobre as melhores formas de permitir que as remessas dos haitianos no exterior contribuam para o desenvolvimento social e econômico do país e para colocar as habilidades da diáspora em função do processo de refundação. Um representante da diáspora também participará da Comissão Interina de Recuperação do Haiti. Essa convergência de interesses entre a migração internacional e o desenvolvimento pode explicar algumas das decisões subsequentes das autoridades haitianas.

Após o terremoto, surgiram novos padrões de migração. Durante um período de cinco anos (2010-2015), 40 mil haitianos migraram para o Estado do Acre, no Brasil, passando por Bolívia e Peru (JOSEPH, 2017). Segundo os dados do Ministério de Justiça brasileiro, entre 2010-2016, cerca de 80 mil haitianos receberam visto humanitário emitido pela embaixada brasileira no Haiti para se instalar no Brasil.

O Brasil tornou-se o sexto maior polo de migração. Em 2014, quando o país sofreu uma crise política e socioeconômica, alguns haitianos permaneceram neste país, mas outros aproveitaram para migrar para outros países da América do Sul (especialmente Chile e Guiana Francesa) ou para os Estados Unidos. Em janeiro de 2017, aproximadamente 4,5 mil haitianos nas cidades fronteiriças do norte do México estavam esperando para entrar nos Estados Unidos.

Como se pode perceber, os desastres naturais que atingiram o Haiti ao longo de vários anos levaram muitos haitianos a migrar para o exterior. O ex-presidente Michel Joseph Martelly (mandato de 2011 a 2016) incluiu em seus discursos o tema do retorno da diáspora para ajudar o país em seus esforços de reconstrução e aumentou os apelos aos haitianos que vivem no exterior para contribuir com suas habilidades para o fortalecimento da capacidade e soberania do país em termos de desenvolvimento socioeconômico.

Ao analisar o atual cenário no Haiti, foi possível perceber muitas iniciativas lançadas por organizações internacionais para usar a diáspora para abordar problemas de desenvolvimento no Haiti. Elas mostram que essas organizações acreditam no potencial da diáspora. A contribuição potencial das diásporas para o desenvolvimento de seu país de origem tem sido objeto de debate internacional para estimular o crescimento econômico, inclusive no papel do setor privado no desenvolvimento participativo e também para criar oportunidades para que os voluntários haitianos participem do desenvolvimento interno do país.

Desta forma, busca-se maximizar as remessas por meio do fortalecimento das instituições financeiras que as facilitam e publicar informações sobre o custo dessas transferências, a fim de promover estruturas tarifárias adequadas, e fazer parte dos fundos

disponíveis para construir a capacidade das organizações da diáspora. É fundamental fornecer ferramentas de financiamento do desenvolvimento, incluindo mecanismos de compartilhamento de risco e suporte para a execução de projetos com fins lucrativos.

De acordo com o *Migration Policy Institute* - MIP (2014), as autoridades haitianas buscaram explorar os recursos do desenvolvimento socioeconômico da diáspora mediante a introdução de um imposto para financiar um fundo de educação, a fim de aumentar o acesso de crianças à escola (MARCELIN, 2017).

O Fundo Nacional para a Educação destinava-se a financiar escola para todas as crianças com a cobrança de uma taxa de US \$ 1,50 das remessas bancárias para o Haiti e também de remessa de recursos via agências de câmbio, como CAM, Wersten Union, entre outras, bem como um imposto de US \$ 0,05 em ligações telefônicas internacionais para o Haiti. Estes impostos, estimados em US \$ 2 bilhões por ano, permitiriam o acesso de 860 mil crianças à educação.

Neste sentido, se percebe que tem havido contribuição da diáspora para o desenvolvimento socioeconômico do país, fortalecendo sua capacidade de se desenvolver. No entanto, implantar e apoiar as medidas necessárias permaneceram deficientes devido à fragilidade do governo, à substituição de líderes políticos e à dependência do Haiti da assistência internacional dos migrantes (MARCELINO, 2013). As iniciativas acima descritas foram adotadas pelo então governo Haitiano em 2012 para aproveitar os recursos da diáspora.

Isso reflete a importância das remessas dos haitianos que vivem no exterior para vários programas, especialmente a educação, mas também atesta que os esforços de institucionalização da participação construtiva nos assuntos do país podem ter influenciado positivamente o desenvolvimento político, econômico e social do Haiti.

De fato, há contribuição da diáspora haitiana para o desenvolvimento do país, muitos são dedicados ao compromisso político dos migrantes e às associações profissionais de sua cidade de origem, apontando que as remessas de recursos desempenham um papel vital para a economia haitiana: de acordo com algumas estimativas, representam cerca de US \$ 2 bilhões por ano, ou mais de um quarto (25%) do PIB do Haiti.

1.3 MIGRAÇÃO INTERNACIONAL HAITIANA COMO ESTRATÉGIA DAS FAMÍLIAS

A pesquisa em questão destaca que a migração e o desenvolvimento socioeconômico focam os meios de subsistência, que coincidem com uma tendência de pensamento importante: assentamento e integração de comunidades migrantes nos países que os recebem (GLICK-SCHILLER, 2001, CASTLES; MILLER, 2009). Isso levou migrantes haitianos e suas famílias a adotar um modo de vida e identidade transnacional. Este fenômeno está ligado à incrível multiplicação de possibilidades técnicas que permitem aos migrantes manter ligações com a sua família no país de origem por meio de redes sociais e transferir dinheiro através de sistemas bancários globalizados, formais ou informais.

Dessa forma, os migrantes haitianos e suas famílias têm cada vez mais possibilidade de desenvolver lealdades duplas; de ir e vir, estabelecendo relacionamentos; de trabalhar e fazer negócios em dois locais remotos simultaneamente. Os migrantes do século XIX e do início do século XX também tinham estreitos laços transnacionais, mas é inegável que as revoluções tecnológicas da atualidade ampliaram o escopo de possibilidades para os migrantes e suas famílias perseguirem modos de vida transnacionais de forma mais consistente e rotineira.

As semelhanças conceituais entre a economia haitiana da migração familiar internacional e as abordagens dos meios de subsistência são marcantes, embora nunca tenham sido observadas. Essas abordagens da subsistência da família emergiram no final da década de 1970, como destaca Hein de Haas (2010). Geógrafos, antropólogos e sociólogos, pesquisando em países em desenvolvimento, observaram que os resultados são diferentes e contraditórios e não correspondem às ideias recentes. As famílias não podem ser reduzidas a vítimas passivas da força das elites do mundo porque aquelas estão tentando ao máximo melhorar seus meios de subsistência dentro dos limites impostos por suas condições de vida (HEIN DE HAAS, 2010).

O conceito de subsistência que destacamos, engloba as capacidades, os bens (incluindo os recursos materiais e sociais) e as atividades necessárias para que um indivíduo se sustente (CARNEY, 1998). Um meio de subsistência não inclui apenas atividades de geração de renda familiar, mas também instituições sociais, relações familiares e mecanismos de acesso a recursos durante o ciclo de vida.

Uma estratégia de subsistência pode então ser definida como uma opção feita por uma família ou por seus membros individualmente para usar uma série de atividades a fim de

preservar, proteger e melhorar seus meios de sustento. Essa escolha particular se baseia no acesso (seletivo) aos ativos, na percepção do alcance das possibilidades e das aspirações dos atores, e esses aspectos variam de acordo com as famílias e os indivíduos. Sendo assim, as estratégias de subsistência são particularmente heterogêneas.

O surgimento do conceito de subsistência permitiu o distanciamento de visões históricas bastante rígidas e dedutivas, possibilitando abordagens mais contemporâneas. Ao mesmo tempo, desenvolveu-se a ideia de que as pessoas organizam seus meios de subsistência não individualmente, mas sim dentro de contextos sociais mais amplos (famílias, comunidades da aldeia, grupo étnico). Em muitos ambientes sociais, a família foi reconhecida como a unidade de análise mais apropriada (McDOWELL, 1997).

Nesse contexto, minha pesquisa sobre migração internacional e diáspora haitiana como estratégia de subsistência das famílias definiu a migração internacional como um componente importante para as mesmas a fim de protegê-las e, eventualmente, melhorar seus meios de sustento.

Então a perspectiva sobre a migração internacional haitiana é frequentemente associada a outras estratégias, como intensificação agrícola e de atividades locais não agrícolas. Reconhece-se cada vez mais que a migração vai além, muitas vezes, de uma estratégia de sobrevivência em curto prazo para as populações de origens oprimidas pela força das elites, elas não têm escolha real senão compor as fileiras de um novo proletariado internacional. Cabe destacar que este trabalho sugere que a migração internacional é uma escolha deliberada para melhorar os meios de subsistência e mitigar as flutuações da renda familiar.

A migração pode assim ser vista como um meio de adquirir uma maior variedade de ativos, que servem de garantia contra desafios e dificuldades futuras. Embora esta análise tenha sido aplicada principalmente à migração de origem no país em desenvolvimento (Haiti), parece não haver razão para evitar a extensão desse argumento da diversificação através da mobilidade para a migração internacional e as famílias (De HAAN, 2000; McDOWELL, 1997).

A abordagem familiar voltada à economia social dos migrantes, utilizando a família como unidade de análise, já foi aplicada em outras áreas das Ciências Sociais. Lucas (1985) destacou isso afirmando que os economistas também têm se dedicado a tratar de questões tradicionalmente estudadas por antropólogos e sociólogos no que tange à composição familiar. Como reflexão, sugere:

para ampliar a recente visão inter-geracional da família para uma dimensão espacial, as teorias dualistas do desenvolvimento devem ser revisadas: em vez de um setor nacional, cada povoado por sua própria população e desenvolvendo a uma velocidade própria, a família se sobrepõe a ambos. As classes já não são determinadas apenas pelos camponeses ou pelos únicos trabalhadores, surge um grupo híbrido de camponeses-trabalhadores. Esta visão não é nova entre os antropólogos, mas nunca foi à economia doméstica (LUCAS, 1985, p. 915).

Assim, como se tem postulado, a economia migratória internacional, a população local e a migração internacional fazem parte de uma estratégia de subsistência para as famílias, cujo objetivo é diversificar as fontes de renda e superar as restrições ao desenvolvimento no local de origem. Existe uma semelhança entre a visão dos estruturalistas e a dos funcionalistas das décadas de 1970 e 1980, que convergiram em formas mais abrangentes de análise, as quais reconheceram tanto a relevância da ação quanto as restrições estruturais impostas.

Todavia, a perspectiva orientada para a família de origem não escolhe entre a migração internacional ou as atividades do lar; muitas vezes leva em consideração a abordagem global. Isso também indica que não é possível avaliar adequadamente uma estratégia de migração sem considerar sua relação com outras estratégias de subsistência em diversos setores e lugares, ou seja, abrangendo todas as atividades familiares. Pesquisas que tentam analisar isoladamente a mobilidade dos migrantes do seu contexto social e econômico não avaliam a relação entre a migração e os processos de transformação mais gerais de desenvolvimento.

Os migrantes internacionais tendem a ter vínculos estreitos com a população de seu país de origem, menos favorecida economicamente, por um período bem mais curto do que o assumido anteriormente no período de 1979-1980 (McDOWELL, 1997), o que também indica que a contribuição da migração para o desenvolvimento não está necessariamente ligada ao retorno dos migrantes. A migração e as atividades econômicas no local de origem não são mutuamente excludentes e muitas vezes estão presentes simultaneamente.

No entanto, sem a abordagem familiar, tais estratégias múltiplas não podem ser compreendidas. Essa perspectiva, que é comum à economia social dos migrantes internacionais haitianos e a abordagens de subsistência, parece refletir a realidade da vida diária de boa parte de migrantes dos países em desenvolvimento.

A escolha da família como a primeira unidade de análise pode ser considerada como uma espécie de estratégia adequada ou como um compromisso entre as abordagens baseadas em poder, reconhecendo-se que os tipos de família variam de tempos em tempos, em lugares e grupos sociais distintos.

Ao apreender a migração internacional haitiana como uma estratégia de subsistência das famílias, reconhece-se que as abordagens centradas na família parecem ser aplicáveis a países onde uma grande parte da população não consegue garantir recursos financeiros suficientes, por meio do trabalho ou de programas governamentais, para o sustento da família.

Hein de Haas (2010) salienta que a migração internacional (no caso, a haitiana) pode estar vinculada a um processo de desenvolvimento socioeconômico. A migração tem uma profunda influência no desenvolvimento básico de uma população, o que é denominado na literatura como transformação promovida por migrantes. Por conseguinte, deve-se acrescentar que essa relação é complexa, uma vez que, ao mesmo tempo em que a migração pode contribuir para a concepção do desenvolvimento socioeconômico no Haiti, a ausência deste também influencia a migração internacional tanto individualmente quanto coletivamente.

Essa questão se torna ainda mais relevante quando se verifica que, nos últimos anos, a migração foi percebida como um fenômeno que pode ser gerenciado e utilizado na política social e econômica dos países de origem (no caso, o Haiti). A crescente popularidade da orientação pró-migração pode ser atribuída ao fenômeno do transnacionalismo. O transnacionalismo pode ser definido como um processo no qual os migrantes estabelecem e mantêm relações sociais multidimensionais, que abrangem tanto a sociedade de origem como o do país aonde chega.

Considera-se que a migração contribui para o desenvolvimento social, ao menos no âmbito nacional, uma vez que as remessas enviadas pelos migrantes internacionais haitianos têm efeitos diretos e indiretos na estruturação da atividade econômica local. Ou seja, os investimentos das remessas – ou os efeitos indiretos de seu envio – provêm à base para condições de trabalho humanas e um nível de remuneração suficiente para sustentar um modo de vida digno. Numerosas famílias, e grande parte delas com muitos recursos, têm usado o dinheiro das remessas para ascender economicamente, ao menos por certo tempo. No entanto, um número grande de famílias e de comunidades não tem tido a mesma sorte, e cada vez mais a opção pela migração internacional tem se feito necessária para a obtenção de um padrão de vida mais digno, o qual somente se mantém graças a um fluxo constante de remessas (HEIN DE HAAS, 2010, p. 59).

As perspectivas da migração e do desenvolvimento, lideradas pelos meios de subsistência na nova economia, coincidiram com uma tendência nos estudos de migração: “a mudança transnacional no estudo do assentamento e da integração de comunidades migrantes nos países de chegada” (GLICK SCHILLER, 2001; CASTLES; MILLER, 2009, p. 318). Isso levou a um maior reconhecimento das oportunidades crescentes para os migrantes e suas famílias adotarem um modo de vida e identidade transnacional.

2 MIGRAÇÃO E DIÁSPORA HAITIANA COMO ACUMULAÇÃO DE CAPITAL HUMANO

2.1 DIÁSPORA HAITIANA

A fim de abordar a diáspora haitiana, é preciso definir o termo “Diáspora”. Segundo Tölölyan (1996), pesquisador americano, houve uma transformação do uso do termo diáspora. O conceito tradicional designava pessoas que mantiveram vínculos formais ou simbólicos institucionalizados apesar da sua dispersão geográfica e, portanto, sua presença em diferentes sociedades políticas. Desde então, tende a designar todas as formas de migração ou referência a uma comunidade histórica, reduzindo-se a um único termo, cada vez mais político, referindo-se a pessoas indigentes e experiências sociais que têm significados muito diferentes. Nos Estados Unidos, às vezes, refere-se apenas a um grupo étnico.

O termo diáspora designa o fenômeno em que os membros de uma comunidade histórica mantêm, apesar da dispersão para diferentes organizações políticas, uma referência, a uma identidade coletiva e formas de solidariedade que precisam ser analisadas em sua complexidade e deve englobar todas as populações dispersas, se quisermos dar-lhe um significado que o torne heurísticamente fecundo. Não pode ser reservado para certas populações, enobrecidas nas representações sociais.

Há também, além do termo diáspora, a expressão capital humano. Como afirma Gary Becker (1964), o capital humano das instituições públicas e privadas não se refere apenas à educação formal dos empregados e sua experiência de trabalho geral, mas também à experiência específica relacionada com a instituição. Quando muitas pessoas estão se desvinculando de uma instituição em um curto espaço de tempo, há uma considerável perda de memória institucional a ser transmitida, isto é, a experiência em termos de métodos específicos para resolver determinadas tarefas dentro da instituição.

No caso do Haiti, segundo Saint-Hubert (2012), dado que o contexto da repressão política levou à mobilidade inter-regional dos haitianos, é especialmente importante distinguir uma população no exílio e uma comunidade diáspórica. Uma população no exílio foi temporariamente expulsa de seu país de origem e participa ativamente da refundação deste, ainda no exterior, e se concentra no projeto de retorno caso haja mudanças das condições políticas que a fizeram sair.

A análise desta pesquisa considera que a diáspora é mais ambivalente quanto às suas relações com o país de origem. Socialmente e economicamente estabelecida no país em que

reside, o indivíduo mantém laços emocionais, políticos e às vezes econômicos com o país de origem.

De acordo com Adelman Sayad (1998), o fenômeno da migração pode ser compreendido do fato de que a migração (saída) e a qualidade de migrante (chegada) se separam pelo enfoque da coletividade e individualidade, pois se orientam e se consubstanciam.

Na opinião do autor, preliminarmente e impreterivelmente, é necessário analisar as condições sociais que geraram a migração internacional, bem como as eventuais mudanças das mesmas, para que, em ordem cronológica, se possa analisá-la como aspecto da mesma realidade, em sociedades diferentes. Dessa forma, torna-se mais fácil a aceitação do termo migrante, que engloba as qualidades tanto do migrante em sua origem quanto do migrante em outro país.

Segundo Denise Cogo (2014), a diáspora é entendida como uma identidade coletiva, não limitada a um contexto de movimento social, mas que pode emergir de toda situação de dispersão da população migrante pelo mundo e no interior do próprio país de migração. Sua tessitura comporta uma multiplicidade de identificações, vínculos e cruzamentos culturais e não apenas a polarização entre identidades nacionais homogêneas dos países de origem e de migração.

As diásporas, além de desempenhar um papel de suporte das trocas e como facilitadoras das relações entre seus membros, como ocorre no contexto das redes migratórias, são capazes também de favorecer e mesmo ativar processos de elaboração compensatória que conduzem à própria existência de uma diáspora. São experiências que podem suscitar, ainda, tomadas de consciência compensatórias e desejos de sua própria redefinição como comunidades na dispersão.

A migração de pessoas da classe média haitiana produziu uma comunidade no exílio há algum tempo. Esse êxodo foi precedido por um movimento mais geral de pessoas em busca de condições econômicas e sociais mais lucrativas e estáveis. Isso levou à criação de comunidades diaspóricas em vários países do mundo, muitas das quais são exiladas, que estabeleceram relações sociais e com as famílias durante o longo período do regime ditatorial. É notável que a ambivalência da diáspora pode se intensificar em um contexto de integração parcial no país para aonde vão os migrantes (discriminação religiosa, racismo institucional). Esta integração é evidente no caso da experiência da diáspora haitiana nos Estados Unidos da América e no Canadá.

Apesar da existência de algumas barreiras persistentes à integração social e econômica nos países aonde chegam os haitianos, uma proporção significativa da comunidade da diáspora haitiana, particularmente na Europa e América, de indivíduos mais qualificados é bem-sucedida social e economicamente. Esse sucesso também é compartilhado por membros das categorias menos qualificadas. Em comparação com a população haitiana como uns todos aqueles que vivem na diáspora obtêm certo sucesso econômico e formam, em sua maior parte, a grande maioria da classe média haitiana (MARCELINO, 2013).

Segundo Pedro Marcelino (2013), os Estados Unidos foram o primeiro país de destino que acolheu as diásporas haitianas, o segundo foi a República Dominicana, seguida do Canadá e a França. Mais especificamente, estes países são considerados os dois principais países onde se concentram a elite intelectual do Haiti.

No entanto, a política de migração de profissionais qualificados para o Canadá dissolveu a elite intelectual haitiana, a partir de 2010, e esta política de integração criou um movimento migratório sucessivo entre os países. Este grupo de migrantes criou redes migratórias dinâmicas. Nesse sentido, o que se percebe é o papel intermediário da sociedade haitiana dentro do processo migratório, que se organiza através de associações da diáspora, elaborando estratégias para o desenvolvimento social do país.

Foi produzido, sobre a diáspora haitiana, um relatório divulgado pela Fundação Canadense pela América Latina-Haiti (FOCAL), em 2005, após conferência organizada no Canadá no final do ano de 2004⁹. Esta contou com a presença de vários representantes governamentais canadenses, norte-americanos, franceses, além de 500 moradores desses países, de organizações internacionais, jornalistas e sociedade civil.

O objetivo principal desse encontro foi de apresentar a diáspora haitiana como um elemento ativo na comunidade do Haiti, demonstrando a importância dela para a reforma democrática do país. Durante a formulação do Quadro de Cooperação Interina, ela foi considerada elemento fundamental para o desenvolvimento local, devido à aquisição de mão de obra com elevada capacidade intelectual. Após a conferência no Canadá, a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) desenvolveu projetos com a comunidade haitiana em Miami, Nova Iorque e Boston, apresentando um programa com objetivo de planejar o desenvolvimento no Haiti.

As diásporas estão se tornando atores essenciais no desenvolvimento nascido da globalização no Haiti, porque têm uma profunda influência nos processos políticos,

⁹Relatório final da Conferência de Montreal com a Fundação Diáspora Haitiana (dezembro 10-11-2004) para a Fundação Canadense para as Américas www.focal.ca, 14 de Janeiro 2005.

econômicos e sociais. Governos e organizações internacionais estão começando a reconhecer a necessidade de compreender e levar em consideração esses atores em muitas áreas de políticas públicas.

Ao longo da última década, autoridades e pesquisadores analisam o papel que as remessas da diáspora haitiana podem desempenhar (GLICK-SCHILLER, 2001) e o empreendedorismo do capital humano no desenvolvimento socioeconômico de um grande número de países de migração. Atualmente, também se interessaram pelas transformações políticas e sociais para as quais as diásporas podem contribuir no Haiti através de várias formas de atividade: financiamento de partidos políticos, desenvolvimento social e mobilização da sociedade civil.

Essa foi uma grande oportunidade para novos migrantes fazerem parte da diáspora haitiana. Apresentaram múltiplas fontes de financiamento estrangeiro por intermédio de associações da diáspora no Haiti, em diferentes comunidades que realizam projetos de desenvolvimento local (FOCAL, 2004).

Após o terremoto no Haiti, em 2010, para facilitar o desenvolvimento socioeconômico, emergiu das discussões realizadas por representantes da diáspora haitiana, durante as oficinas organizadas como parte do Fórum da Diáspora Haitiana (FDH), contribuição para um Programa Estratégico de Reconstrução e Desenvolvimento para o Haiti. Este diálogo ocorreu no período de 21 a 23 de março de 2010, na sede da OEA, em Washington, DC.

Todos os representantes da diáspora haitiana participaram desta oficina de arquitetos, engenheiros, gerentes de projetos, curadores e ativistas de direitos humanos de Estados Unidos, Canadá, Haiti, França e de outros países (FDH, 2010). Os esforços de desenvolvimento sustentável, que incluem construção ecológica, captação de energia solar, usam materiais de construção locais e a integração das sensibilidades estéticas do Haiti e outros problemas de *design* são incorporados em pontos de vista pragmáticos e filosóficos dessa oficina.

Os pontos principais dessa oficina da diáspora haitiana baseiam-se na observação de que a maioria dos haitianos em seu interior, por várias razões, sonha em deixar o país, enquanto boa parte da diáspora sonha um Haiti atraente, se não permanentemente, ao menos possível. A questão surgiu então sobre a lógica da relação com o território onde se queria viver. Ao observar práticas comuns e avaliar a mobilidade de bens e pessoas, percebe-se que essa relação com o país ultrapassa os limites restritos do território nacional.

A crise aberta pelo terremoto tornou a questão haitiana uma causa internacional, em que a responsabilidade de toda uma geração, além das fronteiras da República do Haiti, está envolvida. “Isso significa que os haitianos que deixaram o país são vistos por seus descendentes, amigos locais e estrangeiros como defensor de uma profecia, uma causa universal, digna de seu compromisso solene com seu país” (FDH, 2010, p. 10-13).

A Diáspora está pronta para desempenhar seu papel na promoção do capital de investimento, como o capital de risco, para o investimento social no Haiti. Também está pronta para oferecer suas habilidades diversificadas nas áreas de mercado de capitais, tecnologia, engenharia, energia verde, etc. A Diáspora acredita que é imperativo reconstruir e consolidar a governança democrática.

Segundo ela, a justiça social, o Estado de direito, o respeito pelas liberdades civis e a proteção da propriedade privada são elementos-chave na criação de um ambiente propício ao crescimento econômico e ao desenvolvimento. De acordo com a FDH (2010), a Diáspora acredita que a gestão de desastres naturais deve ser uma prioridade do Estado em longo prazo. Se o Haiti não puder controlar a ocorrência de desastres naturais, ele deve gerenciar a vulnerabilidade e os riscos que os acompanham.

De acordo com Handerson Joseph (2015, p. 343):

a questão da diáspora advém da desintegração involuntária da sociedade haitiana pelo estabelecimento de programas de reforma não democráticos que desestabilizaram o setor agrícola e rural do país. Segue-se também uma crise política por décadas, que causou o deslocamento da maioria da classe profissional do país.

Famílias em todos os níveis da sociedade haitiana, atualmente, seguem estratégias baseadas na transnacionalização¹⁰ das suas atividades econômicas, seja por meio da migração, seja através de investimento e aquisições médias de terra.

2.1.1 Diáspora e os costumes culturais no Haiti

Nas regiões rurais do Haiti, a família é organizada em torno do *lakou* (quintal), em que grupos da família extensa formam uma comunidade de solidariedade, compartilhando um pátio comum. O trabalho e o cuidado das crianças são divididos entre as famílias que

¹⁰O fenômeno transnacionalização refere-se ao fato de que um poder de decisão está além do Estado-nação, o controle da economia escapa cada vez mais para a nação-estado (governo). Os governos nacionais estão cada vez mais sujeitos a normas supranacionais e instituições (por exemplo, OMC) que limitam a sua capacidade de agir ou são incapazes de impor seus regulamentos.

compartilham o quintal. As famílias urbanas são descritas como não possuidoras dessa formação, exceto nas favelas, onde *lakou* são numerosos (KIRMAYER, 2010).

Nos centros urbanos, as famílias de classe média são organizadas em torno de um modelo que combina elementos haitianos e anglo-saxões. Embora a autoridade seja supostamente pertencente ao pai, que muitas vezes está ausente, a mãe continua a ser o *potomitan*, o pilar central da família. Em geral, as mães são responsáveis pela vida espiritual e emocional da família, ficando a cargo dos pais as finanças, mesmo que as mães cuidem dos detalhes que as envolvem. Os chefes das famílias são muito comuns, particularmente nas áreas urbanas (MAGLOIRE, 2008). Nos últimos anos, as pressões da pobreza interromperam o sistema *lakou*, deixando muitas famílias sem o apoio compartilhado no *lakou*.

No Haiti, a grande maioria das famílias caracteriza-se por sindicatos habituais *viv avèk* (ao juntar) e mães solteiras. As condições de vida dessas famílias muitas vezes são muito precárias, especialmente quando o pai se recusa a assumir a responsabilidade financeira de seus filhos. Além disso, a grande proporção de crianças nascidas de pais desconhecidos ou não declarados apresenta um grave problema social. O *status viv avèk* também tem consequências para o número de crianças (entre cinco e sete por mulher). No sistema das famílias haitianas, dado o contexto econômico do país, as mulheres desempenham várias funções essenciais, mas enfrentam uma grave discriminação econômica, legal e educacional (JAIMES, 2008).

As relações amorosas (*viv avek ou plasaj*) são os modelos conjugais mais comuns. *Plasaj* refere-se a um sistema em que um homem pode ter várias esposas de direito comum e deve cuidar de cada uma delas e dos filhos nascidos dessas relações amorosas. No entanto, o casamento religioso e civil ainda é considerado o tipo de união mais prestigiada. De acordo com Danièle Magloire (2008), que administra uma organização de direitos das mulheres em Porto Príncipe, os papéis das mulheres estão bem definidos nos casais: elas são responsáveis por fazer as compras de mercado, gerenciar o orçamento familiar, preparar alimentos e executar cuidados infantis.

Geralmente, os homens são responsáveis pelo trabalho agrícola para atender as necessidades alimentares da família, e eles fazem reparos e manutenção na casa quando necessário (MILLER, 2000). Existem diferentes graus de *status* para mulheres, de *fanm marye* (esposa) a *fanm kay* (donas de casa) ou *fanm jaden* (mulheres da plantação). As mulheres rurais que migraram para as cidades são um dos grupos mais marginalizados da sociedade haitiana. Muitas estão desempregadas, são mães solteiras e acabam morando nas favelas de Port-au-Prince, Cap-Haïtien e Gonaïves. As mães solteiras às vezes se prostituem ou realizam

outras atividades para sustentar suas famílias. Elas também podem se tornar vendedoras ambulantes (*madanm sara*) de bens e alimentos na economia informal.

De acordo com o Fórum da Diáspora Haitiana (2010), as mulheres no Haiti enfrentam desafios particulares porque o impacto do devastador terremoto as empurra para superar o papel tradicionalmente atribuído a elas pela sociedade como mulheres. Este desastre enfraqueceu ainda mais a capacidade delas de desempenhar suas tarefas de mães, esposas, educadoras, provedoras de recursos financeiros, empresárias e ativistas. A assistência internacional, bem como o envolvimento dos haitianos que vivem no exterior, será crucial para as mulheres haitianas nessa fase de recuperação e reconstrução.

As pessoas que migram muitas vezes deixam a custódia de seu filho para um familiar ou amigo. Outra prática generalizada em famílias rurais pobres, principalmente por razões econômicas, é “dar” seus filhos a famílias de acolhimento na esperança de que a prole possa ter melhor acesso a alimentos, habitação e educação. Esses jovens, chamados de *restavèk* (fique com), muitas vezes se tornam donos de casa não remunerados e são particularmente vulneráveis à exploração e mais propensos a experimentar altos níveis de violência física e agressão sexual.

É por isso que o Fórum da Diáspora Haitiana (FDH, 2010) enfatizou a importância de modernizar as leis e regulamentos que regem o abandono de crianças, a sua colocação no campo de acolhimento, pais, adoções nacionais e internacionais. Trabalhadores sociais especializados no desenvolvimento de modelos para o bem-estar social de crianças e especialistas legais da diáspora estão prontos para discutir e formar parcerias com o Ministério dos Assuntos Sociais, incluindo o Instituto de Previdência Social.

No entanto, a diáspora haitiana desempenha um papel interessante também no que se refere à morte. O funeral de um membro da família que permanece no Haiti, antes de ser uma concepção tipicamente haitiana, moldada pela geografia e pela experiência cotidiana do povo, foi composto na interação com diferentes civilizações e culturas, tais como a africana, a ocidental e a americana. É por isso que alguns dos aspectos descritos no referencial teórico deste estudo podem ser relacionados, de uma forma ou de outra, a essas civilizações, o que não minimiza a própria identidade ou originalidade, em termos de crenças e práticas haitianas.

O ritual funerário haitiano tem um aspecto socioeconômico relevante, uma vez que as famílias incentivam a ida de seus filhos para a diáspora, como forma de garantir um funeral digno para seus pais e outros membros da família.

Apesar de a questão da garantia de um ritual funerário digno ser um dos principais motivos de manutenção da diáspora haitiana, não é o único. Os migrantes que realizam

deslocamento incentivado por essa questão são denominados *pitit gason oubyen pitit fi mwèn se tèt sèkey mwèn*, meu filho ou minha filha é a cabeça de meu caixão. Com um dos membros da família na diáspora, mantém-se a esperança de um bom funeral na hora da partida, sendo esse um dos aspectos do fenômeno migratório haitiano, muito comum no meio rural e urbano. É praticamente impossível para um haitiano desempregado e que não tem condição econômica garantir a celebração e os custos de um ritual funerário. Por isso, a diáspora acaba se apresentando como uma garantia da celebração funerária completa.

Cabe salientar que os ritos de um funeral no Haiti são bem diferentes se comparados a alguns países do Caribe, como República Dominicana, Bahamas, Jamaica, Cuba, entre outros. Quando uma pessoa morre no Haiti, a primeira medida a ser tomada é a manutenção do corpo do defunto em um mortuário durante 15 a 30 dias. Esse período depende dos recursos financeiros de que a família dispõe, pois o custo desse processo é alto, em torno de US \$ 3.000 a US \$ 6.000 dólares americanos (BIEN-AIMÉ, 2012).

Sendo esse um costume da cultura haitiana, seus reflexos acabam influenciando a diáspora e vice-versa. No dia do funeral, todos os membros da família se vestem com vestidos semelhantes, nas cores pretas e brancas e organizam o ritual com comidas e bebidas para os participantes do velório.

2.2 DESENVOLVIMENTO DE CAPITAL HUMANO E ÊXODO DE COMPETÊNCIAS

O capital humano é o conjunto das capacidades produtivas de um indivíduo (ou de um grupo). Isso inclui habilidades de trabalho, como conhecimento geral ou específico, como, por exemplo, conhecimentos e experiência na prática de um comércio, bem como outros investimentos de tempo da família em prol das crianças (GAZIER, 1993).

O capital humano é acumulado durante a vida e possui duas características essenciais gerais. Consiste em elementos intangíveis, como experiência e habilidades, e é inseparável da pessoa do seu titular. Na verdade, é o conhecimento que os indivíduos têm acumulado a partir das instruções e treinamento que receberam. Este capital humano também inclui o estado de saúde, nutrição e higiene que contribuem para o desenvolvimento e bem-estar físico e mental dos indivíduos.

A taxa de retorno sobre o capital investido em treinamento é estimada com base nas diferenças salariais entre mão de obra não qualificada e qualificada. Porém, é a renda adicional (diferenças de treinamento) ou o aumento da renda nacional esperada ou da rentabilidade social líquida, ou seja, gera externalidades e elementos que não são do mercado.

O capital humano, precisamente por causa das externalidades positivas induzidas que produz na sociedade em geral e particularmente no Haiti, deve ser colocado a serviço do bem-estar coletivo do serviço público onde esse capital é acumulado. Para muitos haitianos, a migração tornou-se a única solução, mesmo pondo em risco suas vidas.

O Haiti pode melhorar a produtividade de sua população através da educação, saúde entre outros fatores importantes na melhoria econômica, uma condição necessária para o desenvolvimento da sociedade. Além disso, as análises de expansão de competências mostraram o papel fundamental desempenhado pelo nível de treinamento na explicação das diferenças nas taxas de expansão. Assim, Stiglitz (2003, p. 768) relata que o “aumento no capital humano é uma das principais fontes de melhoria econômica. Existe um consenso de que a ligação entre capital humano e crescimento é real e significativa”.

Brian Keeley (2007) observou que, se o tempo médio gasto por cada pessoa dedicada à educação aumentar em um ano, a produção econômica per capita do país deverá aumentar em longo prazo, em uma faixa entre 4% e 6%. No Haiti, para que o capital humano se torne uma fonte de capacidade produtiva e, portanto, de crescimento, a estrutura concreta das oportunidades de emprego na economia haitiana deve poder absorvê-las e mantê-las no país.

A produtividade é um resultado de valor de mercado dos serviços de um indivíduo (salários). É determinada em grande medida pelas somas que o indivíduo, o país e o Estado-Nação escolheram para investir em educação, saúde e formação profissional. Assim, quando os indivíduos investem dinheiro e tempo em treinamento e saúde, eles fazem isso para melhorar suas habilidades e capacidades, daí sua produtividade, ao fazê-lo, contribui para aumentar seus rendimentos.

Economistas, como Gary Becker (1964), mostram que as taxas de retorno sobre esses gastos em educação, especialmente no nível primário, são particularmente elevadas. Gazier (1993) também acredita que as capacidades de trabalho de um indivíduo podem ser consideradas como capital humano e que os dois elementos fundamentais são o treinamento e a saúde.

Logo, o capital humano acumulado no Haiti, que é amplamente exportado para os países centrais industrializados como um enclave, em que a rentabilidade não é aplicada na economia nacional. Assim, no contexto dessa sociável economia haitiana, o acúmulo de capital humano, que é assimilado ao modelo econômico do enclave, permite ao país ter alguma vantagem comparativa em termos de custos de formação e de qualidade de mão de obra para a exportação deste capital humano para os países industrializados e desenvolvidos.

O fato de a força de trabalho, altamente qualificada do país, ao ser atraído pelas condições de trabalho e de vida oferecidas por outros países apresenta enormes dificuldades ao Haiti. Assim, este capital humano está integrado no mercado interno ou no mercado mundial capitalista, e é aí que ocorre a rentabilidade do produto final e, portanto, escapa ao controle do país em que a produção, o treinamento e a acumulação de capital humano são realizados.

Do ponto de vista de estudos macroeconômicos, parece que a taxa média de migração na qual se dá o êxodo de competências (capital humano) torna-se prejudicial para o crescimento que pode ser estimado de forma conservadora em 15% nos países em desenvolvimento. A taxa de migração qualificada (que maximiza os ganhos do país) está provavelmente entre 5% e 10%. Note-se que 23% dos países em desenvolvimento têm perdido 5% do capital humano (41% têm um êxodo de competências de menos de 10%). Muitos desses países (incluindo a maioria dos grandes países e os de tamanho médio) normalmente se beneficiam da mobilidade de trabalhadores qualificados. Pelo contrário, a maioria da África subsaariana e da América está bem acima deste limiar e sofre perda de capital humano. Uma análise profissional e setorial seria importante para se tiverem em conta as carências específicas (DOCQUIER, 2007, p. 83).

Essa migração desses trabalhadores qualificados é muito encorajada pelos países industrializados, uma vez que é muito lucrativa. Os migrantes estimulam a economia a um custo baixo ou nulo para o país que os recebe (PNUD, 2009). Esse êxodo de competências é ainda estimulado por grupos de interesses industriais, como “empresas e universidades em países desenvolvidos que tiveram que fazer com que seus governos entendessem que é necessário liberar a entrada de potenciais em suas economias para manter alguma vantagem competitiva” (CNUCED, 2008, p. 20).

O papel do nível de treinamento em explicar a taxa de crescimento é conhecido e cada vez mais decisivo no sucesso de Estados-Nação. Deve-se dizer que, enquanto o investimento de capital humano realizado e treinado pelo Haiti é lucrativo para um país industrializado, e, portanto, não em benefício do Haiti, é prejudicial e implica necessariamente um alto custo econômico para o Haiti.

A migração ainda é uma importante rede de segurança social para muitos haitianos. No entanto, as redes de solidariedade e transnacionais são criadas nos polos da diáspora entre eles, para contornar as barreiras institucionais e a discriminação, com o objetivo de melhorar o padrão de vida dos migrantes e capacitá-los a atender às suas necessidades vitais e as de sua família no Haiti. As estratégias da família dependem tanto da exploração de rotas de migração

já abertas como do aumento do campo migratório para responder aos interesses da situação econômica e às políticas de migração dos países de residência.

Ao se estruturar, a diáspora haitiana adquire gradualmente uma dinâmica interna distinta do país de origem, como demonstram os circuitos migratórios e a especialização funcional dos espaços migratórios e, em geral, a mobilidade dos indivíduos. Este alto nível de diplomados haitianos, que migram, afetou a economia e o mercado de trabalho, especialmente porque esse êxodo de competências deixou no Haiti uma porcentagem relativamente pequena de pessoas qualificadas, em comparação com as necessidades do país.

Mesmo quando não migram, eles trabalham no serviço público, e muitos deles podem se tornar consultores para agências internacionais, começar seus próprios negócios ou se juntar a uma organização não governamental (ONG), garantindo assim uma renda, financiada principalmente por estrangeiros.

Mais do que a regulação do êxodo de competências, é a participação das populações diaspóricas na construção de uma sociedade mais estável, mais próspera e, acima de tudo, justa, que constitui um dos desafios essenciais para o futuro. A negociação das modalidades desta participação parece, de fato, como uma grande dimensão do desafio haitiano, que é responsabilidade do governo haitiano e da diáspora.

Após o terremoto, o reforço da presença de ONGs - mais de 10 mil até o momento - e a renovada interferência de potências estrangeiras no Haiti podem afetar as possibilidades de participação da diáspora na reconstrução, reduzindo o alcance de sua ação potencial (SEGUY 2014).

Nessas condições, as atividades baseadas na assimilação e aplicação de descobertas tecnológicas no Haiti serão pouco desenvolvidas e o capital humano acumulado, à custa de esforços consideráveis, será afetado negativamente, seja pelo desemprego dos diplomados, seja do seu desvio para atividades de busca de renda e êxodo de competências. Dada a escassez de tais recursos para a economia haitiana, o fato de o país não se beneficiar dos investimentos feitos na formação desse capital gera um custo de oportunidade extremamente elevado para o país.

O Haiti também sofre êxodo de competências: o país tem uma das maiores taxas de migração de pessoas qualificadas no mundo, 82% dos trabalhadores qualificados haitianos que completaram o ensino superior vivem em países membros da OCDE (DOCQUIER; MARFOUK, 2006; DOURA, 2010). Segundo esses autores, “12 mil haitianos deixariam o país em média todos os anos. Essa taxa de migração dos diplomados haitianos,

particularmente a migração de médicos, é de 21,9%, e 11% dos médicos americanos são de origem haitiana” (DOURA, 2010, p. 171).

Milhares de executivos profissionais do país de que migraram mostraram que os investimentos feitos pelas famílias e o Estado haitiano vêm subsidiar as economias do Haiti. Esses profissionais, muitas vezes, são de nível superior, enquanto o país poderia ter se beneficiado de suas habilidades, eles são obrigados a deixar o ambiente hostil causado pela inconsistência de políticas do governo. O retorno são os resultados de maiores rendimentos auferidos nos países de origem. É também uma perda para a sociedade haitiana, uma vez que o retorno não econômico sobre a melhoria do bem-estar individual e da coesão social é tão importante quanto o efeito sobre a renda do trabalho e o conhecimento econômico.

2.3 REDES MIGRATÓRIAS HAITIANAS

A compreensão da dinâmica das migrações haitianas requer a mudança de escala de análise das redes migratórias para entender as estratégias dos atores em relação à família no país de origem. As redes transnacionais são impulsionadas pela mobilidade dos indivíduos (visitas da diáspora ao país, da família à diáspora ou entre lugares da diáspora) e intercâmbios de todos os tipos, tangíveis e intangíveis, que forjam relações sustentáveis entre os espaços. Massey (1988, p. 73) define a “rede de migração como o conjunto de elos interpessoais que conectam migrantes, futuros migrantes e não migrantes a lugares de origem (Haiti) e residência, através de laços familiares, amizade e origem comunitária compartilhada”.

Em um contexto desfavorável à implantação da migração haitiana e de mecanismos rígidos de controle, migrantes pobres ficam sujeitos aos caprichos da situação social e econômica, conforme afirma Audebert (2012). A configuração geográfica insular multiplica o risco relacionado à migração, estereótipos no Haiti - a rápida ampliação dos fluxos para outros países parece inesperada.

É difícil entender a perpetuação dessas correntes migratórias sem levar em conta as solidariedades sociais implantadas através das fronteiras. A geografia dos fluxos migratórios nos lembra de que, além das considerações estruturais de natureza essencialmente econômica, há um nível de análise intermediário entre as “macroteorias” políticas, econômicas e culturais e as “microteorias” que destacam os valores e recursos individuais. Este nível intermediário destaca os laços sociais e o capital social implementados no contexto das redes de migração (AUDEBERT, 2012, p. 77).

Os migrantes, negociadores espaciais autônomos e sutis, desenvolvendo verdadeiros sistemas transacionais, relacionais e circulatórios (SIMON, 2008), realizam estratégias - muitas vezes arriscadas - para contornar obstáculos legislativos e políticos e traçam rotas migratórias perenes e evolutivas. No contexto de redes baseadas na origem regional, o papel da família é central nesse processo.

O acesso a um *status* legal e a liberdade de práticas espaciais consistentes com o projeto de vida são as principais questões dessas estratégias. Eles estruturam o caminho haitiano transnacional, migratório constantemente remarcado, que depende de rotas articuladas a lugares, ligando pontos de partida em diferentes níveis: transnacional, nacional, regional. Com o amadurecimento das redes, as dinâmicas espaciais também revelam uma articulação mais óbvia entre a rede migratória. (AUDEBERT, 2012, p. 79).

É importante destacar algumas definições mais restritas e concretas com um uso mais genéricas no tema redes migratórias. Outra definição enfoca algumas das funções sociais das redes, definindo-as como “grupos de indivíduos que têm contatos recorrentes uns com os outros por meio de conexões profissionais, familiares, culturais ou emocionais” (OSWALDO, 2008, p. 203). Além disso, são formações complexas que canalizam, filtram e interpretam informações, articulam significados, alocam recursos e controlam comportamentos (KELLY, 1995 *apud* OSWALDO, 2008).

De qualquer forma, o uso das redes de termos, “em seu sentido mais restrito ou mais amplo, tenta destacar o fato de que muitos decidiram migrar após terem informado previamente as oportunidades (e dificuldades) com migrantes anteriores”. Estes poderiam fornecer informação sobre as perspectivas de emprego e habitação e recursos iniciais através de remessas que poderiam financiar e viabilizar viagens. (OSWALDO, 2008, p. 203).

Nesse sentido, é importante ressaltar o papel ativo, na sociedade do Haiti, de pessoas em mobilidade a fim de influenciar o comportamento dos novos migrantes em potencial, estimulando ou restringindo futuros projetos, expectativas e investimentos. Conforme apontam Dias e Silveira (2005, p. 29):

Em relação ao tema da informação (no caso dos migrantes haitianos), é uma variável-chave na forma como é disseminada. Tal processo é geralmente concebido através de redes cuja escala pode variar consideravelmente. Existem redes circunscritas a círculos familiares, existem redes mais extensas que transmitem informações para aldeias inteiras, e ainda maiores, que tocam uma microrregião inteira.

No mesmo sentido, outro ponto importante nas relações dos migrantes haitianos com os países estrangeiros é as confiabilidades atribuídas a essas informações que sublinha a

importância das chamadas relações sociais primárias. A pessoa ou família que estava pensando em migrar tendia a confiar mais nas informações fornecidas, pessoalmente ou por correspondência, por um membro da família, vizinho ou amigo, por exemplo, do que em folhetos distribuídos por uma agência (*faktè* em crioulo), cujos lucros dependiam apenas do número de indivíduos que poderiam colocar a bordo de um navio a vapor. Assim, os contatos pessoais tornaram-se mais importantes porque eram mais confiáveis do que as informações não pessoais.

Por conseguinte, é necessário analisar como se deu a recente chegada de haitianos nos países estrangeiros, os laços de fraternidade que os unem a diferentes redes sociais: famílias, outros membros ou líderes da igreja, que os ajudam. Audebert (2012) salienta que a origem do movimento migratório haitiano se dá, na maioria das vezes, através das redes sociais, por meio de informações e opiniões em favor da migração.

As redes sociais, geralmente familiares, de amizade ou mesmo religiosas, são importantes para explicar como os haitianos viajam para países estrangeiros e, acima de tudo, para ajudar a reduzir o custo do choque e econômica da migração. Assim, as redes sociais frequentemente suportam as redes migratórias.

Os fluxos migratórios são prolongados ou perpetuados mesmo quando as mudanças nas condições econômicas ou políticas e sociais deveriam teoricamente restringi-los, Massey (1993) aponta que as redes migratórias haitianas podem se autos sustentar, já que os custos dos novos migrantes reduzem os gastos das migrações subsequentes, de amigos e familiares.

A rede migratória haitiana conecta migrantes aos não migrantes no tempo e no espaço. Uma vez iniciados, os fluxos migratórios se tornam autossustentáveis, pois refletem o estabelecimento de vínculos e redes de informações, assistências e obrigações, que se desenvolvem entre os migrantes na sociedade residente, amigos e familiares que permanecem no Haiti.

Destarte, a migração internacional do Haiti provoca um processo social que depende de experiências individuais e que, por sua vez, contribui para as condições de viagem dos futuros migrantes. A dinâmica coletiva das lógicas de mobilidade merece atenção. Além das redes sociais, existem várias lógicas familiares (*fanmi yo*)¹¹ no mundo social da mobilidade.

¹¹A palavra crioula haitiana que significa parentesco e família é *Fanmi*. Com variações entre classes, entre o Haiti e a diáspora, a família (*fanmi*) é a principal referência que define o universo e a identidade das pessoas. Por extensão, também se refere a vários níveis de proximidade e familiaridade - na prática, com a capacidade de abranger algumas formas de relação social, como vizinhos, conhecidos, amigos, comunidade.

Várias estratégias são usadas em algumas famílias para decidir quem viaja e a ordem dos candidatos para a viagem. Alguns são escolhidos em vez de outros para viajar. Este processo não é uma construção mecânica unidimensional. Para obter tal decisão, uma variedade de questões é levada em consideração por aqueles que financiam a viagem (HANDERSON, p. 183).

Nesse sentido, Karen Richman (2005), citada por Handerson (2015, p. 184), relata que a família,

para sua segurança, escolhe qual ou quais de seus membros migrarão, poder-se-ia esperar que um filho ou uma filha considerado (a) generoso (a) e obediente fosse o (a) escolhido (a) para viajar, no entanto, é deixado para trás, mesmo que essas qualidades pareçam definir o migrante ideal, enquanto outro filho ou outra filha que é percebido como inseguro talvez seja nele que a família vá investir. Depois que os migrantes começam a construir sua condição social e econômica pessoal, precisam de outros que estejam dispostos a permanecer (no Haiti) para manter seus investimentos e cuidar dos filhos deixados para trás até também poderem migrar.

Esse corpo social é mobilizado para decisão sobre quem deverá sair. De acordo com Handerson (2015), alguns aspectos influenciam a decisão: o grau de parentesco da pessoa que manifesta o desejo de migrar, suas posses individuais, seus recursos sociais e intelectuais, sua conduta, sua honestidade, seu caráter, entre outros, e o fato de que o indivíduo, na chegada ao país estrangeiro (*lòtbò dlo*), deverá ajudar quem fica no Haiti.

Às vezes, um membro da família vem procurando (*voye chèche*) um meio de reduzir a ajuda econômica (daquele que envia dinheiro) àqueles que permanecem e ao novo migrante, para cuidar da manutenção de certos membros de sua família no Haiti. Consideram-se as experiências do candidato para a viagem, assim como seu *status* social desempenha um papel importante para aquele que vai viajar e determina a época de sua saída. Com base nesses aspectos, entre outros, a observação da lógica social e familiar da mobilidade faz todo o sentido.

2.4 IMPACTO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS CIRCULARES E DE RETORNO

As migrações ditas circulares e de retorno podem ocorrer quando o país de origem exerce um poder de motivação de retorno (fenômeno de retorno) maior do que o de outros países (migrações circulares), do contrário, se o país de destino inicial perder a sua atratividade ou onde a intenção inicial do migrante era permanecer no país de destino por um período de tempo limitado.

[...] todo indivíduo é em princípio membro de um grupo original e, em seguida, membro de vários outros grupos que se diria ‘segundos’, mas não necessariamente secundários, sobretudo no caso da migração, em que se é inevitavelmente membro, de certa maneira, da sociedade de migração e de outros grupos ainda, entre os quais os grupos dos migrantes (de mesma origem ou de origem diferente). (SAYAD, 2000, p. 13).

Ao discutir o retorno dos migrantes à sua terra natal, Oswaldo (2008), argumenta que tal questão necessariamente pressupõe vários modos de relações – com o tempo (passado e futuro), com a terra (natal e nova) e com o grupo aquele que se deixou fisicamente,

mas que se continua a carregar de uma maneira ou de outra, e aquele no qual se conformou e ao qual é preciso se impor, aprender a conhecer e a dominar. Não há, aqui, a adoção explícita de uma perspectiva de redes, mas é evidente a consideração das relações sociais do migrante (p. 210).

A migração circular e a de retorno favorecem o desenvolvimento socioeconômico dos países de origem, na medida em que os migrantes levem as habilidades e/ou o capital. No entanto, existe um pré-requisito essencial para essas mobilidades circulares e de retorno: o país de origem (Haiti) deve oferecer oportunidades de emprego e criação de riqueza. Se os países (de residência) desejarem encorajar o retorno dos migrantes aos seus países de origem, devem tomar medidas explícitas e importantes para melhorar as perspectivas econômicas e de emprego dos países de origem.

Os países de residência dos migrantes também devem considerar possíveis obstáculos ao retorno voluntário e à migração circular em sua legislação nacional. A questão do retorno também coincide com a duração da permanência dos migrantes. Quanto maior a permanência mais se envolve no país de residência, e quanto mais se adaptarem à cultura estrangeira, maiores são as chances de se fixarem com sua família no país.

O prolongamento da permanência no país estrangeiro faz com que os migrantes se desliguem do país de origem - que também evolui durante esse período. Assim, vários estudos, como CIPP (2012), mostraram que, ao longo do tempo, a possibilidade de um migrante haitiano retornar ao Haiti diminui. Também está comprovado que os migrantes haitianos preferem permanecer no país estrangeiro se não forem cumpridas, de forma bem-sucedida, todas as condições de integração: emprego, condições familiares, redes sociais e sensação de pertencimento ao país.

Na pesquisa do campo, e ao longo de dez anos, foi verificado com os interlocutores que boa parte dos migrantes haitianos instalados particularmente em países da América do Sul nunca volta ao Haiti, porque obtêm melhores oportunidades de transformar as condições da

vida pessoal e da família. Cabe ressaltar que a situação em seu país de origem também influencia essa decisão.

Os países que recebem os migrantes haitianos têm, em sua maioria, foco em relação a si mesmo. Todavia, deve-se notar que alguns países como o Brasil e o Chile, que programam as políticas de migração voluntária em relação ao Haiti, agora estão tomando medidas para manter trabalhadores haitianos qualificados¹².

De acordo com Marcelin (2017, p. 78), não surpreendentemente, a maioria dos repatriados haitianos vem da República Dominicana, “representando 45% dos migrantes, índice muito superior ao dos migrantes atuais instalados na República Dominicana, que é de 12%.” Diferentemente do que ocorre em relação aos Estados Unidos, uma vez que 52% dos migrantes atuais se estabeleceram lá, e apenas 24% foram repatriados.

Boa parte dos migrantes haitianos repatriados se diz satisfeita por retornar ao país. A média de permanência desses migrantes no país estrangeiro é de quatro anos. As razões que os levaram a migrar são as mesmas dos que hoje o fazem: em “mais de 50% dos casos para procurar trabalho ou estudar; as razões familiares representam apenas 3% das motivações para migrar, mas este é o principal motivo para o retorno ao Haiti para 38% dos migrantes” (MARCELIN, 2017, p. 78).

Os migrantes que retornam ao Haiti em menos de seis meses, ou que ficam no exterior por um curto período, não conseguem progredir significativamente e nem dar uma contribuição social ao país de origem. De acordo com um relatório de 2006 do Secretário-Geral da ONU, retornar para casa só pode ser verdadeiramente benéfico se o migrante tiver permanecido por pelo menos cinco a dez anos no exterior. E, de acordo com esse mesmo relatório, os países de origem se beneficiam principalmente do retorno de migrantes qualificados, já que adquirem um capital financeiro, humano e social no final de uma estadia de dez a 15 anos no exterior.

O retorno dos migrantes internacionais para o seu país somente pode ser útil para o desenvolvimento caso ele se dê nas seguintes condições: os migrantes em questão devem ter se qualificado ou habilitado em nível superior ao que teriam alcançado se tivessem permanecido em seu país; os conhecimentos e as competências adquiridas no exterior devem

¹²O nível de qualificações foi definido de acordo com a Classificação Internacional Padrão de Profissões (CIPP) da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2012). Nível 1: ocupações que envolvem tarefas físicas ou manuais simples e rotineiras (incluindo negócios básicos e certos negócios realizados pelas forças armadas). Nível 2: Trabalhadores de escritório, vendas e serviços, agricultores e trabalhadores qualificados na agricultura, silvicultura e pesca, comércio especializado na indústria e artesanato, máquinas e instalações estacionárias e trabalhadores da linha de montagem. Nível 3: técnicos e profissões relacionadas, funcionários do hotel e restaurante e outros serviços. Nível 4: outros tipos de líderes e profissões liberais.

ser relevantes no contexto das necessidades econômicas do país de origem (Haiti); os migrantes que retornam devem ter a vontade e a oportunidade de aplicar seus conhecimentos profissionais no Haiti.

O mesmo relatório afirmou que o retorno dos migrantes para o seu país só poderia contribuir para o desenvolvimento deste, na medida em que o país ofereça um clima econômico e social propício para a aplicação das habilidades do migrante ou invista os fundos que o migrante tenha economizado. Destaca-se que os diferentes Estados e organizações internacionais têm sua própria concepção do fenômeno da migração de retorno, e suas iniciativas também diferem.

Alguns países em desenvolvimento, como as Filipinas, encorajam o retorno dos migrantes, enquanto outros países, como o Bangladesh e o Vietnã, são menos propensos a se mover nessa direção. Por outro lado, vários países em desenvolvimento, como o Haiti, tomaram decisões para motivar os migrantes internacionais mais qualificados a retornar – ação que, aliás, nem sempre foi bem-sucedida. A esse respeito, quem alcançou maior sucesso foi a Ásia.

Algumas instituições internacionais, como OIM e PNUD, também tomaram iniciativas para incentivar migrantes qualificados a retornarem ao seu país de origem ou a mudarem para outro país em desenvolvimento. Por exemplo, os programas *Return of Qualified National* da OIM (2005) permitiram o repatriamento e a reintegração profissional de migrantes qualificados. O Programa de retorno para migrantes africanos qualificados foi implementado entre 1983-1999: contribuiu para o retorno de mais de 2 mil cidadãos africanos qualificados e experientes e o retorno de 2.565 estudantes que receberam bolsas de estudo. Essas pessoas conseguiram integrar-se profissionalmente em 41 países africanos, tanto no setor público quanto no privado.

Fornecer ou não incentivos aos migrantes para reintegração afeta positivamente ou negativamente sua capacidade de usar suas novas habilidades para o desenvolvimento de seu país. No Haiti, após a queda do ditador Duvalier, em 1986, e, em Bangladesh, em 2002, muitos migrantes internacionais retornaram ao seu país com grandes recursos financeiros que utilizaram em parte em atividades lucrativas, quer para a compra de terrenos ou para a construção de casas.

No entanto, um estudo da OIM (2005) indica que, embora um grande número de migrantes tivessem adquirido qualificações profissionais no exterior, ao retornarem ao seu país de origem, tiveram que aceitar empregos em que não puderam aplicar essas habilidades.

Bangladesh, por exemplo, em particular, não se programou para possibilitar a reintegração dos migrantes repatriados.

Diferentemente, nas Filipinas, o Governo instituiu, em 1995, uma lei para migrantes internacionais qualificados no exterior, dispondo sobre repatriação e estabelecimento de um Centro de Reintegração e Monitoramento destinado a eles com o objetivo de facilitar a reintegração e o progresso profissional dos mesmos (OIT, 2004), bem como o uso de suas habilidades para o desenvolvimento social e político do país.

2.5 EFEITOS DAS REMESSAS HAITIANAS

É importante enfatizar a relevância das remessas dos migrantes internacionais haitianos para o desenvolvimento socioeconômico do Haiti, nas falas dos interlocutores que entrevistei destacando o papel que eles podem desempenhar como capital humano para a educação, investimentos imobiliários, entre outros. No entanto, as remessas são usadas principalmente na compra de alimentos e outros bens de consumo para a família que permanece no Haiti.

Pode haver uma evolução no uso de fluxos financeiros, que, como já dito, são inicialmente aplicados nas despesas de consumo primário individual ou da família, na transformação da vida precária, satisfazendo as necessidades imediatas de consumo. Dá-se ênfase também aos benefícios reais ou potenciais para o desenvolvimento socioeconômico do país, derivado da contribuição que os migrantes destinam ao financiamento de suas famílias haitianas. Sendo assim, a maior parte das remessas ditas de migrantes haitianos ainda é gasta em consumo são de valor inestimável, pois suprem as necessidades básicas e amenizam a pobreza das suas famílias no Haiti. Segundo os interlocutores em Manaus, os migrantes são a esperança de suas famílias.

Cabe ressaltar que os fluxos financeiros iniciados pelos cidadãos haitianos altamente qualificados contribuem para o desenvolvimento socioeconômico subjacente à migração internacional e a diáspora haitiana (Observatório ACP sobre as migrações, 2014). De acordo com Doura (2010, p. 173) salienta que as “remessas realizadas por migrantes haitianos representam mais de 50% do produto interno bruto do país e podem ter um efeito preponderante no país de várias maneiras”:

a) como entradas de capitais estrangeiros, esses envios ajudam a financiar o déficit comercial, melhorando assim a situação da balança de pagamentos do país;

b) em países de baixa e média renda, esses recursos aumentam a renda daqueles que os recebem (famílias), reduzindo diretamente a pobreza e ajudando a preservar os padrões de consumo doméstico, contribuindo indiretamente para estabilizar a atividade econômica do país (PNUD, 2005).

“Além disso, um estudo de Gupta (2007), em uma amostra de 76 países, aponta um aumento de 10% nas remessas em relação ao PIB, o que leva a uma redução de 1% na taxa de pobreza” (PIERRE, 2014, p. 29; DOURA, 2010, p. 179).

Essas remessas podem suprir, em maior ou menor grau, as necessidades de consumo da família que ficou no país de origem, cuja renda monetária é frequentemente baixa e instável. Destarte, ao aumentar os rendimentos e diversificar suas fontes, os recursos dos migrantes contribuem para melhorar a vida cotidiana das famílias, auxiliando-as na superação das situações de crise econômica.

Alguns estudos sobre essas remessas indicam que as famílias, que as recebem, têm um padrão de vida mensal mais alto do que a média nacional. Bénédique Paul (2008) também relata que, segundo estimativas, cerca de 95% das remessas transferidas de migrantes haitianos são utilizadas nas despesas de consumo da família no país de origem, assim como para cobrir os custos de saúde e educação, vestuário, aluguel e aquisição de itens domésticos e necessidades urgentes do consumidor (DOURA, 2010; HEIN, 2010).

As remessas para o Haiti também podem ser usadas para construir ou adquirir uma casa ou terreno. Ressaltamos que o investimento em educação ou saúde, por outro lado, melhora o capital humano do país e, portanto, tem um efeito sobre a sua produtividade em longo prazo, na medida em que esse capital permanece no país.

As remessas dos migrantes haitianos também podem financiar pequenas e médias empresas, comércio ou pequenos projetos de infraestrutura locais. O consumo aumenta a demanda por produtos locais, onde a oferta é elevada, ou seja, a produção doméstica responde positivamente a uma crescente demanda por bens e serviços, ao mesmo tempo em que controla o aumento dos preços.

Esses recursos oriundos dos haitianos repatriados podem, nesse caso, desempenhar um papel importante para os consumidores haitianos, pois contribuem para o crescimento econômico e, conseqüentemente, para a promoção de empregos e investimentos no país. O Haiti, por meio de políticas econômicas, multiplica essas remessas advindas da diáspora geralmente nos países em que os migrantes se encontram (PIERRE, 2014).

Essas remessas migratórias haitianas representam uma forma de proteção, segurança contra incertezas e precariedades por que passam os familiares que permanecem no país. A

migração de mão de obra também permite aliviar a concorrência no mercado de trabalho nacional, diminuindo assim as tensões ligadas à falta de postos nesse mercado.

Além disso, os rendimentos da migração podem estimular a atividade econômica local e, de certa forma, substituir o crédito e outras formas de financiamento que muitas vezes são inacessíveis às populações pobres e mal adaptadas às suas necessidades. No entanto, os fatores que levaram as pessoas a migrar também são muitas vezes aqueles que limitaram o potencial produtivo das remessas. No entanto, a falta de serviços públicos do Estado haitiano e de infraestrutura limita severamente as potencialidades produtivas das remessas.

2.5.1 O impacto das remessas no Haiti

Existe uma predominância de padrões de consumo em relação à acumulação e ao aumento das importações, que contribuiu para a elevação do déficit comercial. A satisfação dos novos padrões de consumo geralmente implica um aumento nos bens importados, o que, por sua vez, compensa o impacto positivo das remessas de migrantes nas reservas cambiais. As remessas migratórias são substituídas pela oferta de mão de obra e, como já explicitadas, são importantes para a renda familiar no país de origem, mas seu impacto na produção agrícola e na produtividade também é bastante significativo.

No Haiti, as remessas podem afetar a agricultura, uma vez que proporcionam às famílias a oportunidade de manter o mesmo nível de bem-estar, reduzindo a oferta de mão de obra. Esse fenômeno, que pode ser descrito como benéfico, surte também efeitos na contramão do crescimento da produção agrícola. Isso porque, ainda que as remessas proporcionem a compra de equipamentos agrícolas, as famílias que recebem esses recursos decorrentes da migração internacional atingem níveis de produção significativamente menores que as famílias locais que não contam com essa ajuda.

As remessas representam uma forma de seguro, de acordo com Flore Gubert (2007). Os países que recebem grandes quantidades de remessas (o que equivalente a 4% a 31% do PIB), segundo o Banco Mundial (2014), assim como o Haiti, geralmente modificam suas taxas de câmbio, taxas de juros e saldo de pagamentos. Segundo Doura (2010, p. 182), “a entrada maciça de remessas da diáspora é susceptível de desencadear uma sobrevalorização da taxa de câmbio real com conseqüente perda de competitividade - preço”.

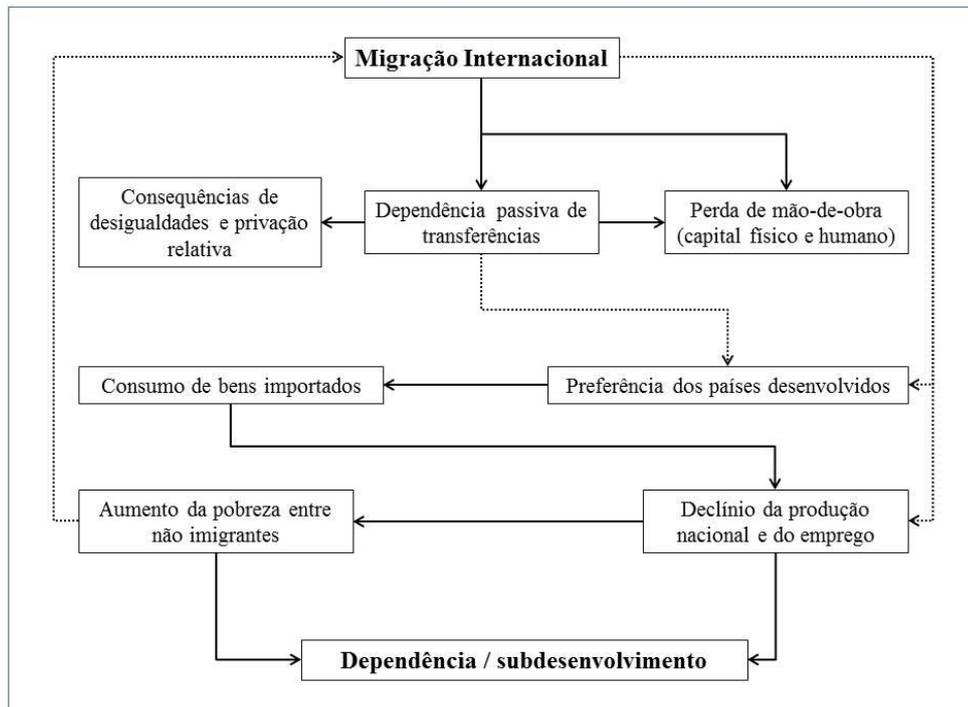
Essas remessas, aliadas à assistência externa, contribuem para as ações do Estado haitiano na mobilização dos diferentes componentes do espaço orçamentário, como recursos públicos (receitas fiscais e não fiscais), e também influenciam o financiamento alternativo

(empréstimos internos, criação de empresas). Isso, por sua vez, pode levar a sonegação de receitas fiscais referentes a essas remessas e também certa negligência da gestão pública e privada. O efeito inflacionário resultante dessa demanda não é comum ao resto da população que não recebe recursos do exterior.

Essas remessas da diáspora haitiana podem provocar inflação na economia do país, causando especulação nas transações de compra e venda de terrenos para a construção de casas e/ou para investimento do capital. Muitas vezes, as propriedades são supervalorizadas, custa de duas a quatro vezes o valor econômico real (PAUL, 2008; DOURA, 2010; PIERRE, 2014). Essa especulação afeta significativamente o setor imobiliário, provocando o aumento do preço dos materiais de construção e uma elevação dos preços de aluguel.

Esses recursos geram uma propensão ao consumo e a altos gastos, o que, por sua vez, prejudica os consumidores locais que não conseguem acompanhar o aumento de preços. As remessas acabam substituindo outras formas de renda, em vez de complementá-las, criando uma forma de assistência e dependência da família no país de origem em relação aos trabalhadores migrantes (Figura 4).

Figura 4 - Aspectos da migração internacional haitiana



Fonte: Organizado pelo autor (2018)

Essa figura permite entender o contexto migratório na globalização referente ao Haiti e a visão crítica da remessa cumulativa de migrantes. Considera-se que a migração haitiana acentua o subdesenvolvimento da população de países de origem dos migrantes em decorrência dos impactos causados por ela, que, por sua vez, estimulam a migração, formando um círculo vicioso envolvendo a atividade migratória. Em termos neomarxistas, segundo Veblen (1970); Lewis (1986 *apud* HEIN DE HAAS, 2010, p. 11), “essa migração não apenas reproduz o sistema capitalista baseado nas desigualdades sociais e espaciais, mas também na força de funcionamento mais barata”.

O principal impacto da migração, o aumento do bem-estar familiar para os próprios migrantes, é considerado um efeito temporário e, portanto, artificial, de acordo com Lewis (1986). A dependência das remessas de migrantes é mesmo percebida como uma desvantagem, a partir da fraqueza da produção agrícola, que aumentará as desigualdades e a dependência econômica em relação aos países desenvolvidos.

Hein de Haas (2010), ao tratar de remessas de migrantes, busca aproximar este tema da materialidade das relações capitalistas de produção e aponta que a esfera de circulação das remessas de migrantes possui duas etapas: a etapa internacional, na qual as remessas circulam entre os países e são catalogadas no Balanço de Pagamentos do país de onde o migrante partiu e do país aonde chegou; e a etapa nacional, em que as remessas chegam às famílias no país de origem e compõem uma dinâmica econômica, social e demográfica específica, particular, daquela região que as recebe.

É importante entender cada uma dessas etapas, com suas peculiaridades envolvendo um mesmo e indissociável processo – a circulação das remessas. A etapa internacional da esfera de circulação das remessas de diáspora é aquela em que os volumes das remessas são mais visíveis, dado que, para circular internacionalmente, necessitam ser registrados, catalogados no Balanço de Pagamentos dos países envolvidos nesta remessa. Nessa etapa, portanto, apresentam-se mais claramente os fluxos de remessas da diáspora haitiana e os países mais envolvidos nesse circuito de remessas.

As remessas de migrantes não permitem necessariamente reequilibrar as finanças de suas famílias em todos os aspectos em nível nacional, mas podem reduzir as dificuldades socioeconômicas, em particular as locais causadas pelo desemprego ou subemprego no setor agrícola. Além disso, não permitem resultados decisivos no que tange à renda internacional ou a redução de desigualdades salariais entre países de origem e países de residência.

As remessas dos migrantes haitianos internacionais geralmente ajudam a diversificar alguns recursos e também a aumentar substancialmente a renda de suas famílias no Haiti.

Desempenham um papel crucial funcionando como seguradoras contra os efeitos desestabilizadores dos mercados que se comportam de forma disfuncional, políticas nacionais ineficientes e inadequação dos benefícios sociais ofertados pelo Estado. Um estudo da OIM (2005, p. 292) aponta que, em “nível nacional no Haiti, as remessas são uma fonte de moeda estrangeira maior, menos volátil, improdutiva e representam fluxos de capital mais confiáveis para os países em desenvolvimento”.

Uma vez que a migração, incluindo a haitiana, é um processo rigoroso, a maioria das remessas internacionais não beneficia os membros mais pobres das comunidades no meio rural e urbano ou dos países mais pobres. No entanto, as famílias não migrantes geralmente se beneficiam indiretamente do impacto do envio de dinheiro na economia local, pois afeta os salários, os preços e as oportunidades de emprego nas comunidades do país de origem. Sendo assim, o envio de remessas contribui para a redução da pobreza, ao menos em parte.

Assim, remete-se aqui à obra do economista indiano Amartya Sen (2010), onde se encontra o desenvolvimento como liberdade para compreender os aspectos socioeconômicos do Haiti, uma vez que o autor considera a noção de liberdade como o principal vetor de desenvolvimento, em particular, a liberdade individual para escolher o estilo de vida que se pretende ter.

Tal perspectiva orientada para o desenvolvimento sugerida por Sen (2010) se concentra nas capacidades individuais e coletivas. O autor destaca que o acesso à educação, aos serviços de saúde, a condição de sustar alimentos, remédios etc. são produtores de liberdade, bem como projetos comunitários voltados para a educação, saúde e recreação, uma vez que contribuem para o bem-estar dos indivíduos e fortalecem suas capacidades socioeconômicas.

Para operacionalizar essas independências, Sen (2010) apresenta o conceito de desenvolvimento humano, que se refere à capacidade dos seres humanos de viver a vida que querem por razões particulares e de aperfeiçoar as escolhas que fazem das opções que lhes são ofertadas. Argumenta que o desenvolvimento não deve ter como critério decisivo o crescimento da renda e sim as capacidades individuais. Nesse sentido, as possíveis mudanças na vida dos migrantes dependem do tipo de migração, bem como das condições socioeconômicas do país de origem.

A Tabela 4 reproduz os montantes relativos a transferências de dinheiro feitas por migrantes haitianos internacionais para os membros de sua família que permanecem no Haiti – período de 2005 a 2015.

Tabela 4 - Montante de transferências em dólares americanos por migrantes haitianos

| Anos | Transferências recebidas | PIB | Transferências em % de PIB |
|-------------|--------------------------|-----------------|----------------------------|
| 2005 | 670.943.892.56 | 4.154.289.832 | 16.151% |
| 2006 | 776.041.933.23 | 4.879.738.636 | 15.903% |
| 2007 | 892123.792.94 | 5.971.284.338 | 14.940% |
| 2008 | 997.150.939.70 | 6.407.707.284 | 15.562% |
| 2009 | 1.004.149.216.97 | 6.470.254.240 | 15.519% |
| 2010 | 1.075.396.201.52 | 6.634.579.143 | 16.209% |
| 2011 | 1.133.491.277.73 | 7.346.156,703 | 15.430% |
| 2012 | 1.177.118.016.84 | 7.843484,458 | 15.008% |
| 2013 | 1.929.601.291,52 | 9.188.577.578,7 | 21% |
| 2014 | 1.954 bilhão | 8.495.652.173,9 | 23.02% |
| 2015 | 2.057 bilhões | 8.228.000.000 | 25% |

Fontes: BRH (2015), organizado pelo autor (2018)

No entanto, esse enorme influxo de dinheiro melhorou significativamente a economia haitiana. Os fluxos de remessas, portanto, contribuíram para elevar o volume de transações¹³ financeiras (OROZCO, 2005). Além disso, as Transferências Financeiras de Migrantes Haitianos (TFMH) levaram os intermediários financeiros a desenvolver uma oferta mais ampla de serviços de remessas no país.

Esse aumento nas transações financeiras e econômicas em termos sociais, em geral, também contribui para a criação de riqueza no país. Para as famílias beneficiárias, o valor recebido é um aumento da renda familiar, para o país, pode contribuir para o agravamento das desigualdades de renda no Haiti.

¹³A transação de remessas envolve um conjunto de custos de transação para o remetente e os destinatários. Frédéric Ponsot (2006) mostra, entre outras coisas, as despesas de viagem até o ponto de serviço (recepção/despacho), os custos de prospecção para a busca de tarifas e pontos de serviço nas proximidades, perdas em divisas e o custo de encontrar bens, bem como melhores taxas para embarques de moeda flutuante, custos de comunicação para comunicar montantes e códigos de identificação, papelada e documentos de suporte necessários, tempo de espera no balcão para completar a transação (envio/recebimento).

Um elemento importante que interessa, particularmente nesta pesquisa, é o aumento das transações e, mais especificamente, o microcrédito, em relação aos migrantes internacionais no Haiti. Embora as TFMHs sejam muito seletivas, “a transferência de alguns desses recursos para organizações locais de microfinanças permite que outras pessoas sejam beneficiadas na comunidade por esse dinheiro” (PAUL, 2008, p. 11).

A partir disso, as organizações de micro finanças - OMFs¹⁴ entram neste novo mercado criado em função das diásporas haitianas. Em 2004, foram transferidos 7,3 milhões de dólares norte-americanos através da filial bancária Fonkoze, a maior organização de micro finanças do Haiti. De fato, mesmo que as OMFs sejam tomadoras de preços em tarifas, elas podem ajudar a reduzir os custos de transação no mercado de remessas de diáspora. Além disso, elas podem fornecer uma resposta mais adequada à natureza informal dos ambientes regionais que se beneficiam dos fluxos de remessa.

“A maioria dessas remessas é voltada a consumo e poupança, apenas 5% dos montantes enviados são investidos na economia haitiana” (OROZCO, 2008, p. 23). O envio instantâneo das remessas de dinheiro facilitou e acelerou o processo. Juliana Braz Diaz (2010), analisando os fluxos utilizados para as campanhas da rede social do Western Union, mostra que essas remessas carregam muito mais do que valor econômico. Com o envio e recebimento de dinheiro, as relações familiares e de amizade são fortalecidas e reconfiguradas, mantendo o lugar de cada um na estrutura social ou outorgando-lhe novos significados.

A reflexão apresentada sobre as remessas de migrantes internacionais haitianos ao país acentua a natureza da migração. As famílias com um *status* socioeconômico privilegiado que recebem remessas de dinheiro muitas vezes preferem investir na partida de outro membro da família do que em uma atividade econômica. Quanto às outras famílias não beneficiárias, a principal saída da crise econômico-financeira é o envio de um membro da família para o exterior.

¹⁴Preferimos a expressão Organizações de Microfinanças (daí a sigla OMF) em vez de Instituições de Microfinanças (IMF), que, embora já seja consolidado na literatura, não levam em conta os avanços teóricos da economia neoinstitucional, bem como teorias de gestão. De fato, para o economista Douglass North bem como para outros teóricos e estudiosos de gestão, a distinção é clara entre organizações e instituições.

3 DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO E REMESSAS DOS MIGRANTES

Este capítulo dedica-se a analisar, por meio das entrevistas realizadas com os migrantes haitianos na capital do Amazonas, Manaus, o perfil de desenvolvimento socioeconômico do Haiti a partir das remessas enviadas. Trata-se de uma análise qualitativa, com pesquisa de campo realizada no bairro São Geraldo e no Centro Comercial de Manaus. Esta análise também se baseia em dados de trabalho de campo de natureza qualitativa realizado nos bairros onde se localizam os migrantes haitianos na cidade.

A partir desta investigação, aprofundamos a reflexão sobre as remessas que esses migrantes enviam a seus familiares no Haiti, buscando associá-las a algumas categorias discutidas neste capítulo, como dependência e desenvolvimento.

Apresentam-se três conceitos operacionais importantes para a reflexão sobre a migração internacional e a diáspora haitiana: apoio advindo de remessas de dinheiro, a presença da migração haitiana em Manaus (Brasil) e o desenvolvimento socioeconômico a partir do envio. Por fim, utilizamos esses conceitos para analisar teoricamente a relação entre migração internacional e diáspora haitiana, remessas de dinheiro e desenvolvimento socioeconômico no Haiti, apresentando conclusões acerca da análise que vem sendo feita nos capítulos anteriores.

No entanto, a importância do fenômeno migratório é real e sua dimensão econômica e social é discutida nesta dissertação, especialmente em termos de remessas, questão essencial na questão migratória e, especialmente, por seu impacto no desenvolvimento econômico e social. A transferência de fundos de migrantes haitianos para o país de origem e o impacto desses fundos no desenvolvimento está atraindo crescente interesse, como evidenciado pela proliferação de estudos e pesquisas dedicados ao tema nos últimos anos.

O impacto dessas remessas é agora levado em consideração em todos os países em desenvolvimento e especificamente no Haiti, porque elas constituem um fluxo importante de financiamento internacional para a maioria e afetam diretamente uma massa de indivíduos, principalmente da população haitiana.

Como já dito, as entrevistas foram realizadas com base em um roteiro semiestruturado, sobre o percurso dos migrantes haitianos, a partir de sua experiência nos países de residência, até a permanência no Brasil. Utilizou-se a técnica de análise de conteúdo para tratar das entrevistas. Os relatos de cada interlocutor foram tratados com sigilo e proporcionaram um conteúdo significativo para os eixos já citados.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA REMESSA DOS MIGRANTES HAITIANOS

Apesar do crescente interesse pela temática das remessas¹⁵ e maior popularização do conceito entre estudiosos e formuladores de políticas, ainda não há consenso quanto à sua conceituação. Não há conceituações que esclareçam o termo de forma a dar conta de sua complexidade e variedade no que tange às transferências.

Economistas associam as remessas geralmente a itens do balanço de pagamentos. Já as remessas dos trabalhadores são ligadas ao conceito de recursos e referem-se às transferências correntes de estrangeiros que permaneceram ou pretendem permanecer por um período de pelo menos um ano em determinado país.

Além disso, devem ser adicionados a este registro dois outros aspectos que também dizem respeito a remessas de dinheiro: a remuneração de funcionários – dinheiro que as pessoas ganham para trabalhar fora do país em que vivem formalmente (por exemplo, um emprego sazonal ou em que o empregado se desloca diariamente); transferências de migrantes – são os recursos que os migrantes trazem consigo quando se deslocam de um país para outro.

Antes de abordar os principais elementos que caracterizam a importância das remessas de migrantes internacionais haitianos, bem como seu contexto de produção e de circulação, é necessário resgatar, mesmo que brevemente, o histórico, ainda recente, dos estudos sobre remessas, de modo a justificarmos algumas de nossas opções teóricas e metodológicas em torno deste tema.

Para compor este breve histórico, optou-se por apresentar a historiografia das remessas proposta por Luís Felipe Aires Magalhães (2017) e Rosana Aparecida Baeninger (2013) por adotarem estes autores em uma posição teórica e metodológica próxima à da nossa perspectiva.

Todavia, a categorização não substitui o próprio esforço de síntese, também a sistematização de toda a literatura sobre remessas pela qual não cabe o desenvolvimento, tendo em vista, razão pela qual não abrimos mão de sempre indicar a autoria da categorização e sublinhar possíveis às divergências.

¹⁵Segundo o Banco da República do Haiti (BRH, 2017), as remessas de trabalhadores migrantes para o exterior estão incluídas nas transferências correntes do balanço de pagamentos (às dificuldades conceituais devemos acrescentar a omissão que uma grande parte dos canais de transferência apresenta ao controle estatístico). As transferências correntes afetam diretamente o nível de renda disponível e também o consumo de bens e serviços. Ao mesmo tempo em que elas reduzem o potencial de renda e consumo do local de onde partem, aumentam o potencial de renda e consumo do local que as recebe.

As remessas de migrantes constituem, desde 2003, a principal forma de entrada de recursos externos na América Latina, competindo com os investimentos das multinacionais (Investimento Estrangeiro Direto, IED). São inúmeros os indicadores de sua importância para os países do continente: no Haiti, representam 150% das exportações do país e oscilaram entre 22% e 26% do PIB nacional nos últimos dez anos. Em Honduras, representam 25% do PIB do país. Representam entre 15% e 20% do PIB na Jamaica, El Salvador, Nicarágua e Guatemala. Representam entre 5% e 10% do PIB em países como Belize, Equador, Granada e a própria República Dominicana (BAENINGER, 2013, p. 36).

Segundo a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL, 2009), as remessas de migrantes atenuam as desigualdades sociais e promovem a saída de milhões de famílias no Brasil e na América Latina abaixo da linha da pobreza, passando a viver sobre as condições mais favoráveis. “A diminuição do volume das remessas de migrantes, como consequência da crise, em um contexto de dependência de remessas, funciona como um estímulo às famílias migrantes, no caso haitiano, a procurarem novos destinos migratórios” (MAGALHÃES, 2017, p. 240).

Parece significativo para que no Haiti, entre 2005 e 2015, o montante de remessas (como porcentagem do PIB do país) tenha alcançado seu nível mais baixo em 2004, o ano da crise assombrosa da política haitiana causa de golpe do presidente Aristide, e recuperou seu nível após o terremoto de 12 de janeiro de 2010, o ano em que a mobilidade dos migrantes haitianos para países estrangeiros especificamente no Brasil. Especialmente nos últimos cinco anos de 2010 a 2015, as remessas em porcentagem do PIB do Haiti voltaram a subir (MAGALHÃES, 2017, p. 241).

Hoje, o dinamismo observado das remessas externas (em oposição as remessas de exterior), especialmente desde o terremoto de janeiro de 2010. Reforçando uma tendência que remonta ao final de 2004, com turbulências político-socioeconômicas, mesmo universitárias e a relativa deterioração da qualidade da educação, as remessas externas dos migrantes haitianos financiam permanentemente a educação dos familiares que são migradas, muitas vezes do nível ensino médias. As remessas de trabalhadores migrantes, que se tornaram a principal fonte de financiamento externo para os países do Caribe e da América Latina, superam em muito a assistência oficial ao desenvolvimento socioeconômico.

A situação de dependência econômica e social dos haitianos foi agravada por choques naturais, como o terremoto e os ciclones.

A dependência de remessas é um conceito que expressa a necessidade crescente que algumas famílias envolvidas no processo migratório têm dos recursos enviados por familiares migrantes. Essa dependência está relacionada à forma com que esses recursos são utilizados. Nesse sentido, as famílias serão dependentes à medida que tais recursos sejam predominantemente utilizados para o consumo, a subsistência, o pagamento dos gastos correntes com alimentação e educação (MAGALHÃES, 2017, p. 244).

As remessas funcionariam, então, como um mecanismo de expansão do consumo das famílias origem, desencadeando uma relação de dependência por parte dessas famílias em relação a esses recursos, ou seja, constituindo a já citada dependência de remessas. O acréscimo no nível do consumo, por seu turno, amplia as necessidades materiais dessas famílias.

A ausência de estruturas produtivas inclusivas no país faz com que essa expansão no nível de consumo, ou mesmo a sua manutenção, seja possível apenas com o afluxo de novas remessas, o que concretamente tende a significar a emergência de novos fluxos migratórios internacionais de outros familiares que permaneciam no país (Haiti).

Figura 5- Migrantes haitianos no correio fazendo transferência para suas famílias no Haiti



Fonte: pelo autor (2018)

Considera-se que a migração contribui para o desenvolvimento social e econômico, ao menos no âmbito local, onde há efeitos diretos e indiretos das remessas enviadas pelos migrantes internacionais haitianos, estruturando a atividade econômica local das famílias de modo tal que a incidência da migração internacional futura desacelere. Ou seja, os investimentos das remessas – ou os efeitos indiretos de seu desembolso – provêm a base para condições de trabalho humanas e um nível de remuneração suficiente para sustentar um modo de vida digno.

Numerosos domicílios individuais e a maioria dos domicílios em inúmeras comunidades ricas têm usado o dinheiro das remessas para ascender socialmente, ao menos por certo tempo. Porém, um número elevado de domicílios e de comunidades não tem sido beneficiado. Essa situação tende a favorecer novas migrações, a fim de proporcionar a base para um nível de vida que somente pode ser mantido graças a um fluxo constante de remessas (MAGALHÃES, 2017, p. 244).

Em maio de 2018, em sua apresentação na Universidade Quisqueya (UNIQ), Charles Castel, ex-presidente do Banco da República do Haiti que, sendo possível acompanhar na rede social e, ao mesmo tempo, o autor desta pesquisa produziu um relatório bem elaborado para expressar o relacionamento com o esta pesquisa, enfatizando o impacto positivo das remessas privadas recebidas do exterior para o Haiti. Castel argumentou que “as remessas, aumentando a renda disponível e reduzindo a pobreza nos estratos sociais haitianos, aliviam a pressão sobre o Estado”, ainda segundo ele, as remessas certamente ajudam a diminuir as diferenças sociais.

Observando que as remessas também proporcionaram a aplicação de recursos em educação, um setor-chave para o desenvolvimento, bem como de capital para microempreendedores no setor de serviços. Destacou ainda a importância das remessas para as questões de educação, moradia, alimentação e microempresas.

Durante seu discurso, Castel salientou que as remessas de dinheiro da diáspora haitiana tendem a aumentar quando há catástrofes no Haiti: ciclones, terremotos, entre outros. Mesmo em 2008, ano marcado por uma grande crise bancária e financeira, as remessas permaneceram estáveis, afirmou Charles Castel, sinalizando os esforços e sacrifícios feitos pelos parentes na diáspora que apoiam suas famílias no Haiti.

No Haiti, as remessas são direcionadas para o consumo. Segundo Charles Castel, o desafio agora é redirecionar as remessas para outros eixos. Orientar remessas para poupança e

investimento é outro desafio para o Haiti, disse. Nos primeiros quatro meses de 2018, as remessas privadas recebidas do exterior aumentaram em 30,94% do PIB, afirmou Castel.

Para explicar a importância das remessas, Charles Castel disse que uma renda nacional de US \$ 700, no Haiti, não é suficiente para o sustento de uma família. Um bilhão de dólares por ano, diz ele, é a quantia que o Estado consegue gerar.

As remessas devem ser capitalizadas para equilibrar os gastos públicos e investimentos que permitem ao país ser mais competitivo. As remessas de dinheiro da diáspora atingiram em 2017 a quantia de três bilhões de dólares norte-americanos. Elas contribuem para preencher parcialmente uma lacuna na balança comercial do país (Relatório elaborado pelo autor, 2018, durante palestra do ex-presidente do BRH sobre as remessas, na Universidade Quisqueya).

Existem poucos estudos que abordam as consequências econômicas e sociais das remessas dos trabalhadores migrantes internacionais haitianos para suas famílias no seu país e a desigualdade socioeconômica naquele Estado. O montante de remessas enviadas ao Haiti pelos migrantes aumentou todos os anos durante 2005-2015, o que atraiu a possibilidade em estudar a temática.

Neste trabalho, apresentamos alguns elementos para entender quais são as consequências dessa chegada de remessas, a situação de pobreza e desigualdades que caracterizam a sociedade haitiana. Embora as expectativas macroeconômicas em relação às remessas para algumas famílias sejam benéficas, a análise mostra que é melhor ser mais cauteloso ao prever as possíveis consequências dessas remessas dos migrantes haitianos na economia e na sociedade haitiana.

Em respostas, existem duas grandes escolas de pensamento no campo dos impactos das remessas. Aqueles que confessam obediência neoclássica e veem uma fonte de desenvolvimento para os países de migração porque esses fundos contribuiriam para um aumento na renda que tem um efeito multiplicador sobre o consumo, emprego, produtividade, comércio com outros países e investimento.

Outros optam por se concentrar exclusivamente em efeitos flexíveis. Outro lado, as remessas são um pouco voláteis e alguns países podem depender de remessas no caso do Haiti. Por exemplo, países pobres com uma grande parcela do PIB relacionada a remessas podem ser muito afetados por um declínio nas remessas; tão mínimo quanto é. Os países em desenvolvimento com grandes remessas dependem, em alguns aspectos, do desempenho econômico dos países desenvolvidos que acolhem seus migrantes.

Porém, essa dependência, por vezes marcada, pode levar à instabilidade em alguns países. Essa reflexão também que as remessas criam desigualdades econômicas e sociais nos países de migração por causa da seletividade dos migrantes.

Os argumentos apresentados para apoiar esse pensamento partem da ideia de que as remessas causariam um aumento na demanda por bens importados em detrimento dos bens produzidos localmente, porque com o aumento do poder de compra, a atenção tende a se concentrar em produtos de qualidade, geralmente produtos importados, que não teriam efeitos multiplicadores sobre a economia, já que, em vez de investir e aumentar a criação de empregos e atividades econômicas, as remessas são usadas para o consumo de bens importados e, mesmo quando os bens locais são consumidos, essa prática aumenta a demanda local.

Elas também seriam uma fonte de inflação e, portanto, da desvalorização da taxa de câmbio real em países caracterizados pela baixa flexibilidade de seu aparato produtivo, provocariam, assim, comportamentos rentistas.

Além disso, um país como o Haiti não pode depender apenas dos efeitos das remessas, devido aos grandes problemas enfrentados, nem mesmo a população local. As remessas não estimulam o desenvolvimento sustentável nem melhoram a economia do país a fim de encontrar recursos para competir com os produtos importados, que desencorajam os investidores locais. Não são suficientes para reduzir a inflação tão rapidamente quanto aumenta a migração internacional haitiana. Charles Castel, em sua palestra sobre as remessas dos migrantes haitianos, leva em conta o desenvolvimento social e econômico das famílias individuais e coletivas, mas isso não promove o bem-estar do Estado haitiano.

Nesta pesquisa percebeu-se, com base nos dados sobre as remessas de 26 migrantes haitianos entrevistados no bairro São Geraldo e no Centro Comercial de Manaus, que esses recursos são destinados e utilizados efetivamente para o consumo e a subsistência das famílias no Haiti. No âmbito da teoria sobre as remessas de migrantes, essa utilização não pode ser desprezada ou ignorada: trata-se de famílias que desenvolvem relação de dependência com essas remessas. A Tabela 5 explica as remessas dos migrantes haitianos constatando a sua regularidade.

Ratificando a reflexão de Castel, o resultado obtido durante a pesquisa de campo sobre o impacto das remessas no país de origem foca os seguintes temas: impacto sobre a repartição do rendimento; a redução da pobreza; o bem-estar individual; efeito das remessas sobre a economia nacional; as incidências sobre o emprego, a produtividade e o crescimento; papel

das remessas na cobertura dos déficits da balança comercial e da balança das operações correntes. O peso das remessas é importante, mas é a sua utilização que mais interessa.

Porém, para o país subdesenvolvimento como Haiti, as migrações internacionais e diásporas haitianas são componentes da realidade nacional, mais dinâmica do que os fluxos de investimento direto estrangeiro, de comércio ou de tecnologia. As remessas constituem uma importante fonte de capitais para esses países e uma fonte de divisas mais estável do que outros fluxos de capitais privados. Tanto as remessas utilizadas para fins de consumo como para investimento trazem benefícios às famílias no país de origem, bem como as populações haitianas que as recebem. Devem ser feitos esforços para que as remessas dos migrantes impactem o desenvolvimento econômico e social.

Enfatiza-se que, embora as remessas possam ser um fator de desenvolvimento socioeconômico individual e familiar, elas não podem substituir as obrigações do Estado e o papel das políticas sociais na consecução do desenvolvimento social e econômico inclusão social e igualdade.

Tabela 5 - Envio de remessas aos familiares que permanecem no Haiti

| Remessas de migrantes | Total |
|-----------------------|-------|
| Enviam | 24 |
| Não envia | 1 |
| Não respondeu | 1 |
| Total | 26 |

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

É predominante a realização de remessas, mesmo sob as duras condições do mercado de trabalho em que atuam os haitianos e os gastos elevados com aluguel no país de residência. Alguns dos interlocutores enviam todo dia 5 de cada mês e também duas vezes por mês, remessas no valor de dólar americano US \$ 250,00 e 400.00 para as famílias e os filhos que ficaram no Haiti. Boa parte deles possui dois empregos e atividades econômica tais como: comércio de roupas, meias, picolés, calçados, blusas, camisas, bebidas naturais e muitos outros que se envolvem em atividades formais. Os interlocutores revelaram, ainda, que as remessas não chegam a ultrapassar US \$ 550,00 como mostra a Tabela 6, e que o valor monetário mais comum é o de envio de até US \$ 170,00 para manter a regularidade.

Meu pai mora em Miami, EUA, e minha mãe, no Haiti. Migrei quando ainda era criança. Eu tenho um filho pequeno que fica com minha família, especificamente minha mãe, no Haiti. É uma família cujos membros vivem em três países diferentes (Estados Unidos, Brasil e Haiti). A tradição de migração para os Estados Unidos foi quebrada por mim, porque migrei para o Brasil por dificuldades de entrada e emprego de migrantes para os Estados Unidos, o que faz uma grande diferença no nível de remessas. Jean-Renand Blaise 28 anos, chegou ao Brasil em 2013, morador do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

A migração para o Brasil, nesse contexto, é mais do que um projeto individual: é uma estratégia familiar para manter a subsistência, dificultado pela intensificação da crise econômica e social pós-terremoto. Uma estratégia que expressa a falta de garantias e de perspectivas de reprodução social no Haiti e a migração se dá na busca dessas garantias e perspectivas em outros países.

Tabela 6 - Valor das remessas dos migrantes haitianos entrevistados no Bairro São Geraldo e no Centro Comercial de Manaus

| Valor | Total |
|---|-------|
| Até US \$ 170,00 por envio | 12 |
| De US \$ 170,1 a US \$ 250,00 por envio | 7 |
| De US \$ 250,1 a US \$ 400,00 por envio | 4 |
| De US \$ 400,1 a US \$ 550,00 por envio | 2 |
| Mais de US \$ 550,00 por envio | 0 |
| Não envia remessas | 1 |
| Total | 26 |

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Como se vê, na mesma tabela citada que contem os valores enviados pelos migrantes, relativamente poucas remessas são gastas em investimento, em grande parte devido à capacidade limitada dos beneficiários das famílias para empreender e gerenciar atividades produtivas, por um lado, e à falta de confiança de migrante em estruturas intermediárias, por outro lado. Esses dois fatores explicam em grande parte as dificuldades encontradas pelos projetos-piloto que buscam desenvolver investimentos produtivos dos migrantes internacionais haitianos.

O significativo potencial que as remessas representam para o desenvolvimento socioeconômico levou alguns países, como o Haiti, a colocar em prática mecanismos de

alavancagem para incentivar os migrantes a dedicar parte de suas remessas a fundos de atividades cotidianas. Outros criaram instrumentos financeiros específicos para absorver parte das remessas, complementá-la com recursos financeiros de fontes públicas e facilitar as condições de vida entre migrantes e órgãos de desenvolvimento da produtividade.

Em uma entrevista, Wadner Mesidort diz:

Eu vim da cidade de Leogane, no Oeste, moro no Brasil há dois anos, mas minha família ainda está no Haiti e temos quatro filhos. Eu gosto daqui porque me apaixonei pelo país. Como eu já conheço alguns haitianos sabe também que os mesmos gostam do nosso Brasil. Eu, desde que cheguei aqui, trabalho já, porque minha responsabilidade é tão pesada, meu amigo, quando eu saio para outros países não posso escolher muito, tenho que trabalhar duro para ajudar minha família no Haiti. No passado, eu costumava enviar dinheiro duas vezes por mês por causa de minha atividade como moderada e, às vezes, eu trabalhava como técnico de alvenaria no Estádio de Manaus. Meu amigo, eu posso te dizer que o Brasil é um país que eu amo tanto, aqui eu estou trabalhando dia e noite para ganhar dinheiro e ajudar a minha família, muitas vezes eu mandei US \$ 400,00 por mês mesmo duas vezes, agora não é tão fácil de fazer isso, como o real diminuiu em relação ao dólar, isso me dificultou consideravelmente, mas é um compromisso enviar para a minha esposa para que ela não trabalhe e minha mãe é uma viúva. Mas, em princípio, francamente vou levar a nacionalidade brasileira para facilitar o privilégio, já entramos no processo de naturalização, não preciso ir aos Estados Unidos para trabalhar, já que fiquei muito bem no Brasil. Trarei toda a minha família aqui por causa de nossa participação como diáspora na vida cotidiana de nossa família. Eu não sei para outras pessoas, mas eu me naturalizo. Wadner Mesidort 34 anos, chegou ao Brasil em 2016, morador do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

Na observação, durante esta pesquisa em Manaus, verificou-se que alguns migrantes haitianos decidiram mudar de nacionalidade para obter a possibilidade de viajar para outros países que têm relação multinacional com o Brasil, pensando que, com essa nacionalidade, terão acesso privilegiado à educação para seus filhos.

Em outra entrevista, o Dieunald Benoit disse:

Eu tenho três filhos, de 10, 07 e 04 anos, respectivamente, além da minha esposa. Cheguei ao Brasil há quatro anos, e meu destino foi Cuiabá, no Mato Grosso. Eu vim aqui no Brasil sozinho, em vista de obter um trabalho em Cuiabá, no qual recebia muito bem. Mandava recurso financeiro para manter minha família no Haiti. Como meu contrato de trabalho na empresa terminou, estou em Manaus há um ano, em vista de que algumas pessoas disseram que aqui havia emprego e então decidi vir. Eu havia encontrado trabalho no restaurante. Juntei dinheiro para trazer minha esposa e meus filhos. Dieunald Benoit 42 anos, chegou ao Brasil em 2014, morador do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

Delisson Fritz contou que pagou a um homem para que ele cuidasse do deslocamento de minha família do Haiti até Manaus-Brasil, mas esse homem roubou meu dinheiro. Ele precisou parcelar o valor da passagem da família em cinco vezes, o que soma quase três mil dólares. Digo que ainda estou pagando os boletos. Minha esposa e filhos verão e chegarão ao país no dia 5 de setembro de 2017. Está em uma casa cedida pela Igreja Católica do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

Foi perguntado se estão bem, se estavam com alguma dificuldade, ele respondeu que conseguiu encontrar emprego, mas o valor recebido como pagamento é muito pouco para cuidar da família. Tendo em vista que eu já morei em outro país além do Haiti e Brasil. Ao perguntar sobre a diferença no mercado de trabalho que encontrou como migrante haitiano no Brasil e República Dominicana. Contou que, na República Dominicana, não tratam bem os haitianos, no Brasil é melhor. Procurou-se saber por que no Brasil era melhor, disse que aqui há mais oportunidades e complementou:

Eu não recebi nenhuma ajuda de outro órgão público, eu não procurei por eles também, mas, quando cheguei, fui direto para a igreja pedindo ajuda porque eu sabia que eles poderiam ajudar. Apesar da falta de apoio da autoridade pública de informações e condições adequadas para receber os migrantes, acho que o Brasil é um bom país onde podemos viver. Não tinha trabalho no Haiti. Antes de vir para o Brasil, trabalhei e morei na República Dominicana, em dois momentos diferentes. Decidi vir ao país em busca de oportunidade de trabalho. Enquanto morava e trabalhava em Cuiabá, estava bem. No entanto, após o término do contrato de trabalho, tive que sair e sabia que, em Manaus, eu teria oportunidade. Delisson Fritz 46 anos, chegou ao Brasil em 2013, morador do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

Quando perguntado se ele tinha vindo aqui para ir a outros estados, Delisson Fritz respondeu que não, que pretendia continuar aqui trabalhando. Mas que está aguardando a documentação da minha esposa e meus filhos para regularizar a situação no Brasil e que gosta do país.

Independentemente se os motivos migratórios são políticos, econômicos ou culturais, o cerne de alguns fatores é a capacidade de inserção social do meio envolvido, no sentido de envolvimento de cidadãos e migrantes, em estruturas que são significativas e asseguram a consecução de objetivos socialmente definidos (PIERRE, 2014). Nesse sentido, o emprego, a proteção social e os laços interpessoais de tipo étnico ou comunitário formam esses protótipos de estruturas.

A relação entre migração e desenvolvimento socioeconômico é afetada de forma diferente pela capacidade de organizar a integração social dos indivíduos, especialmente no que tange a um emprego estável e protegido, que gere renda suficiente para dar garantia de um padrão de vida satisfatória.

A complexidade da relação entre migração e desenvolvimento econômico se prende a uma série de parâmetros, como o sucesso migratório, a natureza da migração e a manutenção de vínculos entre migrantes e as pessoas que ficam no país de origem. A migração é bem-sucedida quando os migrantes podem se integrar em estruturas significativas. Esta inserção pode depender do grau de abertura do país de residência, do *status* do migrante, bem como do fato de serem ou não qualificados e também do contexto histórico.

Como se observou, no caso do grupo migrante haitiano, as remessas são enviadas exclusivamente para ajuda as famílias e são usadas também apenas para consumo, educação e agricultura (e, em menor grau, despesas domésticas). Nenhuma menção é feita, nem para fins de envio, nem no uso apropriado de remessas, do investimento econômico e social, produtivo ou financeiro desses recursos.

O desenvolvimento socioeconômico do país, como o Haiti, depende fortemente do financiamento externo dos migrantes. Mas o investimento direto estrangeiro e o auxílio estatal ao desenvolvimento diminuíram ao longo do tempo. O conceito de desenvolvimento socioeconômico via as remessas podem ajudar a reduzir a pobreza e promover as economias do Haiti. No entanto, grande parte das montantes enviadas é usada para as meias necessidades primária, portanto que, promovem e aumentaram as transações do custo das remessas, que constituem um meio de subsistência para a maioria das famílias haitianas.

As remessas são uma parte importante das reservas cambiais do país, mas seus efeitos sobre o desenvolvimento social e o crescimento econômico são mínimos, se eles servem apenas para consumir. O governo haitiano carente de dinheiro está encorajando os migrantes a investir parte de sua riqueza enviada para seu país de origem na forma de obrigação da diáspora. Os fundos arrecadados poderiam ser alocados para os importantes projetos de desenvolvimento socioeconômico, como mencionado no Capítulo 2 acima.

A dualidade entre consumo e investimento é particularmente importante no estudo das remessas porque ela não se refere apenas às opções e escolhas tomadas pela família, mas também, e principalmente, às suas necessidades mais urgentes, as quais são condicionadas por sua posição na estrutura econômica e social do Haiti. Em outras palavras, a forma de utilização das remessas é uma expressão da estratificação socioeconômica no Haiti. É

justamente nos domicílios mais pobres que as remessas são utilizadas prioritariamente para o sustento. A Tabela 7, a seguir, auxilia na visualização das formas de envio das remessas.

Tabela 7 - Forma de envio das remessas pelos migrantes haitianos entrevistados no Bairro São Geraldo e no Centro Comercial de Manaus

| Forma de utilização das remessas pela família | Total |
|---|-------|
| Consumo familiar | 18 |
| Moradia de dependentes | 1 |
| Investimento econômico | 1 |
| Investimento em educação para dependentes | 6 |
| Total | 26 |

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

A regularidade no envio das remessas (Tabela 8) também é um elemento presente no cotidiano dos migrantes haitianos residentes no Bairro São Geraldo e Centro Comercial de Manaus e de suas famílias no Haiti.

As remessas do Brasil para as algumas regiões do Haiti são significativas em número, mas considerando os salários percebidos e a rigidez do mercado de trabalho brasileiro, aqueles, mensais e regulares provenientes de outros países de migração da América do Norte (Estados Unidos e Canadá) são mais ricas e tem uma população haitiana que é maioritariamente mais educada do que o Brasil, embora seja uma minoria que pode exceder os envios do Brasil.

Tabela 8 - Regularidade de envio das remessas mensais dos migrantes haitianos entrevistados no Bairro São Geraldo e no Centro Comercial de Manaus

| Há regularidade no envio de remessas? | Total |
|---------------------------------------|-------|
| Sim | 22 |
| Não | 3 |
| Não respondeu | 1 |
| Total | 26 |

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Os migrantes que têm a obrigação de enviar dinheiro mensalmente ou que não enviam regularmente mantêm relações sociais fortes e próximas com seus membros familiares no Haiti. Por outro lado, aqueles que transferem dinheiro anualmente preferem pertencer a um relacionamento familiar fraco ou estendido com o Haiti, a menos que seja a persistência do desemprego que os obriga a fazer apenas uma transferência por ano no caso contrário.

Complementando as questões que envolvem as tabelas (7 e 8), Maxo Bonhomme relatou:

Acabei de encontrar emprego (eu estava desempregado há três meses, desde o fechamento de meu negócio), recebendo US \$ 380,00 líquidos em meu trabalho de operador de estoque em uma empresa da cidade. Além disso, pago mensalmente US \$ 130,00 para o aluguel do meu quarto sem janela, aproximadamente 10 km do Centro Comercial de Manaus. O que resta deve ser economizado todo mês para que eu possa arcar com minhas despesas. É possível enviar fundos de até US \$ 200,00 para minha família no Haiti. Ao fazer esse sacrifício, sei o quanto esse valor é importante para a necessidade básica da minha família. Para isso, envio esses recursos. Maxo Bonhomme 38 anos, chegou ao Brasil em 2011, morador do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

Maxo Bonhomme e todos os migrantes haitianos interlocutores informaram que realizaram remessas para o sustento de suas famílias no Haiti. Nenhum deles afirmou ter tido o propósito de compra de imóvel, carro ou abertura de um negócio.

O Merilien Fred prosseguiu:

Agora estou fazendo esse pequeno negócio porque não tenho trabalho, mas não vou continuar. Eu ganho muito mais nas atividades do meu trabalho, já que temos que pagar o aluguel e as outras necessidades que são as causas fundamentais que me obrigam a entrar nesse negócio. Apesar de eu não ganhar muito dinheiro, a responsabilidade é muito grande, minha esposa está comigo, há duas crianças no Haiti para cuidar, tenho que enviar dinheiro todo mês. Merilien Fred 47 anos, chegou ao Brasil em 2012, morador do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

Quando indagada se a sra. Anita Massillon acredita que participa do desenvolvimento social e econômico do Haiti, ela respondeu prontamente:

Absolutamente, sim. Devo dizer-lhe, todos os outros haitianos que deixaram o país cumprem com suas responsabilidades para com suas famílias no Haiti. Eu estou aqui há cinco anos, mas minha esposa tem três anos. Estamos dispostos a trazer nossos filhos. Anita Massillon, 39 anos, chegou ao Brasil em 2013, mora a 10 km do Centro Comercial de Manaus, (pesquisa de Campo, 2018).

A fala dessa migrante explicita algumas dificuldades porque passam, quando ela afirma que não consegue encontrar um emprego, já que o objetivo fundamental de deixar o seu país era trabalhar para assumir a responsabilidade pelas despesas de sua família e filhos que estão no Haiti à espera de recursos financeiros.

Conforme relata Joceline Fleury:

Na verdade, o Haiti não nos ofereceu nada. Eu sempre agradei a Deus por me ajudar a deixar o Haiti há 13 anos. Eu não vim para o Brasil antes, vivi 11 anos na Venezuela. A crise política e econômica me obrigou a vir para o Brasil. Eu tenho uma casa na Venezuela e eu vim com a minha filha, outro filho que tenho ficou com a minha mãe lá. Eu viajo para a Venezuela a cada dois a três meses para visitar minha família porque a maioria dos meus bens está lá. Eu sempre estou falando sobre o Haiti, porque meus irmãos e irmãs ficaram. No entanto, quando eu estava na Venezuela, mandava dinheiro para eles com muita frequência. Agora, no Brasil, ainda é diferente porque não trabalho, é do comércio que vivo o que fez diminuir a transferência. Preocupo-me muito com eles por causa da situação econômica e social do Haiti. Estou sempre ajudando eles, ainda que não frequentemente, como quando estava na Venezuela. Enviei apenas US \$ 170,00 em torno de dois a três meses por falta de trabalho aqui no Brasil. Joceline Fleury 25 anos, chegou ao Brasil em 2016, morador do Centro Comercial de Manaus, (pesquisa de Campo, 2018).

Embora recentemente conhecido, nos últimos anos um conjunto de trabalhos tem especificamente chamado a atenção para diferentes aspectos sociais e simbólicos presentes no uso de remessas além de sua dimensão estritamente econômica, atribuindo especial importância ao contexto social em que são recebidos remessas e o papel dos fatores socioculturais no comportamento econômico.

A Tabela 9 mostra que as finalidades para as quais as remessas são enviadas pelos migrantes haitianos nem sempre correspondem à forma como são utilizadas pelos familiares residentes no Haiti. Os interlocutores, quanto a esse quesito, puderam responder com mais de uma opção a esse questionamento.

Tabela 9 - Finalidade do envio de remessas no Haiti

| Finalidade do envio das remessas ao país de origem | Total |
|--|-------|
| Sustento da família | 24 |
| Compra de imóvel | 1 |
| Compra de automóvel | 0 |
| Abertura de negócio | 1 |
| Total | 26 |

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Com base nessas informações, percebe-se que as remessas são utilizadas pelas famílias dos migrantes haitianos para o sustento delas e financiamento de educação de dependentes de migrantes. Sendo assim, as condições materiais e de vida são completamente transformadas, minimizando a pobreza no Haiti.

Liliane Mercius ressalta as qualidades do Brasil:

Sempre ouvi dizer que o Brasil é um país cheio de oportunidades e que amam estrangeiros. Eu nunca estive em outro país, viajei diretamente para o Brasil, mas aqui percebi que é a realidade que eu pensava desde o Haiti. Todo mês pelo menos mandava US \$ 230,00 para minha família, especialmente para minha mãe, já que ainda não tenho filhos. O povo brasileiro é acolhedor. O brasileiro não tem que te conhecer para te ajudar, acho muito interessante. Liliane Mercius 23 anos, chegou ao Brasil em 2015, morador do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

Observações são muito explícitas também sobre as recomendações das famílias no Haiti, que querem uma mobilidade social para os seus filhos fora do país. Esses elementos foram percebidos no relato dos interlocutores.

Minha chegada ao Brasil foi motivada por várias razões, o Haiti não tem muitas oportunidades... Um dia tive uma conversa com meu pai e ele me disse: “filho, olha, faz tempo que cada eleição eu voto e continuo a votar na esperança de uma transformação econômica e social que nunca vai acontecer. Então, se você ficar no Haiti, você vai viver a mesma realidade que eu. Eu vi que muitas pessoas vão para o Brasil ou Chile e outros países e já começam a ajudar as famílias três meses depois. Acho que seria melhor para você e para nós se você puder ir também”. Fiquei um tempo, finalmente, quando vi que o Haiti é parado na “luz vermelha”, tentei vir para o Brasil, escutando os conselhos do meu pai. Efetivamente hoje, graças a Deus, envio dinheiro para eles e ajudo a pagar a universidade para minha irmã. Rosemond Altidort 26 anos, chegou ao Brasil em 2015, morador do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

Nesse trabalho, foi possível perceber a emoção que sente o migrante ao ganhar dinheiro e ter condições de enviar mensalmente recursos ao Haiti. Demonstrem satisfação em participar ativamente de algumas atividades de familiares residentes naquele país, como o interesse deles pelo aprendizado universitário de membros de sua família, uma vez que acreditam na importância do conhecimento intelectual.

Eu tenho dois filhos aqui no Brasil, moro com minha família. Antes morava na Venezuela, desde 2010, razão política e econômica me obrigaram a vir para Manaus em 2015. Estou sempre em contato com meus parentes no Haiti. Meu pai faleceu e, por isso, não consigo esquecer-se de minha mãe e

envio um pouco de dinheiro para ela. Sou do departamento de Artibonite no Haiti. Veronise Cadet 25 anos, chegou há cinco anos à Venezuela e três anos ao Brasil, moradora do Centro Comercial de Manaus, (pesquisa de Campo, 2018).

Essas remessas haitianas, as migrações e o desenvolvimento socioeconômico são reavaliados de forma mais otimista e positiva, com um enfoque de negação da possibilidade de que essas remessas possam trazer efeitos sociais e econômicos perversos, como os já descritos.

Sendo assim, apreende-se uma análise sobre os efeitos produtivos dessas remessas, ainda que a maior parte delas seja utilizada para o sustento (BAENINGER, 2013; MAGALHÃES, 2017). Por meio delas, dá-se impulso ao comércio, ao setor de serviços, ao sistema bancário da região, entre outros, o que acarreta desenvolvimento econômico e social, incentivando atividades de investimento produtivo. Por fim, este enfoque inaugura o debate sobre a relação entre consumo e investimento já anunciado no capítulo anterior, sobre formas de utilização das remessas.

Tenho dois filhos, mas devo dizer a verdade: eu estava na Faculdade de Direito e Economia no Haiti, onde estudei ciências da economia. A situação era muito difícil no Haiti. Depois de completar os estudos, estou no Brasil somente para trabalhar, já que meus dois filhos não estão me acompanhando, um deles está no Haiti e o outro está com a mãe dele aqui no Brasil. Moro com outra mulher. Não me arrependo de estar no Brasil, trabalho dia e noite para ajudar meus filhos e minha mãe, já que ela não trabalha mais. Verlot Joseph trabalha no aeroporto na companhia aérea 33 anos, chegou ao Brasil em 2013, morador do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

Verlot Joseph, durante a entrevista, ressaltou que tinha apenas cinco minutos para fazer uma transferência de duzentos e oitenta dólares para o Haiti, mas destacou que considera a sua participação no desenvolvimento socioeconômica naquele país é muito ativo.

Podem-se destacar como possíveis efeitos positivos das remessas a atenuação das desigualdades, o incremento nos investimentos produtivos e a diminuição da pobreza nos países receptores destes recursos.

No Haiti, eu estava em uma dificuldade dolorosa porque eu fiz uma graduação na universidade, mas não consegui encontrar trabalho, razão central que me obrigou a deixar meu país. Recebi visto do Haiti para chegar a Manaus. No Brasil, minha experiência é boa, porque eu não estava trabalhando no Haiti, agora tenho a possibilidade de enviar dinheiro para minha família, sou muito jovem, depois, tendo concluído um estudo aqui, pretendo voltar ao Haiti. Tichard Verson 34 anos, chegou ao Brasil em 2015, morador do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

De acordo com o relato acima, a migração internacional haitiana preocupa-se com fatores como o estudo universitário, a fim de buscar maior qualificação no país de residência, pois acredita que, após uma carreira como essa, terá condições de atender às necessidades primárias e também contribuir com seu país com o conhecimento adquirido. Tal situação favorece a migração, pois não há, no país de origem, uma política pública que possa estabilizar a economia nacional e até envolver jovens intelectuais haitianos. Sendo assim, a única solução é migrar para obter os meios necessários e recursos financeiros.

No Haiti, eu trabalhei muito bem, no entanto, o Haiti não tem hospitais, empregos e escolas públicas suficientes, que são razões válidas que me obrigaram a deixar o Haiti. Eu faço suco para vender, mas, no Haiti, eu não tive essa habilidade, porque eu possuía minha própria loja. Sou mãe de uma criança já no Brasil. Por causa do meu filho que irá para a escola, eu não quero voltar para o Haiti. Até agora, recebi meu próprio dinheiro do Haiti, observando que minha condição econômica está diminuindo consideravelmente no Brasil, mas você sabe que o Haiti e o Brasil são países totalmente diferentes em termos de condições de vida e infraestrutura, mas às vezes, fico sem nenhum dinheiro para mandar para minha família no Haiti. Vilson Vité 32 anos, chegou ao Brasil em 2016, morador do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

A maioria dos haitianos que saiu do país o fez para encontrar melhores condições de vida, assim como atender necessidades sociais, educacionais e outras necessidades básicas. Alguns entrevistados relataram que suas condições de vida melhoraram completamente após a saída do Haiti. Outros estão desempregados e o motivo de sua vinda para o Brasil foi o futuro incerto que os aguardava naquele país. Essas situações se repetem nas entrevistas e também a transformação econômica e social porque passam suas famílias no Haiti devido ao envio das remessas.

No Haiti, uma das maiores dificuldades é o trabalho. Você pode terminar seus estudos e não pode trabalhar, tudo é uma questão de *òmoun paõ*, irmão. (*moun pa*, em crioulo, significa clientelismo). O Estado no Haiti não trabalha em favor da população. As ações são destinadas a um grupo de pessoas específico. Você que tem a qualificação não pode trabalhar, é por isso viajei para o Brasil, como já tinha minha família aqui, não tenho nenhum problema de funcionamento. Agora estou trabalhando e ajudo minha esposa no Haiti, em setembro deste ano, vou trazer ela para o Brasil, porque estou com raiva do Haiti. Moralès Charité 35 anos, chegou ao Brasil em 2015, morador do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

Essa seção contribui também para os objetivos desta dissertação, uma vez que os responde com elementos elucidativos e coerentes apresentados nas entrevistas com os migrantes haitianos em Manaus.

3.2 PRESENÇA DOS MIGRANTES HAITIANOS EM MANAUS - AM

Há uma distância grande entre as políticas de migração no Brasil e a receptividade aos haitianos (BRASIL, 2012). Isso porque, em primeiro lugar, o Brasil exigia visto para que os haitianos entrassem no país, mas tal documento não era concedido pelas autoridades consulares brasileiras no Haiti. Como resultado, os migrantes tiveram que inventar uma rota para entrar no Brasil clandestinamente, isto é, pelos estados do Amazonas e do Acre.

Por esta rota, passaram mais de 90% dos haitianos que entraram no Brasil. Segundo o Centro de Estudos Migratórios (2016), trata-se de uma rota marcada pelo sofrimento, pela fome, pela privação, pelos perigos, pela espoliação por parte de atravessadores, coyotes e grupos policiais. A travessia desde o Haiti até o Amazonas custou muito para os migrantes em todos os sentidos, não somente financeiramente.

A rota dos migrantes haitianos que entraram pela fronteira do Amazonas foi a seguinte: saíram de Porto Príncipe ou de Santo Domingo na República Dominicana e foram até o Panamá (SYDNEY, 2012; HANDERSON, 2015; CEM, 2016). De lá, tomaram o avião para Quinto-Ecuador e, depois, para Guayaquil, também no Equador. Em seguida, iam de avião até Lima, no Peru, e, de lá, outro avião para cidade de Iquitos, na região da Selva Peruana. Por lá, atravessaram o rio que, no Peru, se chama Amazonas. De Iquitos desceram em barcos até Tabatinga, já no Brasil, onde ficaram aguardando o visto emitido pela Polícia Federal. A demora em Tabatinga era de 15 dias a três meses e meio (CEM, 2016, p. 13). Uma vez obtido o visto e tendo o dinheiro para pagar a passagem, embarcavam para Manaus.

Foi o que aconteceu no final de 2011 e início de 2012, quando havia 1,5 mil pessoas esperando o visto e a vinda para Manaus. Muitas instituições, sobretudo a Igreja Católica, não cansavam de reivindicar uma posição das autoridades de diversas instâncias que se mantinham num estranho silêncio. De acordo Handerson (2015), além da Igreja Católica, entre outros grupos, os Espíritas (Kardecistas) e igrejas protestantes, como Assembleia de Deus, também contribuíam na acolhida dos migrantes em Manaus.

Algumas pessoas os recebiam em suas próprias casas. Somente depois de dois anos de ocorrido o terremoto no Haiti, finalmente, no dia 12 de janeiro de 2012, o Governo brasileiro instituiu a Resolução Normativa nº 97, dispondo sobre a concessão do visto aos nacionais do Haiti. Observa-se o que dizem os pontos principais da Resolução:

Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto por razões humanitárias, condicionado ao prazo de cinco anos. Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010. O visto é concedido pelo Ministério das Relações Exteriores, por intermédio da Embaixada do Brasil em Porto Príncipe; poderão ser concedidos até 1.200 (mil e duzentos) vistos por ano; a Resolução vigorará pelo prazo de dois anos, podendo ser prorrogada; a Resolução entra em vigor na data de sua publicação (BRASIL, 2012, p. 27).

Como se pode perceber, a tendência de viajar sem visto pelo Brasil se prende às dificuldades institucionais, particularmente dos consulados do Brasil no Haiti para atender todas as demandas; à facilidade desses migrantes em atravessar os demais países de América do Sul sem precisar de visto de passagem; ao acolhimento recebido nas fronteiras e, enfim, a uma atitude racional deles de escolher o mesmo serviço no Haiti ou no Brasil, como mostram os depoimentos a seguir.

Eu não esperei o visto no Haiti. É difícil. Também achei melhor estar mais perto do Brasil para esperar para entrar. Delva Charles 33 anos, chegou ao Brasil em 2016, morador do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

Eu tinha dificuldade de conseguir visto no Haiti, então passei-nos vários países para chegar no Acre, porque lá também você pode conseguir seu visto brasileiro. Minha rota foi assim: República Dominicana, Peru e cheguei ao Acre, Brasil... Eu não esperei o visto no Haiti, também achei que é mais racional de estar perto do meu destino final. Martine Vorbe 30 anos, chegou ao Brasil em 2014, moradora do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

A partir do trabalho de campo realizado em diferentes momentos de 2018, entrevistando o padre haitiano Jameson Mercure no dia 5 de junho 2018, na Paróquia São Geraldo, e haitianos que vivem no bairro de mesmo nome e no Centro Comercial de Manaus. Procurou-se levantar algumas informações sobre as possibilidades de trabalho informal e formal.

Boa parte dos interlocutores relatou que, recentemente, vários países onde residem grandes populações migrantes, nomeadamente os Estados Unidos, Canada, França e Brasil, colocaram a hipótese de taxar a saída de remessas, quer para aumentar as receitas internas, quer para combater a existência de migrantes em situação irregular. Essa atitude é incoerente com os compromissos assumidos pelos trabalhadores migrantes e ameaça os progressos realizados nesse campo, no caso dos migrantes internacionais haitianos.

Para além de configurar uma dupla tributação para os migrantes (uma vez que, em princípio, os seus rendimentos já foram tributados no país de residência), este objetivo pode também levá-los a optar por canais informais e sem regulação para a transferência das remessas, gerando preocupações sobre a transparência e segurança desses fluxos.

De acordo com o padre haitiano, em Manaus, os haitianos estão localizados em diferentes bairros da cidade, entre eles da zona Centro-Sul, como São Geraldo, Chapada, São Jorge, São Raimundo e Coroado. Jameson Mercure afirmou que a maioria dos haitianos que está em Manaus trabalha no comércio (pequeno comércio) e apenas 20% deles têm empregos formais, e os outros fazem apenas o pequeno comércio para sobreviver e cuidar de sua família aqui (no Brasil) e no Haiti.

A razão fundamental para que os migrantes internacionais haitianos deixassem o país foi o fato de quererem desenvolver sua capacidade socioeconômica individual e coletiva. Na pesquisa de campo, ficou evidente que todos os haitianos entrevistados deixaram família no Haiti. Isso aponta para outro elemento importante deste fluxo e central para a economia do Haiti, as remessas de migrantes desempenham um papel crucial.

Eu moro no Brasil há dois anos e oito meses e tem sido difícil viver longe da família. Para mim, o apoio da igreja tem sido fundamental pelo tempo que eu não consegui emprego, mas não fico sem fazer nada porque a igreja me ajuda para fazer alguma coisa. Muitos dos nossos irmãos precisam ajudar desse jeito porque é difícil viver aqui sem trabalhar. É a igreja que tem nos ajudado bastante, por isso estamos felizes com esse trabalho. Rubis Valery 29 anos, chegou ao Brasil em 2015, morador do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

Agora, eu pretendo trazer a família para ter uma moradia mais digna. A minha esposa ainda está lá no Haiti e estou fazendo de tudo para trazê-la. Depois vou trazer os meus filhos. Anne Moise 27 anos, chegou ao Brasil em 2012, moradora do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

O setor do mercado de trabalho que mais absorveu trabalhadores migrantes haitianos em Manaus foi o da construção civil, mas, no período da pesquisa de campo, mudou para comércio de picolés, seguido pelo comércio e serviço. Não encontrando ocupação no mercado de trabalho formal, boa parte dos interlocutores foi obrigada a aceitar atividades informais, como segurar placas de propagandas pelas ruas da cidade ou vender objetos e alimentos, como sorvete, calçado para os pés, água, camisas, seja para manauenses, seja para os próprios haitianos.

As dificuldades de encontrar trabalho no Brasil em Manaus se devem, em primeiro lugar, à saturação do mercado de trabalho local e nacional, já que a economia brasileira havia

reduzido as expectativas de crescimento a partir de 2012, devido a uma crise que aconteceu. Em segundo lugar, devem-se à ausência de atração de recurso econômico exigida pelo mercado, além do fator linguístico que dificulta a comunicação. Se, por um lado, não dominar a idioma português dificulta a inserção dos migrantes haitianos no mercado de trabalho, por outro, falar outras línguas, como crioulo, francês e mesmo inglês, pode abrir portas na hora de pleitear um emprego em outros segmentos laborais, como é o caso do setor de turismo local ou internacional e do ensino de idiomas.

O padre haitiano Jameson Mercure relatou que:

como muitos haitianos que não têm empregos, reforçamos a fabricação cotidiana desse pequeno negócio de picolés para manter uma fonte de renda para os haitianos. Nós, líderes da paróquia de São Geraldo, para esta atividade comercial, vendemos a preços baixos para facilitar suas famílias a pagar o aluguel.

Se, no âmbito do mercado de trabalho, alguns desafios deverão ser superados em médio e em longo prazo, no âmbito socioeconômico, a realidade também não é diferente. No Bairro São Geraldo, onde a pesquisa se concentrou as relações dos haitianos com o contexto local ainda são restritas e, em alguns casos, marcadas pela desconfiança e intolerância de parte dos moradores locais.

Estes veem naqueles uma possível ameaça, seja por ocuparem espaços que antes eram de uso exclusivo da comunidade, como é o caso da quadra de esportes da Igreja São Geraldo, seja porque os haitianos estariam recebendo um atendimento privilegiado de parte das autoridades religiosas e civis. Nessa igreja, funciona um dos locais de atendimento da Pastoral do Migrante em Manaus e, desde 2010, tem sido a referência para a maioria dos haitianos que chegam à cidade em busca de abrigo, trabalho, orientação jurídica e religiosa, embora a maioria declare pertencer a alguma denominação evangélica. O relato de o padre a seguir informa isso:

Aqui na cidade, fizemos tudo por eles, não precisamos conhecer suas crenças evangélicas ou em qual igreja eles perseveram. Nossa missão é ajudá-los na medida em que pudermos. Para alguns deles e até mesmo os manauenses que aceitaram, temos costumes religiosos na paróquia de São Geraldo, mas também todo primeiro domingo do mês adoração católica em espanhol e todo segundo domingo do mês adoração católica em francês.

Nesse contexto de transição, ser católico ou evangélico poderá ser uma estratégia de inserção num novo contexto sociocultural pautado por tradições cristãs, seja na versão do catolicismo, seja na do protestantismo. Se, no âmbito do catolicismo, há uma maior tolerância em relação às religiões, em que os adeptos transitam sem problemas entre diferentes sistemas de crenças, o mesmo não se pode dizer em relação às igrejas neopentecostais, as quais assumem uma postura de combate e negação de práticas alusivas ao universo religioso, demonizando-as.

O padre Jameson Mercure relatou:

Meu irmão em Jesus Cristo, este mês de junho temos várias atividades porque é um mês do dia e de semana dos migrantes. Migrações fazem parte da história humana e podemos afirmar que todos são descendentes de migrantes que, pelas mais diversas razões, deixaram a terra natal e partiram em busca de uma vida melhor. O nosso pai na fé, Abraão, foi deles. Jacó e seus filhos migraram para Egito por causa de José. Moisés conduziu o povo numa migração que duraram quarenta anos. Nordestinos, judeus, espanhóis, libaneses, japoneses e, mais recentemente, gaúchos vieram para cá em busca de melhores condições econômicas. Hoje seus descendentes são amazônicos de fato e de direito. Trouxeram valores culturais e contribuíram para a vida econômica da região. O Amazonas acolheu a todos. Infelizmente também se repetiu aqui a injustiça e o sonho de uma terra fértil para muitos se transformou num sonho doloroso.

Nessa perspectiva, as igrejas têm tido, em geral, um papel fundamental no processo de inserção dos haitianos na cidade, sobretudo no momento da chegada, particularmente para quem não conta com a ajuda de amigos ou parentes para resolver os primeiros desafios de todo migrante: encontrar trabalho e moradia.

Outras questões, como encaminhar documentos, aprender o português, qualificar-se profissionalmente e defender direitos, são alguns dos serviços oferecidos por igrejas da cidade. Nesse sentido, a Igreja Católica tem sido um espaço de solidariedade e articulação dos haitianos num contexto marcado, às vezes, pela indiferença de governos locais e por preconceitos de brasileiros que atribuem à vinda dos haitianos ao Brasil a uma iniciativa do governo brasileiro.

Eu cheguei aqui em São Geraldo, porque tinha um amigo que morava aqui, o nome dele é Bob, ele me falou que tem uma comunidade, mas boa parte é haitiana na região de Manaus. Quando eu cheguei aqui em Manaus, de verdade, achei vários delas que já conheci na Venezuela e no Haiti, fiquei morando um tempo com Bob e outras compatriotas haitianas juntos, nós alugamos uma casa junto na primeira vez quando cheguei, depois, eu saí de casa e morei sozinho porque não pude conviver bem com eles. Mariane

Alciné 28 anos, morava na Venezuela em 2013 e chegou ao Brasil em 2016, moradora do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

Atualmente, os fluxos migratórios se prendem à atuação das redes sociais: os amigos e parentes que já migraram dão referências positivas do lugar àqueles que ficaram incentivando-os a migrar e construindo uma rede de relações sociais e laborais, na qual o migrante se inserirá. Previamente, já se tem garantias de emprego, mesmo seja informal, hospedagem e ajuda inicial.

As redes sociais, materializadas hoje no espaço de ajuda mútua representado pela família da cidade, especificamente em Manaus, onde a pesquisa de campo foi feita, são um elemento fundamental da atual conjuntura migratória internacional haitiana e de como o Centro Comercial de Manaus se insere nela. Todavia, no tempo do fluxo migratório, as redes sociais são mais produto que causa destes novos fluxos, de modo que este fator incidiu inicialmente na orientação da trajetória migratória dos haitianos em Manaus.

Quando estava em São Paulo, comprei uma passagem de avião para vir para Manaus, e depois fui diretamente para São Geraldo porque tinha uma prima que morava lá e me orienta. Naquela época, ela trabalhava numa empresa que precisava uma pessoa, peguei a vaga e fiquei até agora em São Geraldo. Astride Fleury 27 anos, chegou ao Brasil em 2015, morador do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

Sayad (1998, p. 54) relata ser o migrante considerado “essencialmente como uma força de trabalho e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito” A definição do autor permite entender uma das dimensões da trajetória social dos migrantes, mas não significa ser o trabalho de todo processo migratório e de mobilidade (HANDERSON, 2015). Além do trabalho, o estudo era também o foco de sua condição de mobilidade, visto no Haiti não haver muitas oportunidades de realizar os sonhos.

Eu não quero trabalhar mais na empresa, eu ganho muito mais com o comércio de Picolés. São vendidos a preços baixos e ninguém exige que paguemos quando não há venda. Eu prefiro vender os picolés em vez de trabalhar por um salário miserável. Eu constatei, as empresas exploram os migrantes haitianos porque nós não podemos reclamar. Às vezes, as empresas nos tratam com falta de respeito e nos pagam baixos salários. Não temos assistência social. Maculène Chansly 41 anos, chegou ao Brasil em 2015, moradora do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

Na observação de campo no Bairro São Geraldo, percebe-se, na fala dos haitianos, que a maioria está comercializando picolés. Era preciso oferecer também a oportunidade de começar uma vida nova e buscar alternativas para um futuro melhor, pois, para a grande maioria dos que aqui chegava, o único objetivo era juntar dinheiro para poder trazer a família. Tal fato tornou ainda mais urgente a necessidade de arrumar um emprego ou uma fonte de renda para garantir seu sustento.

Aqui tem problema de crise de emprego, mas, além disso, parece que as empresas têm problemas com os migrantes haitianos na questão de salários. Às vezes, a vaga está disponível, mas, quando um haitiano vai procurar e quiser negociar antes de trabalhar, a dona da empresa fala para ele que não tem mais. Jessica Sainté 32 anos, chegou ao Brasil em 2015, moradora do Bairro São Geraldo, (pesquisa de campo, 2018).

Os migrantes haitianos sublinham outros elementos que fazem parte da caracterização deles sobre os empregos disponíveis. Para eles, os empregos destinados aos migrantes são os mais difíceis. Existe uma forma de restrição para eles de acessar qualquer trabalho, mesmo que tenham formação acadêmica e profissional adequada para isso. Nesse ponto de vista, preferem continuar fazendo seus próprios comércios. Uma forma de enfrentar o desemprego e gerar renda, tanto para homens quanto para mulheres, tem sido vender picolés pelas ruas da cidade.

Porém, a diferença é que os picolés são fabricados por uma cooperativa organizada por eles e com o suporte logístico da Igreja São Geraldo, fato que permite ampliar a margem de lucro em cada picolé vendido. Vale notar a forma como os haitianos se apresentam ao público manauense, pois, mesmo no contexto do trabalho, eles andam bem vestidos pelas ruas da cidade.

Nas observações em campo, feitas em Manaus, os migrantes haitianos que vendem picolés na rua, geralmente se vestem da seguinte maneira: homens portam, às vezes, um avental branco, denotando a assepsia na venda do picolé, e, para se protegerem contra do sol e da chuva, alguns deles levam um boné ou chapéu de cabeça também, e, em outros casos, observei também o uso de um guarda-sol. Isso denota, por um lado, a dificuldade para adaptar-se ao forte calor amazônico e, por outro, o cuidado com a pele, mesmo tendo uma cutis com uma concentração maior de melanina. No caso das mulheres, elas fazem uso de chapéus estilizados e de sombrinhas para proteger contra dor de cabeça.

Destaca-se que a questão do emprego é um elemento transversal na trajetória dos migrantes. O estatuto de migrante está fortemente ligado ao trabalho no sentido que sua

disponibilidade, seu acesso, suas condições no país de origem, como no país de chegada são os elementos que vão incentivar ou não o migrante a permanecer ou ir embora para outro lugar. O acesso e as condições difíceis de trabalho serão um dos elementos importantes para fundamentar essa questão.

Perguntado, o padre haitiano, Jameson Mercure, no Bairro São Geraldo, sobre quais alternativas para construir a fábrica de picolés. Ele respondeu que tiveram a ideia de montá-la com o intuito de que os haitianos pudessem ter um aumento de renda e o que era para ser apenas um meio da vida acabou se transformando na profissão da grande maioria deles.

Disse que outro padre, Valdecir, e outras pessoas começavam com a fábrica, que era um projeto pequeno,

com objetivo de gerar um ganho a mais com a venda do picolé, mas, em virtude da questão do desemprego, começou a haver essa oportunidade de renda extra, como o próprio emprego e fizeram da venda de picolé a fonte de renda deles e, graças a esse projeto, muitos conseguiram trazer seus filhos do Haiti e até alugar sua própria casa. Padre Valdecir, 56 anos, morador do bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

A fábrica de picolés está instalada nas dependências do salão paroquial, funciona das 8h às 18h e possui cinco funcionários, tendo à frente o jovem haitiano Wilkenson Justin, que abraçou o projeto desde o seu início, em 2014, e é o responsável pela produção. A fábrica possui duas máquinas de congelamento (uma maior e outra pequena), uma batedeira, sete freezers grandes e uma câmara frigorífica para armazenamento das polpas de frutas no período de entressafas.

Saint-Vilord ou Mechand, como é mais conhecido pelos consumidores ou vendedores haitianos de picolés, gerente do restaurante nas dependências do salão paroquial, explicou que “algumas frutas aqui da região somente aparecem em determinado período, como, por exemplo, o buriti, que está dando agora, mas é preciso estocar para quando não for época não faltar”.

E salientou:

Estou no Brasil desde 2014, tenho dois filhos com minha esposa e trabalhamos juntos para facilitar a melhor condição de nossa vida. Nós somos o gerente responsável deste restaurante, que funciona de dia e de noite. Durante o dia, nós cozinhamos o arroz com outros ingredientes, à noite, nós fazemos banana frita (em crioulo, fritay). Mas, muitas vezes, é a cozinha haitiana a maneira como cozinhamos. Eu devo dizer a verdade, eu cheguei antes da minha esposa no Brasil indocumentado, desde que solicitei o visto no Haiti, já que várias vezes o consulado nunca me atendeu e eu

queria chegar ao Brasil, eu fui obrigado a deixar o visto para vir para o Brasil. Durante dois meses, não foi fácil, o trajeto estava pesada por causa das dificuldades econômicas e da fome. Havia muitos haitianos na viagem que perderam tudo o que tinham e até retornaram ao Haiti. Graças a Deus que cheguei aqui no Brasil, o trajeto foi tão longo, como Panamá, Peru e Acre e agora em Manaus, chegaram ao Brasil sem documentos. Todos os meus recursos foram gastos nesta viagem, eu não posso te dizer o quanto esta viagem me custou, mas, se não me engano, havia cerca de US \$ 2.000,00. Mas hoje eu estou feliz por poder recuperar o dinheiro que eu gastei graças a este restaurante que nos trouxe muito. Saint-Vilord 44 anos, chegou ao Brasil em 2014, morador do bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

No caso dos haitianos em Manaus, pode ser muito cedo para tirar conclusões sobre o processo de integração na cidade, mesmo que seja um fluxo migratório recente com alta taxa de rotatividade, porque, para muitos destes, a cidade tem sido um sucesso, devido às motivações para entrar no mercado de trabalho e comércio local. Para outros, a migração para países como os Estados Unidos tornou-se outra opção menos atraente, apesar do alto investimento e risco que tal decisão acarreta. Para quem fica na cidade, pode ser o lugar de realização de transformações socioeconômicas, trocas culturais e religiosas e também para realização suas vidas pessoalmente e em família.

Depois de colocar a presença de migrantes haitianos no contexto dos fluxos internacionais, examinaremos mais detalhadamente os efeitos de seu envolvimento nas transformações sociais e econômicas no Haiti. Em seguida, serão mais enfatizadas as condições de vida e a esfera de produção das remessas, dando atenção especial às relações de trabalho que contextualizam o processo.

3.3 EFEITOS DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL HAITIANA NO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO

No Haiti, quando a comunidade internacional está fazendo uma contribuição financeira para ajudar a reconstruir o país devastado por um terremoto na escala Richter, explorar transferências de dinheiro de haitianos multipolares migraram ajudar a desenvolver o seu papel potencial no desenvolvimento e apoio a longo prazo para a revisão socioeconômica e espacial dos territórios transnacionalizados.

No Brasil, com os fluxos das remessas de migrantes internacionais haitianos, que geram as questões de mobilidade residencial relacionados à integração e reintegração, governança urbana e padrões de migração transnacional, outras linhas inovadoras de pesquisa estão

surgindo de várias maneiras das redes, lugares e ligações sem fronteiras entre campos migratórios multipolarizados e convidam ao ultrapassando além do discurso redundante sobre o particionamento comunitário que caracteriza muitas pesquisas migratórias no Brasil.

No entanto, é importante ressaltar que o marco interpretativo busca identificar as condições nas quais o desenvolvimento socioeconômico é realizado, isto é, contextualizar os efeitos da produção das remessas. Isso significa que um desvio das remessas de estudos que não ponham em causa a formação prática desses recursos, por exemplo, estudos que interpretam o conceito de forma acabada “desenvolvimento socioeconômico”, particularmente na análise do seu volume via transferências de dinheiro, sem pensar, no entanto, como eles foram úteis.

Esse procedimento é a continuação lógica de nossas preocupações teóricas e metodológicas: Como a migração internacional haitiana é um processo social, as remessas também estão condicionadas socialmente. Notadamente, as relações sociais estão presentes na formação (transformações sociais e econômicas) dos efeitos produzidos por elas, motivo pelo qual as remessas estão fortemente presentes na teoria que trata da migração haitiana.

Binford (2002) avalia a relação estabelecida entre migrações internacionais e desenvolvimento socioeconômico e aponta que esta não se prende apenas à questão das transferências, mas também à própria concepção de migração, transformação e desenvolvimento social e econômico presente nessa relação. A seguir, apresentam-se alguns pressupostos desta relação destacados por Binford (2002):

- A migração internacional é retratada como um produto da globalização no qual todos ganham, ainda que isoladamente;
- O livre mercado e os ajustes estruturais implantados nas últimas décadas, sobretudo na periferia do sistema capitalista mundial, levam ao equilíbrio econômico e social;
- A impossibilidade de se conter as migrações, ainda que elas sejam fenômenos que podem, sim, ser administrados e governados;
- As migrações, em essência, é um processo cultural, uma tradição dos povos que se reproduz em si mesma, a despeito das condições econômicas e sociais vigentes que condicionam o fenômeno migratório em escala internacional;
- As migrações são uma estratégia de maximização dos salários, de forma que as causas estruturais do processo são tão somente elementos secundários;
- Os migrantes, tanto regionais quanto internacionais, são agentes do desenvolvimento, e as suas remessas, as alavancas deste processo e;

- As boas práticas administrativas representam a melhor estratégia de regulação das migrações e do desenvolvimento socioeconômico.

Mesmo que as remessas feitas pelos migrantes haitianos sejam pequenas quantidades e, portanto, possam ser difíceis de mobilizar no âmbito de grandes programas nacionais, no nível territorial é possível uma melhor canalização dessa contribuição. A implementação de uma abordagem pró-empresarial pelas autoridades públicas pode incentivar os beneficiários a iniciar atividades produtivas com transferências.

De momento, para além dos investimentos na construção (que definem definitivamente o desenvolvimento socioeconómico e ainda são insuficientemente tomados em consideração tanto do ponto de vista das estatísticas financeiras como do ponto de vista da política financeira), as essenciais das transferências financiam o consumo, enquanto esse dinheiro pode suportar a atual tendência empreendedora observada no país, por um lado, e a tendência para a expansão do pagamento de serviços públicos.

A argumentação anterior já explora que os migrantes haitianos constituem inegavelmente um meio de atendimento social para os problemas da pobreza no Haiti. Após os resultados da ineficiência das intervenções externas, o desenvolvimento socioeconómico do Haiti parece ter que passar por uma mobilização de recursos próprios. Entre os últimos, os mais valiosos são seus recursos humanos qualificados. A grande maioria destes está fora do território nacional. Contanto que as ligações sejam preservados e traduzíveis em oportunidades, é na estratégia de desenvolvimento que se procurou envolver melhor os migrantes no desenvolvimento socioeconómico em geral além de contribuir em muitos níveis.

No caso da venda de picolés aqui anteriormente referida como trabalho, o capital opera então uma vantajosa combinação envolvendo trabalhadores haitianos, que, em boa parte dos casos, não têm interesses que vão além de simplesmente vender os picolés, e uma baixa remuneração, comparada ao salário médio de um trabalhador nativo, e pouca ou até mesmo nenhuma oneração por pagamentos de encargos trabalhistas e sociais (BAENINGER, 2013). Os recursos desses haitianos são oriundos da venda de picolés, como se viu que se fundamentam na construção histórica de um estatuto subalterno, inferior, que engloba a força de trabalho migrante (MAGALHÃES, 2017).

O mito de viajar no imaginário socioeconómico haitiano se evidencia nos relatos dos desses migrantes na cidade de Manaus, confirmando o que veio discutindo nos capítulos anteriores desta dissertação. A hipótese é que, além dos determinantes naturais, económicos, políticos e sociais que explicaram as saídas haitianas, há também os culturais. Viajar é um elemento incontornável na representação cultural haitiana. É difícil encontrar uma família

haitiana que não tenha um ou dois membros em países estrangeiros, conforme podemos observar no depoimento a seguir.

Os haitianos gostam de viajar, e a família deles se sente orgulhosa também quando tem um membro que vai para um país branco ou país estrangeiro. Muitos haitianos vão para o Chile ou Brasil só para isso, satisfazer essa vontade para transformar sua vida socioeconômica e de suas famílias. Depois podem falar que eles conhecem muitos países. Rosmond Pradel 31 anos, chegou ao Brasil em 2014, morador do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

A mobilidade haitiana é uma característica inerente a essa população e as migrações estão atualmente no centro das agendas políticas e internacionais. No entanto, a ligação entre migração internacional haitiana e desenvolvimento socioeconômico tem sido frequentemente negligenciada, esquecida ou até mesmo não se tem conhecimento dela. Confere-se a essa relação menos importância, em comparação com outros elementos, considerados mais urgentes na gestão das migrações. A contribuição dos migrantes para o desenvolvimento econômico e social quer dos países de origem (no caso aqui, do Haiti), quer dos países que os recebem, é formalmente reforçada pelo processo de mudança das condições de vida coletiva.

Eu conheço muitos haitianos que trabalhavam aqui com um bom salário, mas você sabe como é o jeitinho do haitiano, desde que ele ouviu viajar, todo mundo fica louco, todo mundo quer. Tem haitiano que eu conheço que vão pelos Estados Unidos, só para isso: viajar. Mas tem outros também é porque a vida no Brasil é difícil, ele vai à busca de uma vida melhor. Veronise Cadet 25 anos, chegou há cinco anos à Venezuela e três anos ao Brasil, moradora do Centro Comercial de Manaus, (pesquisa de Campo, 2018).

Hoje, apesar das grandes dificuldades encontradas no Brasil, estar aqui, para muitos haitianos, significa uma vitória. Quando um haitiano deixa seu país para buscar uma vida melhor no Brasil, ele encontra o que esperava deste país, representando uma oportunidade de ter um futuro melhor. Isso porque, muitas vezes, ele passou anos desempregado no Haiti.

Portanto, para ele, estar aqui significa muito para si e para sua família. Muitos deixam o Haiti, vão para o Chile, para os Estados Unidos. No Haiti, há falta de empregos, então eles vêm para o Brasil em busca de ocupação no mercado de trabalho. Quando os migrantes haitianos chegam aqui e passam a ter melhores condições de vida, sentem-se satisfeitos, uma vez que se dá uma melhora substancial em suas vidas. Veronise Cadet 25 anos, chegou há

cinco anos à Venezuela e três anos ao Brasil, moradora do Centro Comercial de Manaus (pesquisa de Campo, 2018).

Os interlocutores haitianos compõem a categoria de migrantes que fazem do Brasil um país de existência, por causa da exploração vivida. É como enxergar o outro lado de uma moeda, uma vez que o mesmo elemento que os encorajou a vir para o país os motiva no sentido oposto, de saída.

Boa parte dos haitianos deixa o Haiti ou a República Dominicana, mais especificamente depois do terremoto porque a gente ouviu pessoas já no Brasil falando quase todos os dias “Vem ao Brasil, minha condição de vida melhorou completamente”, falando que aqui no Brasil tem empregos para todos. Como sempre nossa preocupação é buscar oportunidades, a gente resolve vir também. Mas, quando a gente chega aqui no Brasil, é bem diferente, “tande ak wè se 2”. Ouvir e ver são duas coisas diferentes. Quando a gente chega, temos um emprego sem perder tempo e minha família no Haiti ficou feliz porque é nossa esperança, mas hoje temos a oportunidade de fazer grandes atividades econômicas. Jonise Vilsaint 29 anos, chegou ao Brasil em 2015, moradora do Centro Comercial de Manaus, (pesquisa de campo, 2018).

Alguns dos haitianos destacaram que permanecem no Brasil porque o país de origem não oferece oportunidades para eles.

Não voltarei para o Haiti, porque meu país não está pronto para me receber, as coisas pioram cada dia. Eu moro aqui no Brasil para trabalhar para arrecadar dinheiro e enviá-lo para a minha família, é melhor para mim. Você pode ver que eu sou muito jovem, minha família está lá, depois do terremoto, meu pai passou dois anos aqui e depois viajou para a Guiana Francesa. Como ele notou que era muito difícil morar lá por causa dos documentos de trabalho, ele foi obrigado a voltar ao Brasil. Agora, ele mora no Brasil definitivamente, hoje, eu me pareço com um garoto que trabalha e estuda. Você vê a diferença entre esses dois países, Haiti e Brasil. Meus parentes estão aqui há sete anos aqui e eu estou há três anos aqui, executamos nossas atividades muito bem (isit nap brase trè byen em crioulo). Jonise Vilsaint 29 anos, chegou ao Brasil em 2015, moradora do Centro Comercial de Manaus, (pesquisa de campo, 2018).

Ao longo da análise desenvolvida neste estudo, percebeu-se que o emprego apresenta um caráter transversal na trajetória dos migrantes haitianos, permanência e deslocamento deles. A questão do emprego é o elemento fundamental da construção de seu *status* de migrante transformando sua vida social e econômica.

De maneira geral, não tem nenhum migrante no mundo que tem uma segurança total de que vá ficar no país de residência. Por que eu digo isso? [...] Na Venezuela, eu tinha minha casa própria, que não uso mais, porque passei muitos anos lá, apesar de tudo, eu deixei. Eu fiquei lá durante 13 anos, bem integrado, tenho filhos nascidos lá, casados lá, finalmente eu deixei... Hoje estou aqui falando com você, mas eu sempre falei que eu nunca, nunca ia deixar providencial. Então o estatuto de ser migrante mesmo é marcado pela instabilidade, porque é ligado ao trabalho. No momento que tem crise de emprego lá, não tenho as condições adequadas para ficar, como migrante eu sou obrigado a sair, senão eu seria a primeira vítima da crise política e econômica. Anita Massillon, 39 anos, chegou ao Brasil em 2013, moradora a 10 km do Centro Comercial de Manaus, (pesquisa de Campo, 2018).

Sou enfermeira e passei todo o meu tempo no Haiti sem trabalhar, tinha que passar por vários países, como nômades que não têm descanso. Hoje estou fazendo um pequeno comércio na minha empresa que não tem muito a ver comigo, mas eu não gostaria de deixar a Venezuela, mas as crises políticas e econômicas me afetam muito, apesar de eu enviar dinheiro para minha mãe e de que tenho dois filhos. Na verdade, eu não quero mais falar sobre o Haiti, porque me fizeram sofrer, especialmente os governantes do país. Aqui eu tenho dois filhos comigo, um deles nasceu na Venezuela e o outro, aqui no Brasil. Eu tenho uma pequena empresa com meu marido para cuidar dos meus filhos, assim como minha mãe e minha irmã no Haiti. Venise Mels 43 anos, chegou ao Brasil em 2013, moradora do Centro Comercial de Manaus, (pesquisa de campo, 2018).

[...] Como migrante que busca uma vida melhor e cuidar da família, eu não tenho autonomia própria de decidir se eu vou ficar neste país ou não. Isso não depende da minha vontade. Natacha Jupiter 25 anos, chegou ao Brasil em 2015, moradora do Centro Comercial de Manaus, (pesquisa de campo, 2018).

O papel do emprego provou ser um requisito fundamental para os migrantes que permanecem no país de residência. Nos relatos dos interlocutores, infere-se que essa concepção aparece como uma exigência para que os migrantes cumpram os compromissos relacionados ao contexto da migração haitiana no Brasil, por meio de um forte vínculo familiar, seja financeiramente, seja pelo desejo de ajudar na formação escolar de seus filhos e até financiar suas viagens. Esse é um importante aspecto motivador da migração para o Brasil.

Hoje, o Brasil está em uma crise geral de empregos que afeta a todos, brasileiros e estrangeiros. A diferença é que nós, como migrantes haitianos, sofremos mais porque nossa presença aqui é relacionada ao trabalho como meio de possibilitar um futuro melhor. O nativo pode ter outros suportes, mas nós, os migrantes, além de tudo, ainda estão fora do nosso país. Trabalhar para nós torna-se uma necessidade e, às vezes, trabalhamos para sobreviver. Delva Charles 33 anos, chegou ao Brasil em 2016, moradora do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

Há muitos haitianos que vêm para cá no sacrifício de suas famílias, que venderam os bens materiais, os animais para financiar a viagem. Há outros que pedem dinheiro emprestado para financiar a viagem e prometem devolver o dinheiro depois de algum tempo. Se esses haitianos que vêm com essas dívidas perceberem, após um ou dois anos, que não podem economizar para devolver o dinheiro que pediram emprestados, não ficarão em lugares que não têm trabalho. É melhor tentar outro destino... se for para apenas trabalhar para comer, então os haitianos não ficarão, por isso Manaus é um lugar atrativo para todos migrantes. Delva Charles 33 anos, chegou ao Brasil em 2016, morador do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

Nota-se que os destinos relatados pelos migrantes são Estados Unidos, Canadá, Brasil, Chile, entre outros. Cada um desses países tem atrativos diferentes. No caso dos Estados Unidos e do Canadá, segundo Lauvergnier (2016), que realizou uma investigação intitulada “Do Caribe para os Estados Unidos, através da América Latina: a jornada sem fim dos migrantes haitianos”, os migrantes que saíram do Brasil passaram por nove países (Peru, Equador, Colômbia, Panamá, Costa Rica, Nicarágua, Honduras, Guatemala e México) antes de chegar aos Estados Unidos. Viajaram por, no mínimo, dois a seis meses, com custo de seis mil dólares americanos por pessoa. O sonho desses migrantes é chegar aos Estados Unidos para receber o documento¹⁶ que permite ter um visto temporário nesse país.

Agora minha preocupação como haitiano no Brasil é que me considero uma pessoa em um país branco (peyi blan). Você está desconectado da sua família. O salário não nos permite comprar uma passagem para ver nossa família, mesmo que trabalhem duro. Um bilhete só de ida custa 3,5 mil dólares americanos. Se você tivesse um visto americano, seria melhor. Sem visto, custa cerca de 4 mil dólares americanos e um migrante que recebe um salário de US \$ 200 a 250, ele não conseguirá arrecadar dinheiro para comprar passagens para visitar a família, além de pagar aluguel, telefone, luz, etc. Muitos deles passam pelo Chile porque é mais fácil comprar uma passagem para o Chile para ver suas famílias no Haiti. Marc Guilor 40 anos, chegou ao Brasil em 2016, morador do Bairro São Geraldo, (pesquisa de campo, 2018).

¹⁶ Existe uma nova realidade desde que Donald Trump assumiu o poder nos Estados Unidos. Muitos migrantes haitianos que se beneficiaram com o visto temporário: Temporary Protected Status (TPS), no governo de Barack Obama começaram a achar outra saída por medo de ser deportados de volta ao Haiti. O que fez com que, durante o ano de 2017 (data marcada para o fim do TPS), cerca de 10 mil migrantes haitianos fossem para o Canadá de maneira clandestina na fronteira entre os dois países, devido à dificuldade de obter o visto de refugiado no Canadá. Reportagens de rádio e televisão mostram que muitos desses migrantes tinham passado pelo Brasil. Para mais informações, acesso o artigo “Eles fugiram do Haiti... e agora os Estados Unidos” (RÁDIO CANADÁ, 2017). Segundo o jornal de Montreal, 10% das demandas foram aceitas, o que significa que o resto dos haitianos será deportado ao Haiti a qualquer momento. Disponível em: <http://www.journaldequebec.com/2017/11/23/la-plupart-des-demandes-dasile-dhaitiens-rejetees-1>. Acesso em 29 jun. 2018. É importante ressaltar que, finalmente, as autoridades americanas prorrogaram o TPS até 22 de julho de 2019 para os migrantes de vários países, como Haiti, Nicarágua, Honduras.

Durante a entrevista com Fedlet Cadiche, um interlocutor haitiano que mora no Canadá, via rede social, ele explicou a trajetória que percorreu para chegar lá. Relatou que tem 36 anos e um filho que mora com a mãe dele no Haiti. Disse que passou dois anos na República Dominicana e, depois, veio para o Brasil, onde ficou por dois anos e seis meses, mas agora está no Canadá.

“Deve ser dito que a minha viagem foi urgente por causa das circunstâncias críticas que eu e meus amigos vivíamos. Fiquei apenas um ano nos Estados Unidos de forma clandestina”, disse ele. Complementou ainda, contando que sentiu medo, viajou para o Canadá, mas até o momento, ainda não tinha recebido um documento para trabalhar, no entanto, está muito mais perto do que distante disso (*kotem sòti pi lwen*).

Ele expôs um longo relato onde indicou que conheceu quase todos os países da América Central por causa dessa viagem clandestina. Trabalhei por dois anos no Brasil para alcançar este grande sonho, ou seja, viver em um desses países, Canadá ou Estados Unidos. De acordo com informações prestadas por ele, seriam necessários de cinco a seis mil dólares para sair do Brasil.

Os haitianos que vivem nessa situação não veem o progresso socioeconômico automaticamente, o futuro melhor. Como a gente é muito apegada à família, se não tem condição para satisfazer as necessidades pessoais e da família, a melhor solução é deixar Brasil para buscar mais dinheiro. Para mim, eu acho melhor nos outros países como Canadá ou Estados Unidos. Fedlet Cadiche tem 36 anos e mora ao Canadá desde 2017, nasceu no departamento Artibonite, cidade de petite Rivière de l’artibonite, (pesquisa de campo 2018).

Estados Unidos e Canadá, para os haitianos, têm um peso mais cultural e simbólico, como explicitado anteriormente. São os países onde todos os haitianos sonham visitar um dia. Ser diáspora¹⁷ vivendo nos Estados Unidos e no Canadá tem uma maior representatividade social do que ser diáspora vivendo nas Antilhas ou no Brasil, por exemplo.

Em outras palavras, no Haiti há uma categorização das diásporas entre “verdadeiras e falsas”. Pejorativamente, a pessoa que viveu fora do país e volta sem nenhuma transformação em sua vida é considerada, popularmente, como diáspora falsa, *diáspora pèpè* (que significa roupa usada). É aquela pessoa que voltou ao Haiti depois de um tempo sem nenhum

¹⁷A diáspora US pode ser uma pessoa que vive em qualquer país do mundo. Por exemplo, um haitiano na condição de diáspora no Brasil pode ser identificado como uma diáspora em US se essa pessoa cumpre todas as exigências sociais e simbólicas. Inversamente, outra que está na condição de diáspora nos Estados Unidos pode ser identificada como “diáspora em Gourde” (moeda haitiana), depende de sua participação nessa função tradicional e simbólica.

progresso, não conseguiu ajudar as famílias, os amigos, não tem uma posição (simbólica e física) diferente do que tinha antes. Esse aspecto se faz presente no relato a seguir:

Para viajar para o Haiti, preciso cerca de 6 mil dólares americanos e mais para comprar passagem de ida e volta. Vai precisar de dinheiro, no caminho, precisa de grana sim para se manter no Haiti, vai precisar para dar as famílias e amigos quando você chegar, porque somos diáspora assim como as outras diásporas do Canadá e dos Estados Unidos. Porque, quando você está fora, todo mundo tem esperança em você. Não pode decepcionar não [...] então, um haitiano no Brasil fez esse cálculo: em quanto tempo ele vai poder juntar esse dinheiro para ver um dia suas famílias lá. Apesar de se sentir bem aqui, de a população ser muito acolhedora, mas nenhuma coisa pode matar a saudade da família. Julien Accéus 39 anos, chegou ao Brasil em 2012, morador do bairro São Geraldo, (pesquisa de campo, 2018).

A importância do poder hegemônico do dólar é considerável nesse processo do reconhecimento simbólico da diáspora. No Haiti, as diásporas se fazem também em relação à moeda do país onde eles estão trabalhando: diáspora em dólar americano (Estados Unidos), diáspora em Euro (França), diáspora em Real (Brasil). Isso apareceu de maneira implícita no relato de alguns entrevistadores, quando eles nos explicaram motivos de alguns migrantes se dirigirem a outros países.

A valorização do dólar em relação ao real é muito importante [...] Trabalhar pelo salário mínimo nos Estados Unidos é mais vantajoso que trabalhar pelo salário mínimo no Brasil. No sentido de poder enviar dinheiro para a família, certo! Então, alguém que está trabalhando por real perde muito, na troca do real em dólares para transferir para as famílias. Julien Accéus 39 anos, chegou ao Brasil em 2012, morador do bairro São Geraldo, (pesquisa de campo, 2018).

No caso do Chile, essa atração dos migrantes por esse país se prende a alguns avanços¹⁸ da política migratória adotada pelo governo Michel Bachelet em favor dos migrantes haitianos, especialmente na área da educação.

¹⁸ Em março de 2017, o presidente Michel Bachelet e o presidente haitiano Jovenel Moise assinaram o acordo do reconhecimento e da validação dos diplomas emitidos por instituição haitiana para atuar em terra chilena. Esse acordo, baseado na equivalência e reconhecimento do ensino básico e ensino médio, foi um esforço para facilitar a integração de cerca de 60 mil migrantes haitianos no Chile. Foi assinado pelo ministro dos Assuntos Estrangeiros do Haiti, Antonio Rodrigue e do Chile, Heraldo Muñoz, em presença dos presidentes dos dois países. Disponível em: <<http://lenouvelliste.com/article/175772/le-chili-homologue-les-diplomes-du-menfp>>. Acesso em 29 jun. 2018.

Muitos haitianos ficam no Brasil porque eles têm acesso à educação também. Eles não vão para o Chile porque não têm muita possibilidade de estudar da mesma forma que no Brasil. Com a crise de emprego é maior aqui, nós não podemos encontrar trabalho, nem a possibilidade de ter uma pequena empresa ou fazer comércio, nem também estudar. Na minha igreja, teve muitos haitianos que não vão para o Chile nem para os Estados Unidos, eles me explicam que não vão porque não há condição de trabalho. Eu não vou também pelo mesmo motivo deles, porque eu vim para o Brasil porque tem mais possibilidades para cuidar de meus filhos e da família, o problema que tem para os migrantes haitianos, não existe realmente somente no Brasil, mais também nos outros países. Wadner Mesidort 34 anos, chegou ao Brasil em 2016, morador do Bairro São Geraldo, (pesquisa de Campo, 2018).

Dessa forma, no processo de desenvolvimento socioeconômico dos migrantes haitianos no Brasil e em outros países, como Estados Unidos, Canadá e Chile, entre outros, é muito importante a questão de tempo de migração.

Por conseguinte, os migrantes haitianos representam uma categoria que está vivendo um processo de transformação no sentido social e econômico. Audebert (2012); Handerson (2015); Marcelin (2017) apontam que a migração, a diáspora internacional haitiana estão intimamente ligadas à transformação da vida das famílias no Haiti. Pode-se, então, concluir que as marcas da migração haitiana, de maneira simbólica e física, estão na em muitas famílias que permanecem no Haiti e também nos migrantes haitianos no Brasil e em outros países.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, analisaram-se as origens históricas e recentes do processo migratório haitiano em que foi identificada a formação histórica dos fatores que motivam a saída de cidadãos do Haiti, e se refletiu sobre alguns dos principais fluxos históricos da migração internacional e da diáspora haitiana, como República Dominicana, Estados Unidos, França e Canadá. Países tão distintos, econômica e socialmente, motivaram-nos a analisar fluxo em uma perspectiva histórica e de forma particular na transformação da vida das famílias. Esta foi também a motivação para a análise do fluxo migratório haitiano no Brasil, particularmente em Manaus.

No entanto, na República do Haiti, a migração é motivada por fatores econômicos, naturais e políticos. Esses migrantes internacionais haitianos ajudam os membros da família que permanecem no país e contribuem para o sustento das necessidades básicas, fazendo transferências significativas de recursos econômicos, que representavam cerca de um quarto do PIB do país em 2015. O papel desempenhado pela diáspora na reconstrução e no desenvolvimento social e econômico do Haiti foi destacado após o terremoto de 2010, quando o governo e os atores internacionais, assim como as diásporas, contribuíram financeiramente e também compartilharam seus conhecimentos num esforço de reconstrução do país.

Porém, em nenhum momento, constatou-se que existe uma relação de causa e efeito entre as intervenções estratégicas do Estado e o processo de deslocamento dos migrantes internacionais e as diásporas haitianas para os países estrangeiros. O fenômeno migratório haitiano começou a produzir, desde o início do século XX, efeito cultural, político, social e econômico, com implicação direta no Estado. Nessa dinâmica, a migração haitiana foi apresentada como uma das expressões de transformação socioeconômica da família no Haiti.

Alguns fatos também são dignos de nota: diferentemente do que está acontecendo em muitos países da América e do Caribe, o Estado haitiano nunca considerou o custo pago pelos migrantes internacionais para enviar dinheiro ao Haiti para suas famílias permanecerem lá. Nenhum estudo nacional compara preços de transferência ou faz recomendações.

Se, desde 2010, o Estado haitiano especificamente cobra toda contribuição da diáspora, não há transparência sobre o assunto. Também não existe nenhum plano articulado para integrar as remessas no desenvolvimento socioeconômico nacional. Os migrantes pagam suas contas, seu consumo, arcam com suas dificuldades, mas não têm o reconhecimento de que seu dinheiro contribui para o desenvolvimento do país.

Segundo os interlocutores entrevistados no campo, a cada ano o Haiti e sua população tornam-se cada vez mais dependentes do dinheiro dos migrantes, mas os migrantes não se beneficiam disso e não esperam que um dia isso aconteça. O Estado, bancos, famílias, todos no Haiti vivem no ritmo da economia ou da taxa de renda paga pelo suor da diáspora haitiana.

No entanto, embora as organizações diaspóricas haitianas estejam ativamente engajadas antes e pós-terremoto de 2010, a migração e as transferências ainda não são levadas em conta nas políticas públicas do Haiti. Os esforços reais, dispersos e de curto prazo, que essas organizações haitianas fizeram para aproveitar o potencial de migração ainda não levaram ao desenvolvimento de uma política ou estratégia sistemática para integrar a migração no programa de desenvolvimento do país.

A migração internacional e diáspora haitiana podem promover o desenvolvimento econômico e social no Haiti, mas seu potencial ainda não é explorado. Muitos formuladores de políticas setoriais nem sempre levam em conta a migração, e parece que algumas políticas contribuem involuntariamente para a migração internacional haitiana. No futuro, portanto, será necessário considerar a migração na formulação, implantação, monitoramento e avaliação de políticas setoriais nacionais de desenvolvimento. Nesse sentido, alguns aspectos se fazem importantes:

- Instituir melhoria na adequação oferta e demanda no mercado de trabalho para a população de origem em instituições, tais como agências de emprego público.

- Facilitar o investimento de remessas em atividades produtivas, oferecendo treinamento às famílias haitianas que lhes permita melhorar seus conhecimentos financeiros e sua capacidade de tomar decisões de investimento apropriadas.

- Garantir a qualidade e a acessibilidade das instituições de ensino públicas e privadas, de modo a atender à crescente demanda de educação privada como resultado das remessas.

- Aumentar o conhecimento financeiro e as habilidades empreendedoras das famílias haitianas que têm uma alta taxa de migração, a fim de incentivar o investimento de remessas.

Esses pontos são relevantes contribuições obtidas do trabalho de campo de natureza qualitativa. No bairro São Geraldo e no Centro Comercial de Manaus, este trabalho permitiu, a partir da construção de uma relação de confiança com muitos migrantes internacionais haitianos, desvelar de forma mais precisa as etapas de seu processo de migração, as contribuições da transformação social na cidade e a conjuntura de expansão de participação no mercado, seja formal, seja informal.

A metodologia da observação participante logrou captar essas etapas e vinculá-las ao marco teórico, reforçando aspectos essenciais da presença haitiana na cidade como sua

potencialidade e capacidade de adaptação, religiosa, social e culturalmente. A partir desta reflexão, ficaram mais claras as condições de trabalho e de sociabilidade das quais derivam os recursos remetidos aos familiares ainda residentes no Haiti.

Um aspecto que chama atenção também consiste na questão de migração ser o fato de que boa parte das mulheres participa do desenvolvimento socioeconômico, o que possibilita pesquisas futuras. O trabalho de campo em Manaus ofereceu importantes respostas à evidente predominância de homens no conjunto da migração haitiana no Brasil. Nesse sentido, a sociedade haitiana é profundamente desigual em termos de atividade no plano econômico e social.

As mulheres são minoria nos níveis de remessas e nos segmentos mais bem remunerados de comércio informal. Em outras palavras, seletividades migratórias na origem condicionam a sua pequena participação numérica em Manaus – o que não significa de modo algum que não participem da atividade econômica. Seja por constituírem a família e participarem, portanto, da decisão sobre quem vai ajudar a família no Haiti, seja pelo fato de elas mesmas migrarem, as mulheres compõem uma dimensão do processo migratório que só pôde ser entendida quando entrevistadas.

Por fim, o trabalho de campo, permitiu realizar entrevistas e observações das condições de vida que revelaram aspectos fundamentais da migração haitiana no Brasil, em Manaus, além de suas famílias no Haiti.

Dessa forma, conclui-se que os migrantes internacionais haitianos manifestam uma identidade da diáspora permanente útil nas relações internacionais e nacionais, mostrada pelas entrevistas realizadas e pela revisão da literatura utilizada, sendo que esses entrevistados evidenciam vivenciar um processo de afirmação intensamente nos outros países e no Brasil.

Em outras palavras, os haitianos aqui no Brasil, em Manaus, estão vivendo essa relação dialeticamente na sua permanência. Muitos elementos socioeconômicos, políticos e culturais haitianos foram identificados neste estudo, contudo, merecem aprofundamento por outras pesquisas, sendo fundamental a participação de pesquisadores estrangeiros e haitianos nesse processo.

REFERÊNCIAS

AUDEBERT, C. **La diaspora Haitienne: territoires migrations et réseaux transnationaux**, PUR, Campus de la Harpe, 2012.

ANGLADE, G. **Espace et liberté en Haïti**. Montréal: ERCE, 1982.

ACP. **Observatoire sur les migrations**. Vue d'ensemble sur les migrations Sud-Sud, tendances du développement et besoins en termes de recherche en Haïti, 2014.

BAENINGER, R. **Migração internacional** - Estudos de População, Campinas: Núcleo de - Nepo/Unicamp, 2013, p. 36.

BARALDI, C. B. F. **Migrações Internacionais, Direitos Humanos e Cidadania Sul-Americana: o prisma do Brasil e da Integração Sul-americana**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo, 2014.

Banque de la République d'Haiti (BRH). **Les transferts de la diaspora représentent 34% du PIB de Haïti en 2017**. <https://lenouvelliste.com/public/article/182459/les-transferts-de-la-diaspora-representent-34-du-pib-dhaiti-en-2017>. Acesso 6 \ 01 \ 2017.

Banco Mundial. **Haïti, les Défis de la Lutte contre la Pauvreté**. Banque de la République d'Haïti: Rapport Annuel, 2014.

BECKER, G. **Théorie du Capital Humain**, New York, Columbia University Pres, 1964.

BIEN-AIMÉ, G. **Pourquoi les funérailles coûtent-elles si cher?** 2012. Disponível em: <http://lenouvelliste.com/lenouvelliste/article/Pourquoi-les-funerailles-coutent-elles-si-cher.html>. Acesso 8 \ 01 \ 2018.

BINFORD, L. **Remesas y Subdesarrollo en México**. Revista Relaciones, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, nº 90, v. XXIII, Primavera 2002. p. 116-158.

BRASIL. **Resolução Normativa CNIg nº 97 de 12/01/2012**. Dispõe sobre a concessão do visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, as nacionais do Haiti. Brasília: Conselho Nacional Da Imigração, 2012.

BRAZ DIAZ, J. **Enviando dinheiro, construindo afetos**. Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional. Brasília: Athalaia/ABA, 2010, p. 45. Disponível em: www.portal.abant.org.br/livros/Mundos_Em_Circula%C3%A7%C3%A3o. Acesso em 22\04\2018.

CARNEY, D. E. **Sustainable Rural Livelihoods**. What Contribution can we make? In Book Sustainable Rural Livelihoods. What Contribution can we make? ed. City: DfID, 1998.

CASTLES S.; MILLER, M. **The Age of Migration**. International Population Movements in the Modern World, 3e édition, Macmillan Press Ltd., Londres, 2009.

CEM. **Centro de Estudos Migratório. Memória** da chegada de imigrantes haitianos a Manaus, 2010-2014: presença da pastoral do migrante, São Paulo\SP, ed. J.C.P, 2016.

CEPAL. **La Actual Crisis Financiera Internacional Y Sus Efectos En América Latina Y El Caribe**, 2009. Disponível em: http://www.cepal.org/publicaciones/xml/0/35390/2009-25-Thecurrentinternationalfinancialcrisis_ESPANOL-WEB.PDF. Acesso 05\07\2018.

COGO, D. **Comunicação e migrações transnacionais: o Brasil (re) significado** em redes migratórias de haitianos. Revista de Estudos Universitários, 2014, p. 233-257. Disponível em: <http://www.revistachasqui> Acesso 20 \ 01 \ 2018.

CNUCED. **Contribution du commerce au renforcement du developpement et à la reduction de la pauvreté**, aspects lies a la mobilite de la main-d'ceuvre et au commerce des competences. Nations Unies, N.Y et Geneve, 2008.

DAES. **Département des affaires économiques et sociales des Nations Unies**. Trends in International Migrant Stock: Migrants by Destination and Origin (United Nations database, POP/DB/MIG/Stock/Rev.2013). World Urbanization Prospects, 2013-2014.

DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

DOCQUIER, F. **Fuite des cerveaux et inégalités entre pays**. Revue d'économie du développement, no. 2. 2007, p. 49-88.

DOCQUIER, F.; MARFOUK, A. **International migration by educational attainment**, 2006, p. 151.

DORVILIER F. **Les causes de la crise de la transition démographique en Haïti: une analyse néo-institutionnelle**. Ralentissements, résistances et ruptures dans les transitions démographiques, Université d'État d'Haïti, 2010, p. 5-7.

DOURA, F. **Haïti: histoire et analyse d'une extraversion dependante organisée**. Montreal, Les Editions DAMI, 2010, p. 173.

FDH. **Contribution à un programme stratégique de reconstruction et de développement pour Haïti**. Organisation des États américains, Washington, DC. 2010.

FOCAL. Rapport final: **Conférence de Montréal avec la Diáspora haïtienne**. Canadá. 10-11 Décembre 2004.

GAZIER, B. **Les stratégies des ressources humaines**. Paris: le découvert, 1993.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008. p. 27.

GUBERT, F. **Migrations du Sud et reduction de la pauvreté: des effets ambigus pour les pays de départ**, in E.M. Mouhoud (dir.) Les Nouvelles migrations, Universalis, Paris, 2007.

GUPTA, S. **Impact of remittances on poverty and financial development in Sub-Saharan Africa**, Working Paper, FMI, no 07/38, 2007.

GLICK-SCHILLER, N. **Towards a transnational perspective on migration.** Academy of Sciences: New York, 2001.

HANDERSON, J. **Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa.** Tese (doutorado) – UFRJ/Museu Nacional/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, 2015, p. 343-346.

HEIN de Haas. **Migration et développement: Une perspective théorique.** Version traduite d'un article publié sous sa forme finale dans *International Migration Review*, 2010.

HURBON, L. **Comprendre Haïti: Essai sur l'Etat, la nation, la culture.** Port-au-Prince, HT: Ed. Henri Deschamps, 1987.

IHSI. Institut Haitien de Statistique et l'Informatique. **“Les comptes économique en 2013 et 2015”** Port-au-Prince, Haïti, 2015.

INS. **Estimations de la population immigrante non autorisée résidant aux États-Unis: 2000-2016.** www.dhs.gov/xlibrary/pdf. Acesso 25\10\ 2017.

JAIMES, A. **Haïti-Québec-Canada: Towards a partnership in mental health.** Online symposium summary, 2008. www.haitisantementale.ca Acesso 02 Janeiro 2018.

KEELEY, B. **Le capital humain: comment le savoir determine notre vie.** Les essentiels de l'OCDE. OCDE, 2007.

KELLY, P. F. **“Social and cultural capital in the urban ghetto: implications for the economic sociology of immigration”.** *The economic sociology of immigration.* Nova York, Russell Sage, 1995.

KIRMAYER, L. J. **Culture et santé mentale en Haïti: OMS/OPS une revue de littérature.** Genève: OMS. 2010.

LAUVERGNIER, C. **Des Caraïbes aux États-Unis, via l'Amérique latine: l'interminable périple des migrants haïtiens et cubains.** 2016. Disponível em: <http://observers.france24.com/fr/20160825-caraibes-etats-unis-amerique-latine-interminable-periple-migrants-haitiens-cuba-1-2>. Acesso em: 26\06\2018.

LEWIS, J. R. **International Labour Migration and Uneven Regional Development in Labour Exporting Countries.** *Tijdschrift Voor Economische En Sociale Geografie*, 1986, p. 27-41.

LUCAS, R. E. B. **Motivations to Remit: Evidence from Botswana.** *Journal of Political Economy*, 1985, p. 901.

MAGALHÃES, L. F. **A imigração haitiana em Santa Catarina: perfil socio demográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependência de remessas no Haïti.** Campinas, 2017.

MAGLOIRE, D. **Le rôle de la femme haïtienne**. Conference held on April 24th, Montreal, 2008. Disponível em: www.haitisantementale.ca Acesso 17 \ 11 \ 2017.

MARNDR. **Ministère de l'Agriculture, des Ressources Naturelles et du Développement Rural**, 2016. Disponível em: <http://gafspfund> Acesso 27 \ 11 \ 2017.

MARCELIN, L.E. **Interactions entre politiques publiques, migrations et développement en Haïti**, Les voies de développement, Éditions OCDE, Paris, 2017, p. 78.

MARCELINO, P. F. **Si Proches et Si Lointaines: Les diásporas haïtiennes aux Caraïbes**. Organisation internationale pour les migrations, Bruxelles, 2013.

MARX, K. **O capital: Crítica da economia política**. Livro I e II. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARTINELLI, M. L. O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em serviço social. **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras. 1999.

MASSEY, D. "Theories of international migration: a review and appraisal". Population and Development Review, 1993, p. 431-466.

MCDOWELL, C. **Migration and Sustainable Livelihoods: A Critical Review of the Literature**. Institute of Development Studies: Sussex, 1997.

MPI. Migration Policy Institute. **La diaspora haïtienne aux États-Unis**. Rockefeller Institute - Programme de la diaspora de la Fondation Aspen, 2014.

MILLER, N. L. **Haitian ethnomedical systems and biomedical practitioners: directions for clinicians**. Journal of Transcultural Nursing, 2000, p. 204-211.

NEIBURG, F. G. **Les marchés du centre de Port-au-Prince**. Morphologie, circuits, agents, gouvernance, 2010, p. 12.

NOUVELLISTE. **Je vais continuer à prendre des décisions extrêmement difficiles**, affirme Jovenel Moïse. 2017. Disponível em: <http://lenouvelliste.com/article/je-vais-continuer-a-prendre-des-decisions-extremement-difficiles>. Acesso 4\07\2018.

OCDE; INURED. **Interactions entre politique publique, migration et développement en Haïti**. OECD Development Pathways. Paris, OECD Publishing, 2017.

OIM. Organisation Internationale pour les Migrations **Migration en Haïti: profile migratoire nationale** 2015. Port-au-Prince, Haiti, 2015. Disponível em: http://publications.iom.int/system/files/mp_haiti.pdf, Acesso 10 \ 11 \ 2017.

_____. **Contribution of Returnees: an analytical survey of Post Return Experience**, Genève, 2002 – documento citado em outro documento da OIM intitulado World Migration: Costs and Benefits of International Migration, Genève, 2009, p. 295.

_____. **La migration haïtienne vers le Brésil: Caractéristiques, opportunités et enjeux**. Cahiers migratoires n° 6. 2014.

OROZCO, M. **Remittances and MFI intermediation**: issues and lessons. in Remittances, Microfinance and Development: building the links, Judith Shaw editor, The Foundation for Development Cooperation, 2005, p. 20. Disponível em: http://remesasydesarrollo.org/uploads/media/Remittances_and_MFI_intermediation.pdf, Acesso 13 \ 11 \ 2017.

_____. **Remittances and Microfinance in Latin America and the Caribbean: Steps Forward on a Long Road Ahead**, USAID, 2008. Disponível em: http://www.microlinks.org/ev_en.php Acesso 17\2\2018.

OSWALDO, T. **Redes em processos migratórios**. Tempo Social, USP, 2008. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid, acesso 19\07\2018.

PAUL, B. **Migration et pauvreté en Haïti**: impacts économiques et sociaux des envois de fonds sur l'inégalité et la pauvreté? Université Bordeaux 4, 2008, p. 14.

PERROUX, F. **L'économie du XX^{ème} siècle**. PUF, Paris 1969.

PIERRE, A. **Migration Haïtienne Etat des lieux sur une problématique**, Port-au-Prince, 2014, p. 29.

PONSOT, F. **L'offre de services de transfert d'argent par des institutions de microfinance**, Note de synthèse, CAPAF, 2006, p. 30.

PNUD. **Rapport sur le développement humain 2016**. Programme des Nations Unies pour le développement, New York. 2016. 2013; 2009.

RICHMAN, K. **Migration and Vodou. Florida**: University Press of Florida, 2005.

SAINT-HUBERT, F. **La migration haïtienne, un défi à relever**. Migration Policy Practice, 2012, p. 14-15.

SAYAD, A. **“O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante”**. Travessia – Revista do Migrante, ano XIII (número especial), 2000.

_____. **La Double absence: dès illusions de l'emigré aux souffrances de l'immigré**. Paris: Seul, 1999.

SEGUY, F. **A catástrofe de janeiro de 2010**, a “Internacional Comunitária” e a recolonização do Haiti, Campinas, SP, 2014, p. 24.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução Laura Teixeira Morta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SETÚBAL, A. **Análise de conteúdo: suas implicações nos estudos das comunicações. Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras. 1999.

SIMON, G. **La planète migratoire dans la mondialisation**, Paris, Armand Colin, 2008, p. 255.

SINGER, P. **Economia Política da Urbanização**. 15^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SOUFFRANT, C. **Les haitiens aux États-Unis**. Evanston, Ill, Northwestern University Press, 1974, p. 135. https://www.persee.fr/doc/pop_0032-4663_1974_hos_29_1_16159, Acesso 10\01\2018.

STIGLITZ JOSEPH, E. **Principe d'economie moderne**. De Boeck, Bruxelles, 2003, p. 468.

TÖLÖLYAN, K. '**Rethinking diaspora (s): stateless power in the transnational moment**', *Diaspora: a journal of transnational studies*, 1996, p. 3-36.

VEBLEN, T. **La théorie de la classe de loisirs**. Unwin: London, 1970.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e EsclarecidoTERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
(Resolução 466/2012 CNS/CONEP)**Pesquisador:** Renel Fleurima**Orientadores:** Jodival Maurício da Costa e Handerson Joseph**CAAE:** 91695018.0.0000.0003**Instituição Proponente:** Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação**Patrocinador Principal:** Fund. Coord. de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**Número do Parecer:** 2.853.308

Prezado (a) Senhor (a):

Através deste termo solicitamos a sua autorização para participar do projeto de pesquisa intitulado **“A MIGRAÇÃO INTERNACIONAL E A DIÁSPORA HAITIANA: DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO NO HAITI NO PERÍODO DE 2005-2015”**. O objetivo deste trabalho é analisar a migração internacional e a diáspora haitiana nas relações de desenvolvimento socioeconômico do Haiti no período de 2005-2015. Para realizar o estudo será necessário que o (a) senhor (a) se disponibilize a participar de entrevistas gravadas, previamente agendadas a sua conveniência. Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro para avaliar a potencialidade de migração internacional e a diáspora haitiana nas implicações de desenvolvimento socioeconômico no Haiti. Desta forma, mínimos os riscos a presente pesquisa aos interlocutores, em virtude das informações coletadas serão utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual o (a) senhor (a) receberá uma cópia.

As entrevistas gravadas serão devidamente arquivadas junto ao Programa Pós-Graduação de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Amapá. Os benefícios da pesquisa serão contribuídos com reflexões da formação e potencialidade acadêmica desenvolvida pela Universidade Federal do Amapá, requerente ao processo de migração, considerando a dinâmica da modernização equilibrada e estratégica da produção nacional.

O (a) senhor (a) terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº466/2012 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estaremos disponíveis através dos telefones: (55) 96 8136-2269, e-mail: jodival.costa@gmail.com e (55) 96 8135-3746, e-mail: handersonj_82@yahoo.es ou o (a) senhor (a) também poderá entrar em contato com, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amapá Rodovia JK, s/n – Bairro Marco Zero do Equador - Macapá/AP, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação, através dos telefones (96) 4009-2804, 4009- 2805 ou e-mail: cep@unifap.br. Desde já agradecemos.

Macapá, _____ de _____ de 2018.

Pesquisador responsável
Renel Fleurima
Programa Pós-Graduação de Mestrado em Desenvolvimento Regional da
Universidade Federal do Amapá
(55) 96 98117-1743, e-mail: fleurima.renel@yahoo.fr

Assinatura dos (as) colaboradores

_____ (NOME POR EXTENSO
DO SUJEITO DE PESQUISA), tendo sido devidamente esclarecido sobre
os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da
pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: _____

Obs.: Caso o participante da pesquisa seja menor de idade, o texto deve estar voltado para os pais e deve ser incluído ainda, campo para assinatura do menor e do responsável.

APÊNDICE B: Roteiro para entrevista**Questionário usado para pesquisa destacando o perfil de migrantes internacionais e diáspora haitiana.**

Local: _____

Data: ____ / ____ / 2018.

IDENTIFICAÇÃO

Nome completo: _____

Sexo: _____ Data de nascimento: ____ / ____ / ____

Endereço atual: _____

Estado civil: _____ Número de Filhos: _____

Número de filhos nascidos no Brasil: _____

Escolarização: _____

Atividade de trabalho desenvolvida no Haiti: _____

Atividade de trabalho atual: _____

Telefone: _____ E-mail: _____

Cidade de origem no Haiti: _____

Estado antes de chegar nesta cidade de residência: _____

Religião: _____

Perguntas abertas para migrantes internacionais e diáspora haitiana sobre os impactos de desenvolvimento socioeconômico no Haiti

- 1- Há quanto tempo você está vivendo fora do Haiti?
- 2- Quais são seus motivos para deixar o Haiti?
- 3- Fale sobre sua experiência em países estrangeiros?
- 4- Que diferença você faz entre sua vida socioeconômica no Haiti e no Brasil?
- 5- Depois de residir no Brasil sua vida socioeconômica melhorou?
- 6- Você contribui no desenvolvimento socioeconômico no Haiti? Se sim, como você contribui? Quais tipos de contribuições?
- 7- Você envia dinheiro para o Haiti? Por quais rotas? Para quem?
- 8- Além do dinheiro, que outras bagagens você enviou?
- 9- Como você ajudou os membros de sua família no Haiti?
- 10- Por quem você enviou lhe? Por contêiner ou por agentes de viagens (faktè)?
- 11- Você acha que a população haitiana também contribui para os desenvolvimentos socioeconômicos?
- 12- Você tem algumas propriedades, bens ou empresas no Haiti? Se sim, desde quando? Você tinha-os antes de sair do Haiti ou no momento residência no Brasil?
- 13- Que tipos de bens, propriedades ou empresas?
- 14- Eles são bens, propriedades ou empresas coletivos ou individuais?
- 15- Eles contribuem para o desenvolvimento socioeconômico da população haitiana?
- 16- Você é membro ou responsável de uma associação dos migrantes?
- 17- Esta associação contribui para o bem-estar social e econômico do Haiti?
- 18- Qual é a sua compreensão do Estado haitiano?
- 19- Você acha que o Estado haitiano deve implementar das políticas públicas que visem melhorar as condições necessárias da população local?
- 20- Em sua opinião, que tipos de políticas públicas o Estado haitiano deve implementar para encontrar uma solução social, econômica e política?